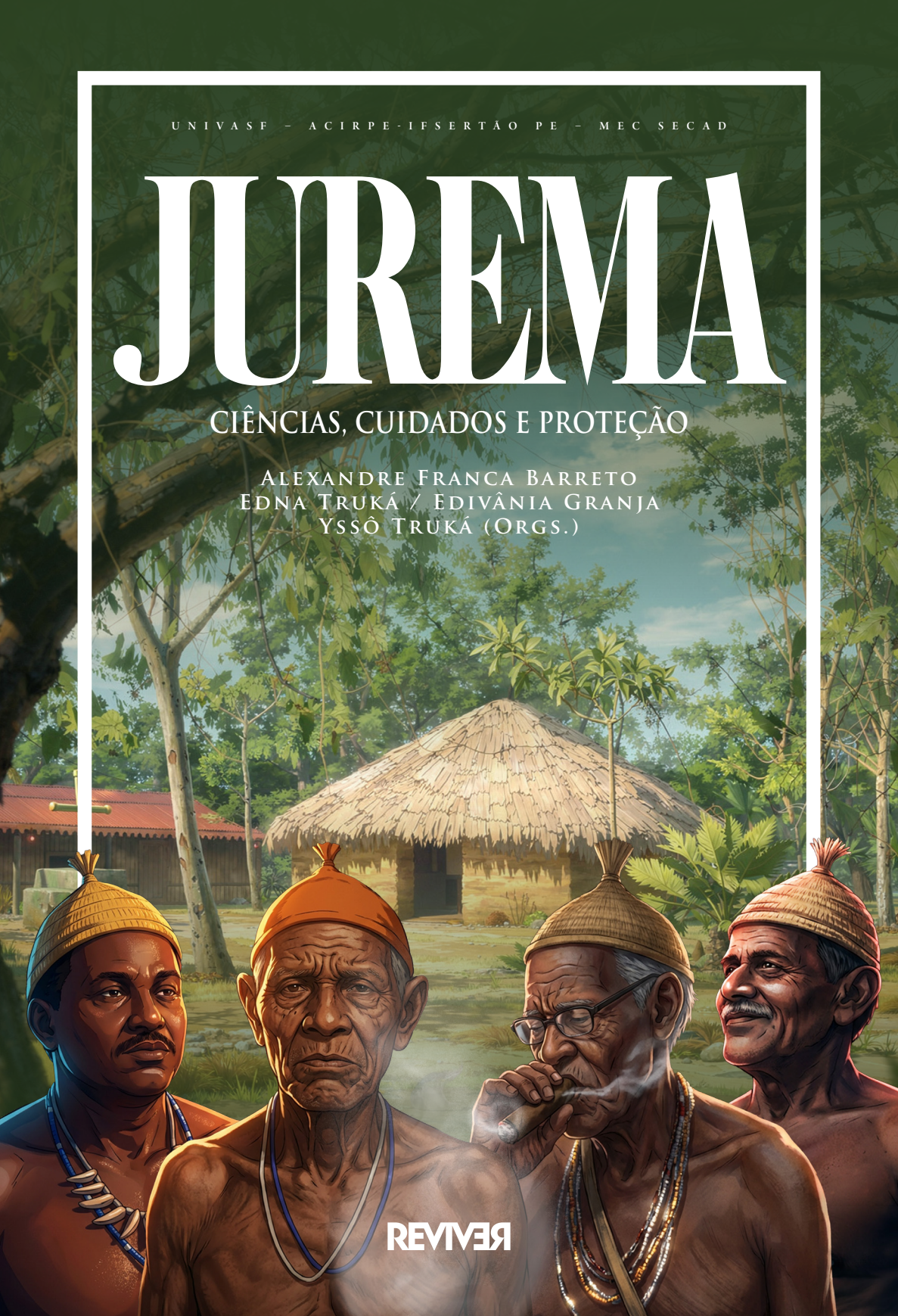
UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

JUREMA

CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

ALEXANDRE FRANCA BARRETO
EDNA TRUKÁ / EDIVÂNIA GRANJA
YSSÔ TRUKÁ (ORGS.)



REVIVER



UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

JUREMA

CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

Alexandre Franca Barreto
Edna Truká / Edivânia Granja
Yssô Truká (Orgs.)

Editora reviver - são paulo - 2026

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

MEDICINAS ANCESTRAIS:
JUREMA – CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO 19

ABERTURA

EM DEFESA DA JUREMA E DA VIDA NA CAATINGA
NEGUINHO TRUKÁ 35

GRITO DE PROTEÇÃO E CUIDADO À SAGRADA JUREMA
PRETINHA TRUKÁ 38

RESISTIR E AVANÇAR RUMO A UMA NAÇÃO PLURIÉTNICA
MARQUINHOS XUKURÚ 39

RAMA 1

CIÊNCIAS DA JUREMA

JUREMA MÃE TERRA

A JUREMA EDUCA, MOSTRA E ENSINA
PATRICIA PANKARARÉ 47

JUREMA – LUGAR DE ESCUTA E DE FALA
ELISA PANKARARU 54

MÃE QUE NOS DÁ FORÇA E PROTEÇÃO
ZENILDA XUKURÚ 56

AMOR, VIDA E ANCESTRALIDADE
ANÁLIA TUXÁ 61

RAMA 1

CIÊNCIAS DA JUREMA 1

JUREMA – CIÊNCIA DO SEGREDO E DA REVELAÇÃO
PAJÉ MANOEL CACHEADO 75

JUREMA É AÇÃO SOCIAL
PAI ALEX GOMES 77

PLANTA PIONEIRA
RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD 87

ARQUEOLOGIA DO VÍNCULO HUMANO-VEGETAL
GUILHERME MEDEIROS 94

RAMA 1

CIÊNCIAS DA JUREMA 2

JUREMA – ALIMENTO DA ALMA QUE PURIFICA O CORPO
ULISSES TRUKÁ 107

CIÊNCIAS DO CATIMBÓ
JOÃO BATISTA FIGUEREDO DE OLIVEIRA 109

CIÊNCIA ENCANTADA DA JUREMA
MARCELO LEITE 116

CHAMADOS DA JUREMA
DRÁULIO ARAÚJO 123

RAMA 2

JUREMA: CUIDADOS COM A VIDA

CUIDAR DAS CIÊNCIAS E PROTEGER A VIDA

URERÉKA – RELAÇÃO DE CUIDADO COM A VIDA EM SUAS DIFERENÇAS
UWIRA XAKRIABÁ 137

ENTRE LUZES E SOMBRAS EM BUSCA DE CUIDADO NA RELAÇÃO
RICARDO MOEBUS 154

OUVIR MAIS, ACEITAR NOSSA FALTA DE BÚSSOLA MORAL E APRENDER COM AS DIFERENÇAS
SIDARTA RIBEIRO 157

O BRASIL E SUAS CIÊNCIAS MESTIÇAS: POSSIBILIDADES CONTRA COLONIAIS
RICARDO MOEBUS 164

RELAÇÃO DE CUIDADO NA DIFERENÇA*
SAULO FEITOSA 165

*RELAÇÃO DE CUIDADO NA DIFERENÇA
CICINHO XUKURU-KARIRI 169

RAMA 2

JUREMA: CUIDADOS NA SAÚDE INDÍGENA

SISTEMAS DE SAÚDE INDÍGENA, BEM VIVER E SAÚDE MENTAL

A URGÊNCIA DO RECONHECIMENTO DOS SISTEMAS DE SAÚDE INDÍGENA NO SUS
ANGÉLICA MAIA 175

POR UMA AMPLA TEIA DE CUIDADOS
LUÍS FERNANDO TÓFOLI 187

PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E BEM VIVER
EDNALDO XUKURU 195

A JUREMA DÁ CIÊNCIA COM SEU CUIDADO
PAJÉ DÃO TRUKÁ 206

POLÍTICA DE SAÚDE INDÍGENA
YSSÔ TRUKÁ 216

RAMA 3

PROTEÇÃO DA JUREMA

JUREMA, UMBANDA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL
JOÃO BOSCO 231

REFLORESCIMENTO TRUKÁ, JUVENTUDE INDÍGENA E PROTEÇÃO DA JUREMA
NEGUINHO TRUKÁ 237

RAMA 3

PROTEÇÃO DA JUREMA E FORMAÇÃO

DESCOLONIZAGEM:
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS 257
ALEXANDRE FRANCA BARRETO

RECAATINGAR A MENTE 259
YANDERSON MARCOS DA SILVA RAMOS

ESCUTAR COM O CORAÇÃO
E A RESPEITAR A PLURALIDADE
DOSCAMINHOS DO SABER 261
ANTHONIELY KARINA DA SILVA

ESPIRITUALIDADE SE MANIFESTA
NO CHÃO, NAS ÁRVORES, NAS ÁGUAS
E NAS PESSOAS 262
KALINE SANTOS BRITO

SACRALIDADE, ESCUTA,
ATENÇÃO E RESPEITO 263
EUNICE MARIANA SILVA

A UNIVERSIDADE
PRECISA SE ENCANTAR 264
GESSICA LAVINNIA DE OLIVEIRA ESTEVES SANTOS

SABERES ANCESTRAIS E CIENTÍFICOS
PERMITEM VER MUNDO DE MANEIRA
SENSÍVEL E EQUILIBRADA 266
NATHÁLIA ANDREZZA CARVALHO DE SOUZA

MANIFESTO DO I SEMINÁRIO
DE MEDICINAS ANCESTRAIS:
JUREMA – CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO 268




NIKE





MEDICINAS ANCESTRAIS:
JUREMA – CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

Às margens do rio Opará — o rio que é mar, também conhecido como rio São Francisco, nome dado no processo de colonização pelos portugueses —, tendo um céu azul e o calor do sol brilhante do semiárido nordestino, com temperaturas quentes durante o dia e amenas durante as noites de final de outono, recebemos um aconchego sertanejo para realização do I Seminário de Medicinas Ancestrais: Jurema – Ciências, cuidados e proteção.

Fomos acolhidos no território sagrado do povo Truká, uma população com cerca de 6 mil indígenas, cuja maior parte do território é marcada por ilhas fluviais do São Francisco, entre os municípios de Cabrobó e Orocó, no sertão de Pernambuco. A história de retomada de sua identidade e território é marcada por uma bravura e resistência diante da ocupação colonial, e o modo como suas memórias, ritos, cantos e práticas vêm se relevando falam de sua sensibilidade e do profundo

envolvimento com a vida em sua biodiversidade caatingueira, bem como sua íntima relação com a Jurema. Sendo caatingueiros e sertanejos, reconhecem que uma de suas mais importantes matrizes espirituais é a Mãe D'água. Alinhados às correntes das águas, ocupam um lugar familiar de protetores do rio e vivem no cotidiano uma relação com seus parentes encantados das águas e toda a biodiversidade que os circundam. A Jurema tem uma presença central no resgate de memórias, sonhos e na organização de suas práticas espirituais. Assim como a Jurema se manifesta para o povo Truká como um dos elementos identitários mais relevantes, ela se faz presente na totalidade dos povos indígenas do Sertão nordestino. Como assinalou Rodrigo Grünewald, a Jurema e o toré (rito espiritual com cantos e danças que segue acompanhado da beberagem da Jurema) são os dois principais ícones da indianidade nordestina.

A construção do I Seminário de Medicinas Ancestrais: Jurema – Ciências, cuidados e proteção foi uma convocação da Jurema, que nos guiou, antes, durante e após o evento. Na história colonial do nosso país, a Jurema sempre foi alvo de perseguição e suspeição por parte de seus colonos, apesar de seus benefícios medicinais que seguem válidos e ainda mais evidentes hoje. Mas toda a história de intolerância e violência social em nosso país não permitiu realizar um encontro de diferentes matrizes de pensamento e visão de mundo para compartilhar saberes sobre a Jurema.

O Seminário, então, foi um encontro de matrizes indígenas, africanas e europeias que habitam no próprio corpo e território dos muitos de nós brasileiros que viveram na sua história familiar a miscigenação. No território sagrado do povo Truká que nos abriu a porta para acolher este diálogo tão sagrado e delicado, embaixo de uma grande oca coletiva coberta com taboas, indígenas de diferentes etnias, povos de terreiro, cientistas e membros da

comunidade universitária se escutaram. O cacique Neguinho Truká, no último dia do evento, falou: "Este diálogo deveria ter ocorrido há 525 anos atrás". Esta reflexão fala do tempo e do desejo de diálogo respeitoso entre diferentes e múltiplas raízes étnicas. Neste encontro diverso, houve uma potência indescritível para muitas das pessoas que estiveram presentes ou que puderam acompanhar de maneira virtual. Este livro é uma forma de materializar um pouco de tudo que vivemos naqueles dias de encontro e compartilhar, com um número maior de pessoas, a graça dos saberes e da sensibilidade ética presente nos trabalhos.

Houve uma confluência de interesses. Entre os povos indígenas e das comunidades de terreiro, era evidente a vontade de debater sobre a proteção da Jurema enquanto espécie e do próprio bioma da Caatinga. A preservação da Jurema é urgente, uma vez que sua comercialização se alastra no mundo e os interesses utilitários associados ao uso de sua madeira (de altíssima resistência), bem como de sua molécula (DMT – dimetiltriptamina), ganham cada vez mais valores comerciais que preocupam tais povos. Adicionalmente, o modo como se fala da Jurema nas mídias sociais e a maneira como se passam informações de seu uso espiritual e/ou ritualístico estimulam práticas e modos de uso que são vistos com grande preocupação por parte das lideranças indígenas e das comunidades de terreiro.

No campo acadêmico e científico, com o avanço do que chamamos hoje de medicina psicodélica, a Jurema e sua molécula mais estudadas (o DMT) têm apresentado resultados entusiasmantes para transtornos mentais persistentes de nossa sociedade contemporânea, formas de uso adaptadas ao contexto de saúde têm gerado melhoras em quadros graves de depressão e de ansiedade. Contudo, existe uma preocupação ética com os riscos de apropriação e uso indevido, o que gera

uma necessidade de diálogo e entendimento com os povos tradicionais que se relacionam com a Jurema de forma ética há muito mais tempo do que a ciência moderna. Existe um aspecto crucial na cosmovisão dos povos indígenas do Sertão que, de forma aproximada, se faz presente nos povos de terreiro: sua relação com o território é sagrada. Não é apenas com a Jurema, mas com toda a biodiversidade. Contudo, a Jurema se destaca por ser uma mãe pioneira que habita o território e dá amparo, consolo, acolhimento, conforto e coragem para os seus filhos coabitarem. Já a cosmovisão da ciência moderna dessacraliza tudo, transformando em objeto e atribuindo valor de uso. Existe um grande risco de as moléculas da Jurema se tornarem valiosas não pela sua sacralidade, mas pelo seu valor de uso, e, neste sentido, se tornar apenas mais um produto rentável em uma sociedade que consome recursos naturais de maneira insustentável.

Atualmente, cada vez mais criamos um mercado consumidor crônico no campo da saúde mental. Hoje, nossas crianças recebem diagnósticos com transtornos que se transformam em marcas identitárias para toda a vida. Cerca de 10 a 20% das crianças na atualidade[1] já estão fazendo parte deste grupo, no qual a depressão, transtornos de ansiedade, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno por uso de substâncias e transtornos de conduta[2] já são diagnosticados em período inicial da vida. O TEA (transtorno do espectro autista) já atinge 2,6% da população entre 5 e 9 anos, segundo estudo de 2022 feito pelo IBGE[3], sendo mais de 2,4 milhões de pessoas no Brasil diagnosticadas. Esse cenário traçado na infância é só uma parte da tragédia que afeta de maneira ainda mais alarmante a população jovem e adulta. O Brasil é o país da América Latina com maior prevalência de depressão[4], e no mundo, mais de 300 milhões de pessoas são afetadas por este transtorno.

Os transtornos de ansiedade[5] apresentam dados ainda mais preocupantes, são 56 milhões de brasileiros, e no planeta, estima-se 328 milhões de pessoas. A tragédia no campo que chamamos de saúde mental já está evidente. Cada vez mais a própria vida tem se transformado em estilos, comportamentos, hábitos e significados psicopatológicos, em que um mercado aquecido captura o sofrimento com infindáveis novas tecnologias que prometem inovações terapêuticas e protocolos com evidências científicas que apenas amenizam o sofrimento, pois a cura seria indesejável ao mercado e/ou impossível do ponto de vista clínico. O manejo do sofrimento humano em um mercado da doença não é diferente do manejo da biodiversidade em um mercado de consumo, no qual o medo da morte, da dor e da própria liberdade servem de combustível, mais ou menos conscientes, para aquecer este mercado. Por outro lado, o respeito à vida em sua diversidade tem sido continuamente colocado em xeque.

1. https://revistapesquisa.fapesp.br/frequencia-de-transtornos-mentais-dobra-entre-a-infancia-e-a-adolescencia/

2. https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/L3j6bTTtvSK4W9Npd7KQJNB/?lang=pt

3. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil

4. https://www.bbc.com/portuguese/articles/czkekymmv55o

5. https://veja.abril.com.br/comportamento/brasil-ocupa-alarmante-papel-de-destaque-na-atual-epidemia-global-de-ansiedade/

Ao sermos convocados pela Jurema, nos abrimos para refletir a diferença que há entre consumir a vida (do latim consumere, que podemos interpretar etimologicamente como "usar completamente", "esgotar" e "destruir") e assumir a vida (do latim assumere, que significa "tomar para si"). Apesar do mesmo sufixo, o prefixo denota uma postura totalmente diferente. A Jurema está nos chamando para assumirmos a vida.

Organizamos este livro procurando respeitar a sequência que aconteceu durante o Seminário. Realizamos a transcrição das principais rodas de diálogo e procuramos incluir a maioria dos participantes com suas falas iniciais. No início do livro, extraímos algumas falas iniciais da mesa de abertura do evento, dando destaque a Neguinho Truká, Pretinha Truká e Marquinhos Xukurú, importantes lideranças indígenas no campo político e educacional do país. Em seguida, passamos a trabalhar conforme o programa do Seminário, a Jurema como raiz. Definimos 3 ramas principais que guiaram nossos diálogos. A primeira rama que adentramos foi a das Ciências.

Na Rama 1 temos 3 capítulos com importantes vozes de lideranças espirituais indígenas, de terreiros e cientistas acadêmicos trazendo suas contribuições, compartilhando suas visões de mundo e conhecimentos passíveis de serem ditos acerca da Jurema. Os diálogos são profundos e reflexivos, sentimos uma convocação à simplicidade e à sabedoria. As diferentes ciências da Jurema revelam a amplitude epistêmica da diversidade, bem como múltiplas expressões de um mistério maior. Na Rama 2, o foco passa a ser o cuidado, por dois capítulos temos a presença de autores que ocupam lugares híbridos ou talvez confluentes, indígenas acadêmicos ou gestores de saúde, bem como pesquisadores e lideranças espirituais que se dedicam a falar do cuidado. Neste contexto, observamos a amplitude deste debate

plural que envolve o reconhecimento da falta de uma bússola moral na ciência moderna, bem como a necessidade de ampliar formas de inclusão e reconhecimento das medicinas indígenas. A própria ideia de saúde mental também é alargada ao olhar o âmbito do Bem Viver e da vida na relação com o território e a biodiversidade.

A rama 3 aborda a Proteção, e está divida em dois capítulos. Vale destacar que, ao longo de todo o Seminário, a proteção foi a temática principal. Estamos em um momento social que existe uma urgência de proteção. João Bosco (jovem liderança da umbanda) e o cacique Neguinho encerram este diálogo evocando a necessidade de caminhos para proteger a Jurema. Proteger a Jurema é proteger a vida em sua biodiversidade.

O último capítulo é composto de um compilado de pequenos relatos sobre a experiência formativa de estudantes universitários da graduação e pós-graduação que participaram da organização do evento. Damos destaque a um conceito, chamamos aqui de descolonizagem. Buscamos destacar como o envolvimento com esta experiência potencializa tantos aprendizados fundamentais para a redução do epistemicídio produzido nos ambientes universitários ao longo de pouco mais de dois séculos da implementação de universidades, como um projeto colonizador de domínio e apropriação dos chamados de saúde. Por fim, encerramos o livro com o Manifesto produzido durante o último dia do Seminário em defesa da Jurema.

O Seminário foi realizado contando com apoio financeiro da SECADI – MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão – Ministério da Educação). Agradecemos à Rosilene Tuxá, pelo respeito e cuidado técnico com que se ocupou do nosso projeto, garantindo recursos que foram fundamentais para potencializar

a educação indígena na região do nosso Sertão nordestino e as práticas de descolonizagem do saber. A Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a ACIRPE (Associação da Comunidade Indígena Rio Pequeno) do povo Truká cumpriram um papel fundamental na realização do Seminário, ao firmar um convênio que trouxe um giro epistemológico e prático pela primeira vez, realizando um evento científico de proporção nacional dentro de um território indígena, tendo a presença dos povos indígenas como protagonistas ativos nos diálogos acerca dos saberes e da ciência.

O Instituto Federal do Sertão Pernambucano e a FADE (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco) contribuíram com trabalho e dedicação contínua na luta pela educação indígena no Sertão nordestino, viabilizando a descentralização de recursos para que o nosso projeto pudesse ser executado de maneira coerente com sua proposta. Agradecemos à SESAI – MS (Secretaria Especial de Saúde Indígena – Ministério da Saúde), através da colaboração de Edinaldo Xucuru, Angélica Maia e Putira Sacuena, que com sua parceria possibilitaram uma articulação para a presença de cerca de uma centena de profissionais do SesiSUS (Subsistema de Saúde Indígena – Sistema Único de Saúde). O apoio financeiro da AGSUS (Agência Brasileira de Apoio à Gestão do Sistema Único de Saúde), agradecimentos ao Vinicius Biagi Antonelli, presidente do INE (Instituto Nova Era), que foi fundamental para qualificar a acolhida dos participantes e aprofundar o diálogo e as práticas em agroecologia, base essencial para um debate ampliado sobre saúde. Nossos parceiros foram ainda mais numerosos e atuaram de diferentes formas, colaborando de maneira decisiva para a realização deste evento e desta publicação.

Ao Estúdio Criativo Reviver, responsável pelos processos editoriais, transformando todo conteúdo captado e adaptado para esta obra, com os trabalhos do Giovanni Tabolacci, como coordenador editorial e diretor de arte e a Marina Parra e Silvia Anderson, pelas transcrições dos vídeos originais e também pela edição de texto e revisão de todo material. Ao Iberê Périssé, Adriano dos Santos Barros e à juventude Truká pelas belas imagens que ilustram este registro.

Nossos agradecimentos se estendem a todas as pessoas e organizações que trabalham no evento em todas as etapas de organização, planejamento e execução em diferentes funções, bem como se fazendo presentes como participantes. O apoio financeiro destes também foi fundamental para viabilizar o encontro. Por fim, somos gratos pela presença da Jurema entre nós. Se aprendemos algo, é porque a Jurema acolhe todas as pessoas, e precisamos compreender cada vez mais a amplitude de suas ciências, modos de cuidado e proteção da vida.

Alexandre Franca Barreto
Edna Truká
Edivânia Granja
Yssô Truká





JUREMA

CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

EM DEFESA DA JUREMA E DA VIDA NA CAATINGA
NEGUINHO TRUKÁ

GRITO DE PROTEÇÃO E CUIDADO À SAGRADA JUREMA
PRETINHA TRUKÁ

RESISTIR E AVANÇAR RUMO A UMA NAÇÃO PLURIÉTNICA
MARQUINHOS XUKURÚ



EM DEFESA DA JUREMA E DA VIDA NA CAATINGA

NEGUINHO TRUKÁ

Sou o cacique Neguinho Truká, da Ilha de Assunção, em Cabrobó, Pernambuco. Nós, Truká, nunca mudamos. A nossa presença aqui, de famílias nossas, nessa região, em relatos escritos, tem registros desde o ano de 1615, mas nossos antepassados sempre viveram por aqui. E o que trouxe a gente a aceitar discutir um tema tão profundo como a Jurema é que a Jurema não é nada do que muita gente tem feito ou falado.

Eu vejo o juremeiro, que parece que sem ter conteúdo de mostrar o que de fato a cultura da Jurema é, tem mostrado segredos, ainda bem que de forma errada. A forma que prepara, por exemplo. Isso é uma exposição, do ponto de vista do meu povo, totalmente desnecessária. Eu tenho 52 anos de idade, entre nós, Truká, eu conheci um único juremeiro, por nome de Jerônimo, que faleceu aos 94 anos, e conheci outro menino agora que os encantados nomearam, que tem apenas 22 anos de idade. Mas eu, enquanto cacique do meu povo, não tenho a permissão

de ir lá mexer na Jurema e muito menos de tocar nela de forma alguma sem autorização da pajelança e sem autorização do meu juremeiro. E aí tem gente que acha que pode ir lá pegar.

Teve uns pesquisadores espanhóis que chegaram lá na aldeia, na curiosidade de saber o que era Jurema, a gente deixou eles bem à vontade. Nós não fomos mostrar, não. Resolveram fazer e vimos eles bêbados de Jurema, sem ter controle do corpo, e na sova. Moral da história? Não quiseram mais desrespeitar. E o que nos trouxe até aqui, gente, é uma preocupação com a biopirataria da Jurema. Foi preso aqui, no sertão da Bahia, duas carretas de toras de Juremas que iriam para a Holanda. Então estão biopirateando a nossa Jurema. E todos nós que somos filhos dela, que sabemos da benevolência que ela tem feito ao longo dos anos aos nossos povos, aos nossos terreiros, às nossas casas, às nossas vidas, temos obrigação de criarmos uma campanha, um grupo, um universo entre nós nesse entorno, para que a gente consiga trazer esse assunto à tona, para que a gente consiga de fato proteger quem sempre nos protegeu.

Eu não vim para cá pra discutir de que forma a Jurema é preparada ou para que ela serve na minha cultura. Se nós tivermos o toré, todos que estão aqui irão tomar Jurema que a gente faz. Aqueles que quiserem, porque também não é obrigatório, mas a gente não veio para entrar nesse tema, que para o meu povo é fundamental e mais do que secreto há mais de mil anos, até as histórias que a gente sabe. A gente está bastante preocupado com a biopirataria, nós precisamos nos reunir em defesa da Jurema.

Às vezes, parece que no nosso país só tem um bioma, que é o da Floresta Amazônica. Todos os outros biomas têm sido desprezados ao longo do tempo. Os Pampas, a Mata Atlântica, o Cerrado, a Caatinga. E nós temos um bioma importante que hoje só tem lá perto da terra de Marco Xukurú, que fica na divisa

de Xukurú de Cimbres com Arcoverde, que é a Restinga. O que é essa Restinga? Onde se dividia a Mata Atlântica com a Caatinga, as árvores da Caatinga, que aqui pra gente geralmente as maiores chegam a 8 metros, 9 metros, no máximo, lá você vê elas com 20 metros, 15 metros, 30 metros de altura. E esse bioma se acabou por conta dessa destruição.

E a Caatinga também, ela tem sido destruída pela mão humana. E nós temos destruído a Caatinga também. A ciência acadêmica tem sua responsabilidade nisto. Foram até a África buscar algaroba, trouxeram para cá. Se vocês passarem em todos os estados do Nordeste, vocês verão que tem algaroba. E a algaroba ela é uma planta invasiva que tem matado todo o bioma, inclusive a Jurema. A Jurema fica menor do que ela, ela cresce, sombreia e mata a Jurema. A algaroba matou muitas Juremas e matou todas as vidas que tem ao entorno da Jurema.

A gente veio para cá fazer essa discussão com vocês e essa provocação, para ver de que forma podemos nos irmanar e criar uma corrente de defesa. Nós não podemos só discutir aqui os nossos pontos de vista, nossos conhecimentos, e depois voltar para casa, como se nada estivesse acontecendo. Tudo que a gente está discutindo aqui, tudo que é base das nossas vidas, da nossa cultura, está em perigo extremo. Existe uma maldade nessas pessoas que estão traficando, podem querer também patentear. Nós sabemos qual é o poder de cura que a Jurema tem, seu poder benevolente para a saúde. Isso sempre ficou muito escondido, porque, segundo o que os mais velhos nos ensinaram, ela pertence à gente e não pertence ao mesmo tempo, a Jurema é de todo mundo. Então, nem a gente, indígena, quilombola, negro, pais de terreiro, ninguém que usa a Jurema pode se autoidentificar como dono desse conhecimento. E a biopirataria está nos trazendo esse perigo. A gente precisa discutir de forma séria, porque as coisas já

estão graves, estão cortando toras e levando em containers para outros países. Precisamos nos organizar para que nossos filhos e nossos netos possam ter o benefício da Jurema, assim como nós temos e os nossos mais velhos tiveram.

GRITO DE PROTEÇÃO E CUIDADO À SAGRADA JUREMA

PRETINHA TRUKÁ

Que os encantados das águas possam abençoar todas as pessoas, que vocês possam sair daqui renovados e renovadas. Não poderíamos ter escolhido um espaço melhor, porque a terra Truká é cheia de encantos, as pessoas que estão nela estão sobre o comando dessa luz, desse discernimento, desse segmento que a gente tem de conviver à beira das margens do rio São Francisco. Não é à toa que dizem que os Truká têm a geografia das águas, porque onde estão as águas, estão os Truká, e onde tem Truká, tem as águas. As situações vividas pela Jurema são uma temática importante que a gente precisa discutir, a força dos encantados nos orienta nesse Seminário, organizado com apoio principalmente da universidade, que traz para gente, para o povo Truká, receber esse comando da Jurema, abrir nossos olhos, ter um olhar diferenciado dentro da concepção da natureza da Jurema Sagrada, que hoje rege e dá discernimento a muitas culturas, não só à cultura indígena, mas a outras culturas também que se apropriam dessa ciência da Jurema. Precisamos fazer, nesse momento, um grito de proteção e de cuidado com a nossa Jurema Sagrada. Minhas palavras iniciais são essas.

RESISTIR E AVANÇAR RUMO A UMA NAÇÃO PLURIÉTNICA

MARQUINHOS XUKURÚ

Eu gostaria, inicialmente, de agradecer ao nosso pai Tupã, à nossa Mãe Terra, também ao nosso Sagrado. Quero, aqui, pedir permissão aos nossos ancestrais da Ilha de Assunção, que possam nos receber e nos acolher nesse espaço sagrado. Quero saudar a todos na pessoa do nosso irmão Yssô e de Neguinho Truká, os meus dois irmãos, com quem aprendi e sou o que sou hoje, porque nós militamos juntos. Quantas vezes não saí do território Xukurú Ororubá muito jovem para vir ficar na cabeceira da ponte, junto com os irmãos nas retomadas, garantindo o solo sagrado da nação Truká, e vice-versa, quantas vezes os Truká não estiveram, também, no território Xukurú Ororubá, fazendo a luta acontecer. Então, quero falar da minha gratidão ao povo Truká, por essa irmandade, por essa construção coletiva de um processo longo de luta que travamos, na garantia da recuperação da nossa Mãe Terra, do nosso solo sagrado. Evidentemente que tivemos êxito, mas também é importante ressaltar o sofrimento pelo qual passamos, das perdas que tivemos, daqueles que se ancestralizaram nesse processo todo, e aí sim a gente fala do guerreiro e saudoso Chicão Xukurú, uma referência para todos nós. Assim também como teve muitos guerreiros e guerreiras Truká que estiveram na longa caminhada, para que nós pudéssemos chegar até aqui com esse projeto de vida, que a gente acredita e pelo qual nós lutamos, que inicialmente começa pela Terra, mas quando a gente fala da Terra, ela está intrinsecamente ligada a um processo profundo da religiosidade dos povos, do que nós vivenciamos, e só é possível porque há essa relação, essa construção, é isso que muitas vezes as pessoas não entendem, de onde que vem toda essa força.

Por mais dificuldades que a gente tem enfrentado no nosso cotidiano, que os nossos ancestrais passaram, que nós passamos ainda hoje, por mais avanços que tivemos, a luta não cessa, a nossa missão é sempre preparar mais uma pessoa, e é por isso que eu trouxe minha filha, que tá aqui hoje, na luta, já foi para acampamento Terra Livre duas vezes, ela tem participado efetivamente de todo o movimento, tem aprendido com a avó, que a ensina muito. Esse é o nosso papel de líder sempre formar outro, e essa é a grande missão nossa, e a Jurema Sagrada faz parte dessa construção, desse fortalecimento, dessa unidade que conecta a gente, como a pintura do jenipapo que nos protege, a Jurema faz que a gente se conecte e se cure com o nosso sagrado. A gente consegue se fortalecer por ela, mas nem todo mundo entende isso, nem todo mundo compreende. Talvez, com momentos como esse de diálogo, de construção coletiva das pessoas a se predisporem a pensarem juntas, a discutirem juntas, talvez a gente consiga ir minimizando um pouco o preconceito que existe ainda no Brasil, principalmente se tratando dos índios do Nordeste, que é uma dificuldade que a gente enfrenta cotidianamente.



1. Vista aérea do território indígena Truká Tapera, Aldeia Porto Apolônio Salles em Orocó – Pernambuco/Brasil.



2. Vista panorâmica do Espaço Sagrado da Jurema em construção no território indígena Truká Tapera.



3. Imagem do trabalho coletivo de construção do Espaço Sagrado da Jurema, maio de 2025.



4. Imagem da Mesa de Abertura do I Seminário de Medicinas Ancestrais: Jurema – Ciências, cuidados e proteção.



5. Jovem indígena Truká da Aldeia Porto Apolônio Sales, com destaque para as sementes crioulas cultivadas no território.

JUREMA
CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO
UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

CIÊNCIAS DA JUREMA

JUREMA MÃE TERRA

A JUREMA EDUCA, MOSTRA E ENSINA
PATRICIA PANKARARÉ

JUREMA – LUGAR DE ESCUTA E DE FALA
ELISA PANKARARU

MÃE QUE NOS DÁ FORÇA E PROTEÇÃO
ZENILDA XUKURÚ

AMOR, VIDA E ANCESTRALIDADE
ANÁLIA TUXÁ



A JUREMA EDUCA, MOSTRA E ENSINA

PATRICIA PANKARARÉ

Viva a nossa cabocla Jurema! Viva nossos encantos e viva todos os parceiros que vêm do meio das matas, acompanhando nossa Jurema, porque ela não anda só. Peço licença às lideranças Truká, Pretinha, Neguinho e Yssô para falar um pouco da Jurema com vocês. Vou falar da minha convivência com ela e do quanto ela é importante para nós. Antes de falar aqui, escutei atentamente diferentes falas que aqui passaram, ouvi diferentes ancestralidades indígenas, ouvi também outras religiões que tratam do catimbó, do uso espiritual de nossas ervas, plantas, madeiras e encantos.

Quando falamos, alteramos o silêncio. Uma grande liderança, seja ela do movimento político ou espiritual, dentro do nosso território, tem que ter sabedoria e expertise, falar na hora certa, respeitar. E quando falar, conseguir ser escutado pelas pessoas. Dar recados é muito importante para nós, enquanto povo indígena, porque nós não trabalhamos só, trabalhamos com

a nossa ancestralidade, respeitando tudo o que já foi, o que é e o que pode ser depois. A Jurema não é só a raiz, não é só entre casca, não é só a folha. A Jurema não é só o vinho. A Jurema é uma encantada. É importante a Jurema ser entendida em sua polissemia, ela pode estar em todos os lugares e deve estar em todos os lugares. O segredo da Jurema nem nós povos indígenas sabemos dele em sua completude. O que nós achamos que sabemos em verdade não sabemos.

Não adianta correr contra o tempo ou dar passos maiores. Tudo é no tempo certo. Nós ainda temos muito o que aprender. É esse recado que eu deixo para os parentes que estão aqui: vamos com calma. Tem coisa que não pode ser revelada e a gente tem que respeitar. Respeitar com a sabedoria dos nossos mais velhos. Eu não tenho sabedoria para falar da Jurema e do processo de como ela chega para nós, no nosso tacho, como vinho. No meu território tem as pessoas certas para fazer a Jurema. Eu nunca tive a curiosidade de saber como se faz esta Jurema. Eu gosto de tomá-la. A Jurema age dentro de mim de uma maneira que me cura.

E fui ensinada desde cedo que o segredo e o respeito são importantes para o nosso ritual, porque não andamos contra o tempo, vamos juntos com o vento. O sibilar do vento também conversa com a gente. Ele é a calmaria que precisamos nas horas de mais agonia. Então, vamos com calma, na paz de Deus e com bastante respeito. Esse é um momento muito importante, onde as ciências indígenas e a ciência acadêmica se encontram. Tudo nasce da ancestralidade. A academia não cria, nada se cria. Nós vivemos, nós sentimos, e isso temos que entender. Talvez não seja o tempo de alguns entenderem, mas um dia chega a hora de entender. Entender o que tem que ser. Eu sou muito suspeita para falar da minha encantada, porque eu gosto de trabalhar com a Jurema. Eu gosto de tomar o vinho. A Jurema como uma

grande mãe nunca anda sozinha. Por isto, falar da Mãe Terra é falar da mãe Jurema. A Jurema tem os seus companheiros e suas companheiras. Para citar algumas: as Iracemas das flores, a Juçara e a Jucira. São tantas caboclas poderosas e firmes, que estão sempre ao nosso lado. E os filhos da Jurema? Os encantos dos nossos territórios que vêm abrindo os caminhos para que os outros possam passar. Porque é a Jurema que está enraizada na nossa terra. Ela não é plantada pelo humano, ela é nascida por nossa grande Mãe Terra. Ela é uma fortaleza, a maior das professoras que já tivemos nas ciências.

A Jurema educa, mostra e ensina. Ela ensina o tempo e diz: "É só até aqui, espera mais um pouco". A Jurema que eu bebo não é psicodélica. Eu a tomo com muito respeito. Há quem tome a nossa Jurema e vá dormir. Eu não. Eu me sinto bem, fortalecida. Cada um que está aqui pode tomar Jurema no povo Truká, Pankararé, Tuxá ou com outro povo. Todas as Juremas vão ser diferentes, porque não existe uma fórmula certa. O momento é feito. Cada mão que pega na nossa raiz sagrada pega de uma maneira diferente. E nós temos que aceitar isso. Estar dentro do território sagrado, fazer o vinho da Jurema e tomar dentro de um ritual é muito importante para nós. É um fortalecimento enquanto pessoa e povo. É fundamental que vocês saibam disto, pois é estar pisando em um território sagrado da Jurema.

Tomar Jurema é uma experiência singular, mas não é de qualquer maneira. Tem que ter muito cuidado. Para tudo nessa vida, não pode ser remédio a mais nem a menos. Uma dose maior pode matar. Uma dose menor pode não fazer efeito algum. Eu digo em vários lugares, temos que saber dosar com muita responsabilidade. Só pode ser feito pelos povos indígenas? Não. Ela não é nossa, ela é do mundo. Quando Jesus passou pela Terra, ele deixou a natureza sagrada para nós. Ela nos dá de tudo.

E a gente tem que zelar. Mais um recado que a Jurema deixa é cuidar e zelar para que a gente seja mais sábio a cada dia. Ela é uma sagrada professora e mãe, sua raiz não é só para fazer o vinho, fazemos o nosso cachimbo, os kampiôs, que são muito importantes. A madeira da Jurema é a que mais dura dentro do uso ritual. Os cachimbos de Jurema são cachimbos especiais. Eu tenho o meu cachimbo de Jurema. Esse cachimbo uso para fumar na hora certa. Tudo tem um propósito e tem dono. A natureza tem dono. E o dono da natureza sabe nos educar, mas, se a gente teimar, pode apanhar.

É isso que temos que fixar em nossa cabeça, de tudo a natureza nos dá, mas nem tudo você pode pegar. Nem tudo pode mexer. O dom nos dá o dom de fazer as coisas. O dom é quem diz o tempo de fazer as coisas. Existe ciência para tudo. Existe a ciência do tempo, do pôr do sol, do nascer do sol, os horários certos, a forma que se pede, que se carrega e se faz. Então, não adianta dizer que sabe fazer Jurema. Essa ciência sagrada é que dá o dom aos povos indígenas. Nós temos o dom da Jurema, a gente sabe fazer muito bem. Mas por que a Jurema abraça tanto os povos indígenas? Por que a Jurema abraça tanto os seus juremeiros? Porque tem respeito.

Eu vejo falar muito de pessoas que andam cantando, dançando e vendendo o seu saber, vendendo uma dose de Jurema. Esses não têm o nosso respeito. A Jurema é para ser tratada, respeitada. Tem muita gente aí que diz que sabe fazer Jurema. Eu tenho visto muita coisa acontecer. Mas eu duvido que a Jurema esteja presente de maneira respeitosa nesses espaços, porque ela não gosta de coisa errada. A Jurema educa. Eu tenho para dizer para vocês que eu tenho muitas lições dentro do meu território. A força da Jurema nos encanta. São nos encantos e nos cantos do nosso território que a gente vê ela brilhar. É dentro dos nossos

territórios, é dentro dos espaços que a gente precisa chamar por ela, dentro das nossas casas de oração. A Jurema é o vinho sagrado para o povo indígena. É o vinho que cura, é o vinho que tira a dor.

A Jurema que Deus deixou para a gente zelar na natureza é, possivelmente, a ciência mais sagrada que os povos do Nordeste têm hoje. Ela é comum para nós. Todos os povos têm Jurema e tomam Jurema. E os povos que não têm terra de Jurema cantam para a Jurema. Canso de ver nos Acampamentos Terra Livre (ATLs), nos eventos que vamos, quantos toantes ouvimos para a Jurema. As pessoas cantam para a Jurema, mas podem nunca ter bebido a Jurema. Ela é encantada. É preciso entender que ela está em todos os lugares. Antes de fazer qualquer ciência acadêmica, antes de passar pelos laboratórios ou por tantos estudos, temos que nos voltar para o estudo da ancestralidade. O respeito à ancestralidade ajuda a conhecer a Jurema em sua intimidade. Ao tomar a Jurema também podemos ser escolhidos para ser um habitat natural dessa cabocla. Não são todos que recebem esse dom, mas, quando ela se agrada, nós passamos a ser um habitat natural dela. Muitos povos têm a Jurema de frente, como a sua mãe, como uma guia de frente, zelando e sendo cuidado.

O povo Truká tem uma força enorme nos seus cantos, no seu pisar, é uma energia maravilhosa. Eu quero dizer para vocês que todos que querem conhecer a Jurema deveriam pisar no solo sagrado de um território indígena para entender como nos relacionamos com ela. É necessário entender a simplicidade e o respeito que temos à Jurema. Se todas as pessoas que fossem a um território tivessem uma experiência como a que vocês estão tendo hoje aqui, a nossa reeducação seria inevitável. Pisar no território sagrado, entender o que significa o sagrado para um povo indígena é muito importante. Pesquisadores, estudantes e outros povos precisam tecer saberes juntos.

Viver o saber junto é aprender muito a cada dia. A Jurema não anda só. Os segredos da Jurema não sabemos, seu uso nos traz muito prazer e cura. Precisamos respeitar seu o canto, chamamos por ela. A Jurema é uma cabocla mestre, é medicinal. A Jurema pode ser vista como uma grande semente espalhada no mundo. Por que será que tem Jurema em todas essas matas brutas? Por que será, meu Deus, que a gente aprendeu a trabalhar com ela? Por que o vinho? Como chegou esse saber? Quem trouxe esse saber? São os nossos mestres encantados que nos deram esse dom para hoje trabalhar com ela de muitas maneiras, aproveitar essa ciência para curar quem precisa. Essa ciência nos guia para demarcar os nossos territórios, proteger com a nossa força sagrada, porque nós somos a força e o nosso território. Se estamos bem, a cabocla está entre nós, a Jurema está plantada e sendo respeitada, pode ter certeza que esse território é terra sagrada. Um dos pontos fundamentais dentro dos territórios sagrados é ter uma Jurema para fazer seu manuseio de forma correta.

Eu vejo lideranças mais velhas que estão aqui na nossa frente neste momento e eles me ajudam a confirmar, porque são nossos mestres e respeitam todo o processo de interação, de construção de saberes. Neste processo, nós pedimos licença para fazer tudo. Tudo é no tempo certo. Então, estar aqui no território Truká hoje, para mim, é muito importante por trazer a força das mulheres de ciência do povo Pankararé, trazer a força da nossa ciência.

Nós temos uma casa da mãe Jurema, um espaço sagrado que só as mulheres andam. Em nosso terreiro do Amaro (espaço Sagrado do povo Pankararé), nós temos também o espaço sagrado do homem, o espaço sagrado das crianças. Dentro da nossa casa trabalhamos com a Jurema, chamamos pela Jurema e vemos o quanto ela é importante para fortalecer os nossos povos. Podem ter certeza que nesses dias de Seminário não estamos só.

Nossa mãe Jurema está com a gente aqui o tempo todo, observando tudo o que está acontecendo. Queira Deus que sejamos gratos. Queira Deus que ela nos agrade. Queira Deus que o sagrado esteja conosco. Queira Deus que ela possa nos abraçar e nos acompanhar. Porque é nesses territórios sagrados que a gente pisa levando boas experiências e aprendizados. Não dá para falar da Jurema sem entender o respeito a cada coisa que tem dentro do território, porque ela é mãe e ensina, é também a manifestação da nossa Mãe Terra. Mãe que nos dá toda a sobrevivência, como uma boa mãe, cura e cuida. As mulheres têm o dom da Jurema, assim como os homens também têm. A Jurema é uma mãe abundante que não escolhe o gênero de seus filhos, seja homem, seja mulher, ela abraça a todas as pessoas que chamarem por ela. E ai de nós, o que seria de nós, se não fosse a Jurema?

> *Jurema, me dá licença que eu vou me alevantar.*
> *Jurema, me dá licença que eu vou me alevantar.*
> *Eu vou com Jesus na frente*
> *E Deus para me abençoar.*
> *Eu vou com Jesus na frente*
> *E Deus para me abençoar.*

Esse é o meu recado, da Patrícia Pankararé, passando aqui pelo território Truká, ao lado de grandes mulheres, referências de outros territórios indígenas. Agradecer a todas vocês por compartilhar um pouco das nossas experiências e, principalmente, dos segredos que nós não podemos dizer, os segredos que têm que ser vividos e nem sempre revelados.

JUREMA – LUGAR DE ESCUTA E DE FALA

ELISA PANKARARU

É com muita alegria que venho ao território Truká e peço licença para falar. Minha ancestralidade e espiritualidade saúdam todas as ancestralidades e espiritualidades aqui presentes. Eu sou Elisa, sou do povo Pankararu, do sertão de Pernambuco, quase às margens do São Francisco. Dizer "quase" já diz muito da nossa história, da violação do nosso direito de viver um contato sagrado com aquele rio. No entanto, eu dizia que a presença do São Francisco em nossas espiritualidades vivia na dimensão subconsciente. Hoje, por nossa luta, este contato sagrado com o rio São Francisco vive na dimensão da consciência. É nosso dever reconhecer este rio como sujeito de direito, vendo todas as atrocidades que são feitas ao seu espaço sagrado, que é também uma morada sagrada dos nossos antepassados, dos nossos encantados e das nossas espiritualidades. Atualmente, estou coordenadora do Departamento de Mulheres Indígenas da APOINME (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo). A APOINME é uma das sete regionais base da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil). Quando eu recebi esse convite alguns meses atrás, eu fiquei pensando: "O que eu vou dizer?". Eu saí da minha aldeia hoje ainda pensando: "O que eu vou dizer?". E quando eu sentei aqui, eu ainda estava pensando: "O que eu vou dizer?".

Mas, conversando com Pretinha Truká e as demais lideranças, nós fizemos essa observação que a roda de diálogo da manhã foi 100% composta por homens, e esta, 100% composta por mulheres. Não sei se por acaso ou de propósito. Então terei dois momentos de fala, serão dois aspectos que eu vou falar sobre a Jurema. O primeiro é dizer o meu lugar de fala. O que o meu

nome traz, o nome do meu povo, qual é a relação de convivência que temos com a Jurema. E, em um segundo momento, qual é o meu lugar de escuta, e o que me inspira a falar sobre a Jurema.

Meu lugar de fala é o meu território. E o que é a Jurema Sagrada no território Pankararu? Obviamente ela é uma árvore sagrada que fica no nosso bioma Caatinga. A palavra bioma é muito usada atualmente, mas eu prefiro dizer "na nossa floresta Caatinga". Precisamos reforçar a importância da Caatinga, o fortalecimento e a valorização desta nossa floresta. Estou dizendo isso para chegar na nossa floresta como morada de nossa mãe e irmã. As árvores são nossas irmãs também. A nossa floresta Caatinga foi e é historicamente e culturalmente desvalorizada. Sempre foi retratada como um espaço de miserabilidade, como um espaço feio, como um espaço de seca, de fome etc.

Isso mora no imaginário popular, porque está presente na literatura brasileira clássica até a atualidade. No cinema, outros meios culturais e de comunicação, o que vemos majoritariamente é um quadro feio. Na verdade, a nossa floresta Caatinga é um espaço de beleza, de cultura, mas é de conflito também. Nós somos de resistência. A nossa gente, a nossa geografia humana tem essas características. Nós sempre vamos ser pintados nos meios culturais e de comunicação como aquele povo magro, feio e faminto. E não somos isso. Não é de se estranhar o racismo e a violação aos direitos humanos coletivos e às políticas públicas da nossa gente, em especial do povo indígena.

Voltando a falar da nossa árvore mãe Jurema, que mora aqui, nós a ouvimos. Podemos chamá-la também de árvore irmã em nosso território sagrado. Alguém pode me perguntar: "Por que você diz que é sagrado? Por acaso os outros territórios não são sagrados também?". A resposta é simples, lembrando de uma frase do cacique Chicão, que diz o seguinte: "A terra não é para

especulação". A nossa terra é sagrada, porque ela é mãe. As outras são para especulação, para exploração, para enriquecimento. Por isso envenenam, devastam e fazem muitas atrocidades. Mas nós, povos indígenas, temos esse território sagrado, porque esse território tem os seus sistemas próprios. Fazendo a relação com a grande mãe, a grande irmã Árvore, Jurema, planta, como queiram considerar, ela nos educa. E este é meu lugar de escuta, do território sagrado desta grande mãe.

MÃE QUE NOS DÁ FORÇA E PROTEÇÃO

ZENILDA XUKURÚ

Então, essa luta começou assim, só tinha eu e a mulher do Bacural. O Bacural é aquele que canta o ritual. Nós começamos fazendo um trabalho de formiguinha nas aldeias, fazendo um trabalho de conscientização. Eu, ali, mulher, falando para as mulheres, só que os maridos delas eram escravos dos posseiros, trabalhavam para os posseiros. Aí foi onde Chicão dizia: "Em cima do medo, coragem. Nós temos medo, mas nós vamos ter coragem e vamos agir." Então, eu, simplesmente essa mulher que sou, abracei a luta do meu povo. E digo a vocês, não só do meu povo. Nos meus momentos de orações, nas nossas pajelanças, eu não peço só pelos meus, mas por todos os povos indígenas e aqueles que estão também lutando junto com a gente, que precisam de proteção e precisam de luz. Então, estou eu aqui, essa mulher, lutando. Hoje eu sou mãe, tive 9 filhos de parto normal, criou-se sete, adotei mais um. Hoje eu tenho a minha família: 17 netos, 10 bisnetos. Mas não é só essa a minha família, é o meu povo que eu abracei, quase 12 mil pessoas. Por isso sou chamada a mãe do povo Xukuru-Orobubá, e estou lá lutando. Porque a gente, quando tem uma missão, companheiros, não pode ter medo, porque

quando a gente se batiza, recebe uma luz. Eu fiquei observando, essa luz está dentro de nós: a luz e a fé. Então, nós não podemos deixar essa luz se apagar. Temos que ir reacendendo a luz daquele que está se apagando. E quando assassinaram Chicão, ficamos um ano sem cacique. O povo preocupado: "Quem vai ser nosso cacique?". O Marcos Luidson havia sido escolhido pelo pajé quando ainda tinha 12 anos e foi preparado na Pedra dos Reis de Ororubá. Nós temos lá um canto sagrado. Nós só vamos lá no dia 6 de janeiro, de ano em ano. Então, ele preparou o Marquinho. Chicão dizia assim: "Quando eu tiver velhinho de bengala, meu filho vai assumir a minha luta, a nossa luta." Mas não deixaram. Quando Chicão foi assassinado, ele tinha só 12 anos de cacicado. O Marquinho então assumiu com 21 anos de idade.

Aí eu fui na casa do meu pai, que hoje é encantado, ele me disse: "Minha filha, você vai morrer. Deixa essa luta." Eu disse: "Pai, eu vim no mundo com a missão. Reze por mim, e se eu nasci para morrer lutando, eu não vou morrer de braços cruzados". Jesus morreu de braços abertos. Eu não sou Jesus, mas foi a figura que veio na minha mente para eu dizer a meu pai. A minha irmã veio me buscar lá de São Paulo, eu disse a ela: "Não vou. Eu estou na terra com a missão e vou cumprir. Vou dar continuidade ao trabalho de Chicão." Entreguei um filho à luta com 21 anos.

Com poucos dias de cacicado, nós fizemos uma retomada. Marquinho recebeu o cacicado no dia 6 de janeiro de 2000, e no dia 28 de janeiro, nós fizemos a grande retomada. Depois que Chicão morreu, esta foi a primeira. E abraçamos a luta. Olhei para ele e disse: "Meu filho, você quer porque o povo quer?", ele disse: "Não, mamãe, vem de dentro de mim. Seja o que Deus quiser." Eu disse: "Então estou com você." Estamos até hoje, mesmo com essas perseguições. O mundo está cheio de serpentes para nos perseguir, mas nós temos luz.

Vou contar uma pequena historinha. A serpente perseguia um vagalume, então, o vagalume se sentiu aborrecido, olhou para ela e disse: "Por que é que tu me persegue? Eu sou pequenininho, eu não sacio a tua fome." Ela disse: "Porque eu quero apagar a tua luz." Mas ninguém apaga a mente dos sábios. Serpente tem no mundo todo. Sofremos perseguição, porque pensam que nós, povos indígenas, não temos a capacidade ou a força de ser o que queremos ser: advogado, professor, médico, o que nós quisermos ser. Hoje, na nossa aldeia Xukuru-Ororubá, temos dois médicos, enfermeira, técnica de enfermagem, professores formados em muitas coisas, até em doutorado.

É aquele da elite que não quer que o pé no chão seja uma pessoa de saber. Temos advogado, temos tudo. Então, o que eu digo a vocês é que nós não podemos deixar de ser o que somos por conta dessas perseguições. E dizer que hoje, nós, mulheres indígenas e não indígenas também, temos nosso direito de ser o que queremos ser. Eu admiro muito as mulheres não indígenas que estão aí, e eu tô aqui.

Eu penso que eu não tenho a força que vocês têm da Mãe Terra, mas tenho da natureza sagrada. Porque vocês, não indígenas que trabalham conosco, têm a mesma força, a mesma luz, porque estão trabalhando pela libertação do povo. Então quero dizer a vocês que estou eu aqui na luta, espalhando semente. Meus bisnetos já estão aí. É isso que devemos fazer. Na natureza sagrada, não só a Jurema, mas de toda a natureza, para cada árvore tem um dono. Eu chego a me arrepiar todinha. A Jurema foi escolhida para nos dar mais força, proteção. Você vê que os cânticos são muito fortes, mexem com a gente, porque como já foi dito, ela é a mãe, ela é natural, é encantada. Não tenho nem palavras para falar o que a Jurema tem de tanto. Nosso povo tem os dias de fazer a Jurema, lá quem faz a Jurema são

os homens. Não é porque eles são machistas, é porque os mais velhos disseram. Porque nós, mulheres, nem todo momento podemos pegar ou tomar a Jurema, nem sempre podemos ir ao terreiro sagrado. Tem momento que não pode estar lá não. Não é porque somos excluídas. Lá tem o grupo de pessoas que fazem a Jurema para tomarmos no momento dos nossos rituais. É muito forte o momento que eles se recolhem para preparar a Jurema. Eu escutei muita coisa aqui sobre a Jurema, coisas que eu não sabia, ouvi que estão vendendo a nossa ciência. É coisa interna, nossa.

Lá tinha um senhor rezador que disse: "Quem ensina tudo que sabe fica sem saber", vai enfraquecendo nossos saberes. Tem ciência nas nossas matas, na nossa Mãe Terra, que a gente não pode repassar para todo mundo. Esses cânticos que cantamos dia e noite nos rituais não têm em livros. Quem ensina é a natureza.

Se a gente falar tudo que sabe, como vai ficar a nossa força? Vai ser difícil. Uma coisa que eu não gosto muito, porque eu venho dos nossos antepassados, é a mídia. Ela tem dois lados: o bom, que te faz bonitinho, e o outro que te ferra todinho. Às vezes o povo da mídia vai lá fazer visita na minha aldeia e quer me entrevistar. Eu digo: "Por que você quer me entrevistar? Para onde você vai levar a minha imagem?". Tem que ter muito cuidado. Às vezes eles argumentam: "Mamãe, mas é bom para divulgação da luta". Eu digo: "É, mas como vão usar a minha imagem?", depois que está lá, ninguém apaga mais. Eu sempre me precavenho com a natureza sagrada, para ela me mostrar os meus caminhos. Eu moro é perto da mata. Enquanto não me preparo para o mundo, não abro a minha porta. Quando abro, quem já foi lá sabe disso, a minha janela dá para a natureza sagrada, as águas, as matas, tem uma barragem bem na frente da minha casa. Ali eu vou agradecer a noite de paz que passei e preparo meu dia. Meus filhos já pelejaram comigo: "Mamãe, um celular!", minhas

colegas de trabalho: "Um celular", também. Eu digo: "Não". Não sou contra quem tem, porque quem trabalha tem que ter essa comunicação, mas eu não tenho precisão. Porque se amanhecer o meu dia, eu não vou olhar minha mãe natureza, vou olhar no celular, um recadinho, e às vezes notícia ruim.

Eu nem tenho relógio, nem celular. Do jeito que Deus me botou no mundo, eu vou levando, na natureza sagrada. É o meu jeito de ser. Cada um tem seu jeito de ser. Não sou contra. Mas não sou contra. Cada ser humano vive a sua vida do seu jeito. Então é essa vida que eu vivo. A Jurema Sagrada tem um cântico que diz assim:

Nas matas tem ciência,
Eu vou mandar chamar.
Não é para todo mundo
Que vou mandar chamar.
Nas matas tem ciência,
Eu vou mandar chamar.
O Mestre Reis do Iorubá
E o Cacique de Alencar.
O Mestre Reis do Iorubá
E o Cacique de Alencar.
Eu vou, eu vou mandar chamar.
Eu vou, eu vou mandar chamar.
O Mestre Reis do Iorubá
E o Cacique de Alencar.
O Mestre Reis do Iorubá
E o Cacique de Alencar.

Está vendo? Nossas matas têm ciência. Não é todo mundo que tem essa ciência. Outro canto diz:

Jurema, a folha caiu sereno.
Jurema, talvez São Jorge Guerreiro.
Salve São Sebastião,
Salve a Virgem Imaculada
Que me deu a proteção.
Jurema, ô jureminha,
Ô Jurema, a folha caiu sereno,
Ô Jurema, dentro deste congar.

E assim fica a folhinha da Jurema neste congar, que esta força encantada fique com cada pessoa.

AMOR, VIDA E ANCESTRALIDADE

ANÁLIA TUXÁ

Saudações, Jurema, a toda irmandade presentes. Eu estou muito emocionada de estar aqui com vocês nesta empreitada de mulheres. Dona Zenilda, pessoa que conheço há uns 10 anos, tenho respeito, carinho, me inspiro muito nela e na sua luta. E minha tia Lourdes Truká, que é um espírito encantado.

Eu não sou mestre, eu não sou nada.
Eu não sou mestre, eu não sou nada.
Mas sou é um viageiro que anda pelo mundo.
Mas sou é um viageiro que anda pelo mundo.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo. Salve as forças encantadas. Salve toda a linhagem da Jurema que está aqui presente. Viva Deus. Mais uma vez, meu nome é Anália, sou cacique do povo Tuxá, de Minas Gerais, às margens do rio Paracatu, com a divisa do rio São Francisco. Sou barranqueira e

tenho um orgulho muito grande de estar aqui na aldeia Truká, junto com minhas parentes, Elisa, minha pensadora favorita, Dorinha, prima Edna, que é minha fonte de inspiração, meu primo Neguinho e primo Yssô, que são pessoas que eu tenho um carinho e admiração muito grande.

Cada vez que os vejo, me fortaleço na luta. Tenho um orgulho muito grande, meus parentes e irmãos, digo a vocês que lá em Minas Gerais, eu e minha irmã, a Pajé Analice Moisés, ocupamos um território de 6.500 hectares. Essa terra foi uma promessa dos encantos, porque sou de Minas Gerais por conveniência, mas me identifico na aldeia mãe, no Nordeste, na aldeia Truká. É aqui que me sinto forte, onde minhas raízes ficam fortes. É aqui onde me fortaleço, fumando um malaco, numa resenha, às vezes no rezo.

E a gente vai levando essa vida. Sou uma viageira solitária, uma liderança solitária. Às vezes chego nos eventos: "Cadê teu povo?", eu digo: "Eu, Deus e os encantos somos maioria, porque não existe nenhum guerreiro que ande sozinho". Quando ando só, a encantaria e a ancestralidade está comigo, me acompanha. E a gente só vai aonde eles mandam e só faz o que eles querem.

Estou aqui porque o grande espírito, os mestres encantados disseram: "Vai, se prepare." Cheguei aqui toda baleada com o ciático, mas eu estou aqui. Faz parte da caminhada. Digo: "Mas não é possível, já tomei tanto remédio". Aí ele disse: "Não, não se preocupe, o tempo vai passar e você vai ficar boa". Então, eu aprendi, sou estudante, e digo que para mim é uma honra excepcional poder ouvir a fala dessas mulheres inspiradoras, grandes protagonistas de suas ações e de suas histórias. Estou emocionada. Pensei que não ia dizer nada porque tudo que estava no meu pensamento já foi dito. Mas vou acrescentar algumas coisas. Afinal de contas, sentamos na mesa e temos que contribuir também.

Falar da nossa mãe, da nossa Jurema, é falar de amor, de vida e ancestralidade. Se nós hoje existimos, estamos aqui nos últimos 525 anos, é por causa de nossa ancestralidade e de nossa espiritualidade. Através da espiritualidade o pajé nos orienta, ele vê aquele em missão de seguimento, que já nasce com aquela missão. A pessoa é preparada para cumprir sua missão. Não é fácil, porque para ser fiel ao seu segmento espiritual tem que seguir um chamado. Todos nós temos chamados. Alguns têm um chamado para a cantoria, cantar os toantes, outros têm o chamado para fazer os malacos, que é o nosso cachimbo. Não gosto de falar muito sobre isso, porque nossa ciência é oculta. Meu pai dizia: "A ciência é oculta. No dia que vocês revelarem essa ciência, eles vão se apropriar e dizer: 'Vocês não sabem nada, quem sabe somos nós'". Este Seminário que está acontecendo hoje aqui é um princípio de algo que já deveria ter acontecido há muito tempo para nós, indígenas do Nordeste, os verdadeiros juremeiros.

Minha pajé diz: "Nós somos os verdadeiros juremeiros, porque a árvore da ciência está nos nossos territórios, no nosso bioma". Fui educada para não dizer. Nem tudo vocês digam, diga apenas o necessário, porque no dia que vocês revelarem toda a ciência, vocês perderão a sua identidade e a sua história. Estamos aqui, hoje, firmando um marco muito importante para nós indígenas, para os irmãos da matriz africana, os irmãos juremeiros, os irmãos catimbozeiros, os irmãos rezadores. Porque quando se trata dessa árvore sagrada, se trata também de um elo de amor, de amizade, de cura. A Jurema é a cura, ela é uma mulher, uma mãe. Para ela ser tratada, o pai, aquele que é levantado para ir lá, tem todo um segmento — que eu não vou dizer. É um segredo, meu pai ensinou que deve ser assim. Tem que ser um homem e ele tem que ser levantado para ser o feitor do que nós chamamos de anjucá.

Ele vai preparar aquela bebida sagrada. E tem outro detalhe, nos dias de rituais, o homem feitor e sua esposa, não podem ter relações sexuais por três dias antes. E a mulher não pode estar no período menstrual. Nós temos que nos preparar, nos defumar, tomar nossos banhos, para sentar nas cortinas reais, para poder consagrar a vida, celebrar a espiritualidade, o amor, a união e os nossos modos de vida. Com isto damos continuidade e fortalecemos a nossa existência.

Meu pai dizia que um índio sem cultura não é índio. Quando chegamos nas outras aldeias, perguntam: "Você é de que povo?". Eu respondo: "Ah, eu sou Tuxá". Quando cheguei lá em Pankararu, no Brejo dos Padres, um ancião disse para mim: "Você é Tuxá?", e eu respondi: "Sim, senhor". Então ele falou: "Mostre a tua cultura". Mostrar a cultura é pegar o maracá, cantar seu toante e dançar o seu toré. Se não mostramos a nossa identidade étnica, os costumes, a tradição, passamos vergonha. Não tô falando só no segmento de nós, povos indígenas. Todos têm as suas manifestações culturais e espirituais, têm os seus modos de vida.

Eu fiz parte de um comitê. Através dele tive a oportunidade de conhecer não só diferentes povos indígenas de outros países e do Brasil, mas também conheci povos de matriz africana. Eu vi que existem outros segmentos que são muito lindos. As tradições são diferenciadas, mas que o contexto o mesmo — religioso e espiritual. Existe uma preocupação muito grande, quando a prima Edna Truká me chamou para vir aqui. É preciso que nós, juremeiras, filhas da nossa mãe Jurema, fortaleçamos esse tesouro que é muito importante para nossos modos de vida. Porque hoje existe muita especulação. Venda, estudos e exploração, para uma "ciência psicodélica", uma ciência para feitores que desconhecem os segmentos da ancestralidade. Querer fazer o feitio, montar uma casa de rezo, arrecadar contribuição. Caridade não se vende,

caridade se dá. Se o meu irmão está enfermo, vamos chamar ele lá nas cortinas. Vamos botar ele na mesa, chamar os nossos encantos de luz, nossos encantos benzedores, nossos encantos curadores para dar cura. O pobrezinho tá doente. "Não tenho dinheiro para comprar". Aí eu digo para ele é 500 contos. E aí? Você está enfraquecendo a espiritualidade e muita das vezes, como eu já vi, a pessoa diz que está com encanto e os encantos estão aqui do lado olhando para ele. O grande espírito deu o dom para nós juremeiros sabermos aonde vamos. O grande espírito deu o dom de nós sabermos como cultivar a nossa mãe, a nossa Jurema Sagrada. Ela é uma bebida do amor. É o anjucá, o vinho que celebra mais uma vez a vida, o amor, o casamento. Um casamento no ritual é a coisa mais linda e mais firme que tem, ele não vai desvirtuar, porque tem um compromisso, e se quebrar vai sofrer.

Gente, a coisa é muito séria. Eu tenho muito respeito e muito cuidado ao falar da Jurema, para nós, indígenas, rezadores, contramestres da cabeceira, das cortinas reais, nós temos medo de falar. Sabe por quê? Porque nós somos disciplinados a respeitar a nossa tradição e a nossa religiosidade. É a mesma coisa que você macular a sua mãe. Você tem que ter respeito de dizer, de pronunciar. Você tem que estar com o seu corpo limpo. Você não pode tomar o anjucá aleatoriamente. Chegou lá, tomou cerveja, vou hoje no ritual. Não vá, não. Se você for, vai sofrer. Tem que ter um cuidado excepcional. Neste evento ouvimos falar em muitas experiências. Escutamos sobre a beleza, a formosura e a majestade que é a nossa Jurema, o anjucá. Temos agora que começar a estudar através das falas de todos nós, captando um pouquinho daqui, um pouquinho dali, para pensar numa estratégia, num modo de protegê-la. Um documento que nos dê a garantia de que isso é propriedade nossa, que a Jurema não pode ser vendida de qualquer maneira.

Vou contar uma experiência que tive. Eu passei uma época com os Huni Kuin em Feijó. Eu cheguei lá, estava tendo um festival, uma aldeia na beira do rio e tinha gringo de tudo quanto era canto, adeptos do nixipan. E ali, na boquinha da noite, sentei em um centro de palha muito grande. Fiquei no tronco de um pau, peguei meu malaco, comecei a fumar e observar aquilo.

Daqui a pouco os parentes, os irmãos Huni Kuin largaram o festival deles e vieram: "Irmã, eu quero um pouquinho dessa fumaça porque eu sei que a senhora irmã pode me curar". E eu: "Meu Deus, mas curar quê?". Eu estava pisando em território deles, eu não podia passar do regimento e da hierarquia deles, porque nós temos que ter esse respeito pela hierarquia. E na Jurema também tem uma hierarquia que tem que ser respeitada. Quando foi no outro dia, a aldeia estava toda suja de vômito. Foram vomitar atrás das casinhas dos irmãos e o povo adoeceu. No outro dia tinha cerca de 40 pajés, eles me chamaram e eu fui tomar o nixipan. É uma bebida extraordinária. Eu entendi que com o nixipan você tem um contato com a cosmologia do universo. Vi toda a divindade maravilhosa do universo.

O nosso anjucá tem a cosmologia das forças da terra, da cura e do amor. Tem uma força que é inexplicável para dizer, só nós sabemos o que é essa força. Voltando à história. Eu disse para o pajé: "Pajé, você tem que organizar sua aldeia, porque esse povo está vindo explorar vocês, estão levando as medicinas para fora".

Vêm os bonitões com dinheiro, roupa, cesta básica e engana os pobrezinhos. Aquelas mulheres lindas, maravilhosas que vocês botam para bailar, eles crescem os olhos e aí já querem passar a mão. Um assédio dos indígenas. Eles ensinam como é que faz o feitio, ensinam sobre o jagube, ensinam sobre a rainha. Aí os gringos tomam: "Me dê isso aqui para eu plantar." E elas nascem à toa!

O que acontece depois é que os outros fazem seus feitios, vão tomar a sua ayahuasca e dizem que o deles é melhor do que o nixipan da floresta. Eu falo porque já vi. Os indígenas ficam passando fome com dificuldade. Hoje eles já têm essa preocupação de criar um decreto para que a medicina seja regularizada. Nós também temos que ter essa preocupação com o nosso anjucá, porque ele está sendo negociado aleatoriamente.

A Jurema não nasce em qualquer bioma, ela é majoritariamente da Caatinga. E é esse bioma, são os povos da Caatinga que têm que valorizar e se preocupar, ter parceiros para poder nos proteger desta exploração que está acontecendo com a nossa medicina. Temos essa preocupação, temos que pensar em métodos, junto com os caciques, e os professores universitários para podermos procurar encaminhamentos e estudos.

Os métodos vão acontecer porque o meu primo Neguinho Truká, primo Yssô Truká, prima Edna Truká e as muitas outras lideranças indígenas que estão aqui são pessoas de enfrentamento e os mestres encantados vão nos orientar e mostrar o caminho. Pode ter certeza. Nós não vamos sair daqui sem um encaminhamento, sem uma orientação. Porque quando nós pegamos os nossos malacos, não estamos fumando para se amostrar. Nós estamos ali contritos, rezando. E quando nós sopramos o nosso malaco, que é feito da raiz da nossa mãe, nós acreditamos que os nossos ancestrais saem através dessa fumaça e vêm nos dar orientação.

É assim que tem sido as nossas vidas desde que mundo é mundo. E para os jovens que estão aqui, será revelado quando vocês estiverem preparados. Foi assim que meu pai nos preparou. Vocês vão estar preparadas quando a gaiola se abrir e os encantados vierem trazendo toda a sua beleza e formosura com seus toantes, enramando e falando idioma da encantaria.

E assim é que tem sido feito e tem dado essa força poderosa e bendita. Eu vou dizer a vocês, meus parentes, eu não vou embora para o meu norte de Minas, a minha beira do rio, do mesmo jeito que eu entrei aqui. Eu vou sair daqui renovada, fortalecida e com novas aprendizagens. Levarei na minha bagagem, minha matula, o conhecimento. Assim eu agradeço ao nosso Pai Celestial, nosso Tupã. Nossa mãe celestial, nossa mãe rainha, nossa mãe terra, as forças da mata, nossos encantos das águas. Cuidado ao se banhar no rio, minha gente. Essas águas não têm cabelo, elas têm vida e encantos. Quando for lá, salde as águas e banhe, quem souber nadar, bem, quem não souber, num afoite não, viu. E vamos triunfar na paz de Deus.

Jurema, minha Jurema,
Eu quero ver os meus caboclos regimar.
Jurema, minha Jurema,
Eu quero ver os meus cabocos regimar.
É no regime de Deus, é no regime de união.
É no regime de Deus. É no regime de união.



6. Mulheres e professoras Truká, durante o trabalho coletivo de cobertura do Espaço Sagrado da Jurema.



7. Jovens mulheres Truká, no ritual sagrado, ao final do Seminário, em maio de 2025.



8. Jovens Truká que conduziram oficina de pintura corporal falando na plenária para os participantes do Seminário.



9. Roda de Conversa sobre proteção da Jurema, com destaque para o Cacique Neguinho Truká (em pé) e Pai João Bosco (sentado).



10. Câmera no tripé registrando a roda de diálogo pelo grupo de jovens da Mídia Truká.

JUREMA
CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO
UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

CIÊNCIAS DA JUREMA 1

JUREMA – CIÊNCIA DO SEGREDO E DA REVELAÇÃO
PAJÉ MANOEL CACHEADO

JUREMA É AÇÃO SOCIAL
PAI ALEX GOMES

PLANTA PIONEIRA
RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD

ARQUEOLOGIA DO VÍNCULO HUMANO-VEGETAL
GUILHERME MEDEIROS



JUREMA – CIÊNCIA DO SEGREDO E DA REVELAÇÃO

PAJÉ MANOEL CACHEADO

Vou começar aqui cantando uma linha que é da minha inspiração. A ciência da Jurema tem muito segredo para quem entende e chega a ela. A Jurema apresenta muitas vezes um sinal que a pessoa nunca espera. Na Jurema, eu mesmo digo, que eu tenho um conhecimento, mas nunca digo que aprendi tudo, porque ela tem muita coisa, ela tem muita coisa escondida. A gente, quando vai fazer uma experiência, a primeira coisa que faz é pegar no quaqui — o quaqui é o cachimbo, que os Pankararu chamam de kampeô —, bota fumo no cachimbo e defuma a Jurema já preparada, assim ela apresenta se aquela pessoa tem jeito ou não. Quando ela dá o sinal, apresenta aquele círculo, um luminário, muito bonito, que é um arco celeste, muito bonito, muito bem-feito. É coisa do ar, coisa do céu. Quando ela apresenta aquele sinal, a pessoa tem jeito. Se tiver doente, vai acima, porque apresentou o bom sinal, que é o sinal do céu. É um arco celeste que apresenta na Jurema.

Para quem conhece, para quem entende, já decifra o significado da Jurema. Então é muito conhecido para quem conhece, é muito instrutivo para a pessoa entender a ciência da Jurema.

A ciência das abelhas
Ninguém sabe como é.
A ciência das abelhas
Ninguém sabe como é.
Ela vai buscar flores,
Com a água faz o mel.
Ela vai buscar flores,
Com a água faz o mel.
Da Jurema eu faço o guia,
Da casca, faço anjuca.
Da Jurema eu faço o guia,
Da casca, faço anjuca.
A folha eu boto no guia
Para os caboclo fumar.
A folha boto no guia
Para os caboclo fumar.

É muito difícil? Não, mas não é muito fácil não. Não é para todo mundo que ela apresenta aquele arco celeste. Uma pessoa pode ir à vontade, pode defumar à vontade, mas não apresenta se não tem jeito para aquela pessoa. Quando apresenta aquele sinal bonito, aquele arco celeste, a pessoa vai acima, vai ter outra vida, vai ser outra vida que a pessoa tem. E se não apresentar, só apresenta aquela neve na Jurema, apresenta aquela neve da fumaça, pega e fica aquela neve, não apresenta nada. Agora, quando tem jeito, o segredo é esse aí. Como é que se diz? Até é bom a gente ensinar porque o povo fica sabendo. Mas não é bom a pessoa dizer não, porque senão perde. Coisa de segredo não pode, é segredo. Mas é muito bom a pessoa que entende. E a pessoa que bem souber, sempre quando vai fazer qualquer experiência, ele faz na Jurema, ele defuma, pisa ela, faz a Jurema bem coadinha e ela vai apresentar na fumaça. Ele fica pregado na Jurema aquele segredo. Então, se apresentar esse segredo aí, a pessoa não morre daquela vez não. Ela pode morrer de outra, mas daquela não. Ela vê que tá doente, mas não morre. E o segredo é esse aí.

JUREMA É AÇÃO SOCIAL

PAI ALEX GOMES

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo. Para sempre seja louvada nossa mãe Maria Santíssima. Salve os ancestrais dessa aldeia. Salve os meus antepassados. Eu não vou nem pedir licença, porque já foi dada licença hoje pelos pajés, a licença já foi concedida. Só agradecer ao todo poderoso, criador do céu e da terra, aqui eu chamo de Tupã. Também agradecer mãe Tanaí e aos antepassados aqui do povo Truká, por ter permitido eu chegar aqui. Muito obrigado aos antepassados, aos ancestrais que estão aqui todos presentes, todos estão aqui presentes. Muito obrigado por ter permitido eu entrar aqui nesse solo sagrado e vir falar um pouco sobre o que é o catimbó de Jurema.

Eu sou um catimbozeiro lá de Arapiraca, do estado de Alagoas, que busco a verdadeira Jurema, o verdadeiro encanto da ciência, da verdadeira religião brasileira, que é a pajelança e que é a sagrada Jurema. Eu sou juremeiro, eu sou juremado. Eu fui juremado, com 8 anos de idade, na cidade de Igaci. E o meu mestre juremeiro, meu catimbozeiro, chamava-se Liobino Joaquim dos Santos, que eu quero saudar e dizer como seria bom se ele ainda estivesse com a gente e saber que um filho dele, um negro analfabeto, que

só teve o estudo primário, hoje está aqui na presença de tantas celebridades acadêmicas e espirituais da Jurema Sagrada e do povo mais brasileiro de todos que são os indígenas. É um orgulho tão grande! É a primeira vez que eu participo de um congresso, de um seminário dentro de uma aldeia. Eu já participei de vários na academia, nas universidades, mas aqui é a casa-mãe, aqui é a terra sagrada. E a árvore da Jurema, ela é a maior de todas as mães. Para mim, ela é a mãe de todas as árvores, é a mãe de toda sabedoria, é a mãe de toda a força do viver do povo brasileiro, até daqueles que não conhecem, principalmente do nordestino. Vejam bem o que Tupã nos presenteou. De todas as formas de comunicações com o sagrado, você vai encontrar o néctar principal onde? Na raiz da Jurema.

Os meus antigos diziam que ela é pura e sagrada, porque quando a família sagrada, Jesus, Maria e José fugiam para o Egito, em certa parte, quase foram alcançados pelos soldados de Herodes. E esconderam a criança debaixo de uma acácia. E na pressa, o espinho da acácia feriu a criança. E assim ela fica sagrada, porque ela foi ferida, ela foi manchada pelo sangue do cordeiro de Deus. Isso é o que contam os meus antigos. Eu sou mestre catimbozeiro de Jurema e sou babalorixá. Fiz Jurema com 8 anos e fiz orixás com 10. Mas sou sincero a dizer a todos vocês — que babá mi Xangô não me ouça —, mas se eu tivesse com 8 anos de idade a consciência que eu tenho hoje, eu não tinha feito candomblé, eu tinha ficado somente no catimbó de Jurema, porque ela é completa. Ela é uma religião completa, ela tem resposta para todas as nossas perguntas. Ela tem a medicação para todos os nossos males, o carnal e o espiritual. Mas vamos deixar essa parte da biografia da Jurema para outros que possam vir. Eu vou falar de Jurema como ação. Religião sem ação é em vão. O que foi que a Jurema fez com Alex Gomes da Silva, nascido na

cidade de Igaci, criado pelo cônego Luís Faria Torre, que também foi batizado por ele, e que tinha uma obra social lindíssima, belíssima, em cuidado com as cisternas na época do verão, para a seca, com as crianças, com os velhos?

Eu aprendi um pouco com ele. Eu posso dizer que não o invejei, mas copiei. A Jurema me ensinou várias coisas, muitas e muitas coisas, entre elas, na cultura, a ser tocador de pífano. Eu sou mestre de pífano, tenho uma banda de pífano, chamada Bandinha de São José. Ela me ensinou a fazer mutirão para fazer casas, as cantorias, o coco, o samba para tapar com barro pisado as paredes de taipa das casas. Eu aprendi, eu sou mestre de uma banda de coco de Juremado. Temos também um afoxé, eu sou presidente de uma ONG chamada Casa de Caridade, que há 25 anos trabalha na periferia da minha cidade. Quem fez tudo isso não foi o Alex, eu só sou o empregado, as ordens vieram diretamente da Jurema, através do meu mentor espiritual, o mestre José da Pinga e o mestre Pedro Genésio: "Faça isso, faça assim. Faça um caldeirão de comida, dê a quem tem fome". E ele foi sempre me jogando na periferia. Eu nunca fui pro centro da cidade, eu sempre fiquei na periferia. A casa que eu moro hoje é no bairro, no antigo baixo meretriz da cidade de Arapiraca, que tem 260 mil habitantes, é a segunda maior cidade de Alagoas. É na periferia, um local conhecido como Cabaré Velho, que eu tento mudar esse nome de todo jeito, para Vila Contente.

O povo chega no centro da cidade e diz assim: "Eu quero ir pra rua Joana D'Arc". O taxista pergunta: "Fica onde?". A pessoa responde ao taxista: "Fica perto da rua João Amâncio no Cabaré velho". O taxista então diz: "Por que não disse logo que era no Cabaré velho?". Quer dizer, as pessoas da cidade não sabem o nome das ruas do bairro. O baixo meretriz acabou há 31 anos, mas o nome tá impregnado na comunidade. Quando eu cheguei

nessa comunidade, ela era a mesma coisa que o Haiti depois do terremoto. Porque durante 20 anos o baixo meretriz funcionou legalmente. Dizem, porque eu não sou dessa época, que era um local maravilhoso, carros para todos os lados e cerca de 70 boates. A partir do momento em que os traficantes foram morar lá dentro, acabou a zona do baixo meretriz, acabou a alegria das meninas. Primeiro ele foi chamado Bairro das Princesas, depois Baixa da Areia e depois ficou Cabaré Velho, por causa da destruição.

A droga expulsou todos, todas, todes! Todas as donas de boate tinham que vender sua boate para um antigo traficante, não podia vender para outra pessoa. Lá ele fez um quartel general, um dia ele foi assassinado, os familiares não quiseram saber de nada que ele deixou. E aquilo ali foi tudo tomado por vândalos, por pessoas que viviam sem ter condições de pagar aluguel. É aí onde começa a história do Alex e da ordem, que eu recebi da sagrada Jurema, de começar a fazer um sopão. As pessoas que foram buscar esse sopão vinham do Cabaré Velho para pegar a sopa. E a coisa foi crescendo até o ponto que estamos hoje.

Meu mestre da Jurema já me colocou em cada uma, presta atenção! Começou uma onda de rádios piratas e o mestre disse: "Faz uma". Eu disse para ele: "Pra eu ir preso?". Ele respondeu: "Faça". Tá bom, resolvi seguir a orientação. Lançamos uma rádio pirata, rádio de Itapuã. Na rádio tinha um programa, porque eu sou fã do Gonzaga, chamado o Voo da Asa Branca. De 4 horas da tarde até às 6 horas, eu só tocava música do Gonzaga. E daí com esse programa do Gonzaga, a terceira idade da cidade de Arapiraca ficou fã de mim. Onde tinha um joguinho de dominó à tarde, debaixo de um pé de pau, onde tinha um senhor sentado na cadeira de balanço, ao lado tinha um radinho ouvindo o Alex Gomes. Veja o que é que a Jurema faz com a gente. Um dia de domingo, eu vi uma família, um pai, uma mãe e cinco filhos com

uma carrocinha de mão fazendo a mudança, estavam saindo de umas das boates desativadas, o dono chegou com uma arma na mão despejando quem estava morando lá. Aquilo me doeu bastante! Pensei: "Meu Deus, para onde esse povo vai?".

Neste momento algo chegou pertinho e me disse: "Vai ficar sentado, é, bonitinho?". E eu retruquei: "Fazer o quê?". A resposta veio: "Vai buscá-los?". Então, eu fui buscá-los, mas para levar para onde? Minha residência não dava, não tinha condições, também não dava em um abrigo.

Caminhando com eles sem saber ainda aonde ir, uma senhora, com o nome de Maria Helena disse: "Coloca eles ali naquele meu quartinho, até você arrumar outro lugar". Coloquei eles lá, mas fui para casa e não consegui dormir. Consciência pesada. Por quê? Poxa, eu peguei uma família, tirei uma família da rua e coloquei em um lugar. Então agora sou responsável. Eu sou responsável. Enquanto eu não conseguia dormir, a mesma voz diz: "Fique quieto, não se preocupe. É dessa família que vai começar uma nova história na sua vida". Percebe? De manhã fui lá aonde estava a família, levei pão, leite e café para eles. O pai de família falou: "Eu vou pra rua pedir esmola, senhor Alex, só vou chegar lá perto de meio-dia. O senhor de vez em quando passa os olhos nos meus meninos?". Eu disse: "Tá bom, se preocupe não".

Nisso eu vi que por trás do chamado Cabaré Velho tem um terreno abandonado onde o pessoal vivia jogando garrafas e até desovas. Pessoas que eram assassinadas pelo traficante eram jogadas nesse local. E daí eu perguntei: "De quem é isso aqui?", e disseram: "É da prefeitura". Eu voltei, me sentei debaixo de um pé de árvore, e a mesma pessoa, a mesma voz voltou e disse: "Invada!". Eu retruquei: "Rapaz, tu manda eu botar uma rádio pirata, eu já tô no caminho da Federal, agora tu manda eu invadir o da prefeitura?". E a voz respondeu: "Ocupe!".

Manda quem pode e obedece quem não tem juízo! Eu sei que eu ocupei o espaço, limpei o espaço, chamei uma turma de amigos e fizemos uma casinha de taipa. E essa família foi morar lá dentro. Moço, isso pegou. O povo começou a achar que eu era o Lula e começaram a pedir terreno. Eu dizia: "Eu não tenho terreno!", e as pessoas questionavam: "Mas o senhor não deu terreno para fazer uma casinha àquela família?". Aí eu fui pra rádio e comecei a fazer campanhas: "Pessoal, alguém aí pode nos doar uma telha, um compensado, um pedaço de zinco pra gente construir aqui um barraco?".

Nessa brincadeirinha, hoje são 86 barracos e o nome é Favela do Alex. Foram 86 famílias que tiramos das calçadas, muitas delas dormiam nos albergues do supermercado, do lado da igreja. Saíram e hoje estão morando lá. Ainda temos barraco de tábua, mas muitos já são de alvenaria. Arrumei briga já com prefeito, vereadores, porque na frente é um loteamento belíssimo de casas nobres, de alta qualidade. Então aquela favela ali é uma pereba, é uma ferida. Mas veio uma máquina para derrubar, colocamos as crianças na frente com as mães.

Uma das crianças de lá, que é uma grande atriz, sem eu perceber, levou um pedacinho de sabão, e quando a máquina se aproximou, ela botou o sabão na boca, fez uma espuma, caiu no chão, começou a se temer. As mulheres gritaram: "Ela tá tendo um ataque!". Nisso, a reportagem chegou na hora e a menina se estrebuchava saindo aquela espuma da boca. A reportagem começou a gravar dizendo: "Olha! O que é que estão fazendo aqui? A criança acabou de passar mal!". Mas era tudo cena para se defender daquela violência. Era uma cena, esta é a verdade, que teve que ser feita porque depois disso eles foram embora e não voltaram mais com a máquina. Graças a Deus estão tudo lá. Então vocês percebam o que é a Jurema. O que é o catimbozeiro.

Muita gente tem medo dessa palavra catimbó. Por favor, não tenham medo. O catimbó é uma religião que surge da palavra do cachimbo. Catimbozeiro é aquele que fuma cachimbo. É a religião que usa assim o cachimbo. Vejam só o que é que acontece mais. O catimbozeiro é, para a sociedade da periferia onde eu moro, o mesmo que o médico clínico geral, psicólogo, obstetra, assistente social e sacerdote para a sociedade em geral. Então é um leque de funções e trabalho que nós temos.

E tudo isso nós aprendemos com quem? Com os senhores mestres, com os índios, com os povos da Jurema. Porque, olhe bem, a prostituta nos procura porque tá com um sangramento, mas ela não quer ir para o posto de saúde. Por que ela não quer ir para unidade de saúde? Porque lá na unidade de saúde as pessoas sabem, as enfermeiras, as técnicas de enfermagem, a médica, elas sabem que ela é prostituta e muitas vezes fazem julgamento moral. Então, como ela vai chegar com o sangramento? Infelizmente ouve piadas que eu jamais citaria nenhuma das palavras aqui. Já ouvi vários relatos de como se sentiram em alguns postos de saúde. Então, para ela não passar vergonha, ela vai procurar quem? O obstetra catimbozeiro. E daí eu aprendi com os meus mais velhos, como seu Manuel, como seu Ulisses, que a chanana, o barbatimão, a aroeira, o sambacaitá e a erva-de-ovelha resolvem o problema. Então eu vou lá, junto as folhas, piso, faço o chá, faço os banhos de assento. No banho de assento se coloca as folhas em uma bacia com água morna e a mulher senta ali, demora ali um bom tempo, daqui a pouco ela fica boa. Se mulher teve um aborto, tá com sangramento? É o catimbozeiro que vai buscar.

A criança tá com febre, febre terrível e começa a ter convulsões. Congestão. Muitas vezes não dá tempo de correr para o médico. Então você tem que baixar aquela febre rapidamente. Assim, tem um chá, tem uma defumação que se dá naquela criança

e usamos nossos ensinos. Em outros momentos chegam mulheres desesperadas dizendo: "Seu Alex, acuda! Meu marido tá quebrando tudo dentro de casa. Ele tomou droga, ele tá bêbado. Pelo amor de Deus, ajuda aqui!". Eu vou lá e converso com o homem: "Ei, rapaz, vamos sentar aqui, bora conversar, vamos bater um papo, vamos se acalmar". Ou às vezes também escuto algo diferente, é o homem desesperado: "Seu Alex, acode. A minha mulher tá querendo ir embora, deixar as crianças. Deu uma loucura nela lá". Aí vou eu atrás da mulher: "Vamos conversar, vamos tomar um café, vamos fumar, vamos conversar?". E a gente com aquela conversa já consegue ajudar de algum modo.

Vejam outra coisa fundamental do catimbozeiro na periferia é reduzir a violência. Na minha comunidade, eu cheguei a perder nove filhos em dois meses. Foram crianças cujas mães eu levei de madrugada no meu carro para a maternidade. A SAMU não queria entrar na Favela do Alex por ser considerado um lugar perigoso, uma área vermelha com muito tráfico de drogas. Dois meninos morreram em um mesmo dia, quinta-feira maior, véspera de sexta-feira da paixão.

O que fazer? Aí eu apelei para o meu mentor espiritual: "Hei, não é tu que bota eu nessas enrascadas? Me ajuda aí, que eu tô cansado de enterrar meus filhos. Poxa, faz alguma coisa!". Aí surgiu a política dos pontos de cultura, através do Ministério da Cultura. Nós com o apoio do pessoal da universidade fomos aprovados como ponto de cultura. O afoxé, a dança afro, a bandinha de pífaro, a bandinha de coco começou a puxar as crianças, trazendo essas crianças para as aulas. No final tinha lanche. Devagar eles passaram a amar o ponto. A gente pegava essas crianças e ia pro açude do Dnocs lá da cidade. Aquilo foi ganhando essas crianças. Depois conseguimos uma parceria com o fórum de pequenas causas e cada criança passou a ganhar uma cesta básica, dada

por pessoas que são condenadas a pagar cestas básicas. A coisa já começou a melhorar. Daqui a pouco as crianças não quiseram mais vender droga. E mais, as crianças começaram a ir diariamente para escola porque tinha que estar na escola e ter boletim azul e bom comportamento para poder acompanhar o afoxé, a capoeira, a bandinha de pífano. Começaram a ter apresentações, fomos convidados para vários lugares, e as crianças ficaram surpresas com aquele monte de gente aplaudindo. Então isso foi envolvendo e as crianças saíram do tráfico.

Aí, minha cabeça foi posta a prêmio por 800 reais. Mas foram até o presídio pedir autorização ao Coringa, que estava preso, mas mandava na bocada toda. O Coringa falou: "Se vocês tocarem naquele negão, quando eu sair daqui, eu não deixo vivo nem a sua mãe, quanto mais você". Agora, por quê? Porque a mulher do Coringa, enquanto ele estava preso, teve neném e a criança nasceu com muitas dores, muita cólica. E o pediatra catimbozeiro fez chá de umbigo de bezerro, com hortelã da folha miúda e alfavaca, deu pra criança e ela ficou legal, ficou boa. Além disso, o Alex foi pedir aos amigos leite e fralda pra criança.

Então isso fez com que o traficante dissesse aos seus funcionários: "Pega as crianças, leve para outro local — que no caso é o conjunto Frei Damião, que é conhecido por Cisco Valentim — e monte a boca lá. Agora mexer no negão de jeito nenhum". Graças a Deus e a sagrada Jurema e o trabalho que ela me ensinou, estou aqui para contar essa história a vocês, porque quem conhece o tráfico sabe, quem é marcado para morrer, morre. Mas a Jurema me trouxe aqui, tá me sustentando até hoje e vai me sustentar. Então essas ações é tudo ensinado pela sagrada Jurema. Nasce dentro de nós, catimbozeiros e indígenas, o cuidado da preservação da árvore de todo o saber e de toda a ciência que a Jurema nos dá. Já tem gente aí pesquisando sobre

entre casca da Jurema, sobre a raiz e daqui a pouco querem patentear. Se daqui a pouco começarem a invadir os espaços da sagrada Jurema e disser: "Ela é nossa", como é que judicialmente a gente vai poder debater com eles, com essas pessoas? Então, mais um cuidado que precisamos ter.

Eu nasci em 1967. Eu vivi a maioria da parte da ditadura. Eu senti na pele, como negro babalorixá, como catimbozeiro, o que é culto a essa religião. Eu vi terreiro ser invadido, tambores serem quebrados, mãe de santo, pai de santo, juremeiro serem presos.

Ontem eu vi isso aqui, cacique Marquinhos Xukurú, prefeito de Pesqueira, pessoa que eu tenho um alto respeito, uma admiração muito grande. Sou fã desse cara pela luta dele e de seu povo, ele é um exemplo para que nós — nós do povo de terreiro — avancemos. O povo catimbozeiro também tem que avançar, assim como todos os indígenas.

O outro tombou? Levanta! O outro errou? Não joga a pedra, não. Vem cá. Vamos sentar aqui na presença dos mais velhos. Ninguém melhor do que eles para ensinar a gente. Não existe. Os pajés, os mais velhos, os anciões são a biblioteca viva.

Eu nunca desisti, porque a Jurema sempre esteve do meu lado. Ela me dando força, ela me dando ciência. O seu Manuel Cacheado falou uma coisa muito interessante. A fumaça da Jurema, ela avisa o sim ou o não. É nosso celular para se comunicar com nossos antepassados. É uma ciência que não tem explicação porque eu já vi curar até criança desacreditada da medicina. A ciência dizia que era uma bactéria pegada de um salgadinho infectado. E o mestre da Jurema disse que era fome. Quando recebeu a orientação de preparar uma comida para o filho a mãe disse: "É, já tá morta mesmo, não custa nada tentar". Botou um pedaço de toicinho dentro do feijão, cozinhou, amassou, foi lá e pôs na boca da criança, foi botando pouquinho, pouquinho.

Essa criança hoje tem dois filhos. Ela está viva e já pariu dois filhos. E todos os dois se chamam José, em homenagem ao mestre que a curou. Isso é Jurema. Essa é a força e o poder da Jurema.

PLANTA PIONEIRA

RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD

Bom dia! Quero iniciar agradecendo a oportunidade de estar aqui neste evento lindo. Quero agradecer a todos os seres e forças materiais e imateriais e encantadas do céu, da terra e das águas. Quero agradecer à Jurema, que nos reúne aqui de galhos abertos. Aos organizadores do evento agradeço, especialmente Edna e Cláudia Truká, bem como a Alexandre Barreto, da UNIVASF, idealizador desse rico encontro e que desde o início de seu planejamento tem estado em contato comigo, compartilhando parte de sua projeção. Grande guerreiro! Aos indígenas Truká, especialmente os Truká de Orocó, pela acolhida no Seminário. Quero ainda saudar a todos os indígenas, ao pessoal dos terreiros variados, aos gestores de saúde e aos colegas da esfera acadêmica. Enfim, quero cumprimentar os que dividem a mesa comigo. Uma honra ter sido convidado e estar aqui com vocês. E certamente estou aqui muito mais para apreender do que para explanar.

Bem, estamos aqui reunidos em um seminário em torno da Jurema, planta que me permitiu ter acesso a um pouco de conhecimento prático e esotérico sobre ela e entidade sobre a qual acabei escrevendo algumas linhas publicadas no meio acadêmico. Quem dera se eu fosse artista ou soubesse cantar!

Jurema é uma planta pioneira do Semiárido do Nordeste brasileiro. O que isso quer dizer? Que é mato, é da mata, nasceu no início de toda vegetação aqui dessa região. A gente pode plantar Jurema (como eu mesmo já fiz em uma casa que tenho no

Rio de Janeiro) e ver nela despontar cidades invisíveis ou planos espirituais maravilhosos. Mas ela, a princípio, é uma planta que vem primeiro. O sertão aqui do Nordeste já foi mar em épocas geológicas há milhões de anos atrás. O planeta foi mudando e o mar aqui secou e as plantas começaram a crescer. A Jurema é uma dessas plantas que são as primeiras a surgir num ambiente que antes não tinha vegetação.

Assim, a Jurema recebeu outras plantas e animais que chegaram depois, assim como recebeu os primeiros humanos que aqui chegaram e se estabeleceram. Muitos de vocês indígenas se classificam como povos originários, tendo como marco temporal a chegada do europeu nas Américas cerca de cinco séculos atrás. E vocês, povos indígenas, já estavam de fato aqui muito antes disso, há milhares de anos com conhecimento acumulado sobre o meio ambiente e os territórios que ocupavam. Mas, quando os primeiros humanos chegaram, tão antigos que nem os bravios lembram deles, a Jurema já estava aqui os acolhendo junto a toda essa natureza de forma integral, equilibrada, lhes dando a saúde e diretrizes para a integração dessas antigas populações humanas com as forças desse ambiente; forças visíveis e invisíveis.

E a Jurema mostrou a essas populações, seus ancestrais originários, modos de integração: corpo, mente, espírito em sintonia com a natureza local. Certamente a Jurema abençoou (e continua abençoando) a toda gente, animais, plantas, a todos seres vivos que aqui respeitosamente se enredam. E provavelmente por isso, as populações ancestrais lhes imputaram um valor sacral, isto é, um valor legitimado através de ritos (rituais), que vieram a fundamentar seu papel dentro de um sistema de crença, filosofia ou pensamento. E assim viemos a falar em Jurema Sagrada. A saúde que a Jurema nos proporciona não é simplesmente uma cura ou tratamento para simples doenças físicas, como dor de

barriga, febre, cortes, enjoos, gripes, queimaduras etc., mas para coisas muito mais profundas da nossa existência. Sempre que possível viajo até a Serra do Umã para beber Jurema com meu amigo, o pajé Augusto, e a turma toda que frequenta sua casa de gentio e seu terreiro. Sempre que o Augusto me serve a Jurema numa cuia, ele olha dentro dos meus olhos e diz: "Rodrigo, a Jurema é a saúde!". E é como eu me sinto sempre que bebo Jurema, mesmo fora de rituais. Certa vez na Serra do Arapuá, há vinte e cinco anos atrás, o João Miguel ofereceu uma Jurema bem forte para mim e dois estudantes que eu orientava na época (Estêvão Palitot e Marcos Alexandre Albuquerque). Lembro que bebemos as cuias de Jurema e saímos para andar no território, para conhecer. As plantas — aroeira, jatobá, pau-ferro ou jucá, juazeiro, pau-pereiro, angico, mulungu, ou seja lá quais fossem — todas se apresentavam espiritualmente, com vida para além da imagem material que a gente vê normalmente, a natureza toda se apresentava com seu encantamento; e o sorriso no meu rosto era de orelha a orelha. Uma felicidade plena!

Assim, trata-se de uma saúde integral, integrativa, no sentido da cura, da integração dos humanos que chegavam com a natureza, com as outras espécies vegetais, os animais, como andar nesse meio ambiente, nessa natureza. Então, a Jurema é a planta pioneira que recebe, que acolhe os primeiros humanos que chegaram aqui, que são os ancestrais dos ancestrais dos ancestrais. Então é uma planta de muito respeito. E ela tem essa pureza, talvez. Eu falo muito da mistura com relação à Jurema. Ela aceita muita mistura. Posso falar disso agora, mas, originalmente, ela é a primeira que apareceu aqui, antes de qualquer mistura. As pessoas podem braiar a Jurema, podem misturar a Jurema de várias maneiras. Eu acho que todas devem ser respeitadas, sem preconceito, porque foram recebendo esses ensinamentos da planta. E se não caíram, se não

tombaram e respeitosamente estão levando adiante os seus ritos, é porque ela acolheu essas formas de fazer, tanto das maneiras mais tradicionais, de diversos povos tradicionais, quanto de maneiras atualmente modernas que se tem feito. Eu acho que todas as tradições e todas as perspectivas respeitosas devem ser tidas com respeito e sem preconceito. E a Jurema traz essa saúde integral, que é muito importante para a relação do espírito, do corpo, da mente, do bem-estar das pessoas em geral aqui da região e das pessoas também de outros lugares que são chamadas pela Jurema e que bem sabem do que eu estou falando.

E para essa saúde integral, a Jurema é fantástica porque ela faz dos tristes sorridentes, dos acabrunhados pessoas alegremente falantes, dos pessimistas ela faz pessoas corajosas que vão em frente. A Jurema, ela é transformadora. Ela é transformadora e vem desde o início promovendo esse crescimento que nos acompanha. E guardar esses conhecimentos, guardar essas tradições é muito importante. Foi importante para os humanos que aqui chegaram e conheceram essa força. A primeira planta pioneira que nasce aqui do nada é justamente a primeira planta capaz de fazer uma conexão cósmica e espiritual entre nós e todas as espécies visíveis e invisíveis que estão por aí. Então tem essa capacidade, essa força, essa saúde.

Quero fazer aqui uma observação. Quando pessoas indígenas ou de terreiros ou mestres juremeiros reclamam que em determinado momento se começou a usar a palavra enteógeno com referência à Jurema, gostaria de defender aqui o uso desse termo. Por enteógeno se quer falar positivamente de uma planta que é capaz de promover essa força espiritual saudável nas pessoas. As pessoas costumavam chamar de, ou rotular como, alucinógenos ou drogas as plantas que podem causar efeitos nas mentes das pessoas. A palavra enteógeno quer,

ao contrário, se referir a plantas que podem ajudar com que o divino, a força espiritual, desponte nas pessoas, as conectando com o mundo invisível, mas que existe realmente. Não precisa conectar provocando visões doidas ou coisas parecidas, mas abrilhantando a maneira de as pessoas verem a natureza, o cosmos, a vida. É saúde integrativa que desponta da percepção promovida pelo enteógeno, que nos apresenta caminhos para um equilíbrio físico, mental, social, emocional e espiritual, para um melhor bem-estar no mundo. Claro que muitas pessoas não precisam da Jurema para alcançar essa comunhão a qual estou me referindo, como dínamo espiritual.

Mas a Jurema, ela ajuda, ela traz essa força para muitas pessoas, ensinando, também como professora que é. E os alunos sempre voltavam à Jurema pedindo: "Dai-me, Jurema, dai-me, Jurema, conhecimento e luz". E faziam e fazem seus exercícios rituais e ainda levam trabalhos pedidos por ela para suas casas e suas terras e voltam às aulas/rituais contentes com essa grande professora.

Acho que, para falar da Jurema, às vezes a gente quer ir para um lado, quer ir para outro, e se pode falar tanta coisa, principalmente diante de pessoas tão importantes e tão conhecedoras como as aqui presentes nesse Seminário. Esse conhecimento e essa força, que vieram com a Jurema desde momentos ancestrais, continuam vigorosos também em décadas mais recentes, no aqui e agora. Ela foi muito importante nas emergências étnicas e acompanhou muito a luta indígena no Nordeste do Brasil. Vocês sabem que mais ou menos pelas décadas de 1920, 1930, um século atrás, havia cinco grupos indígenas reconhecidos no Nordeste.

Hoje tem mais de 100. Essas pessoas que foram invisibilizadas sofreram preconceito, se escondiam, não podiam dizer que eram indígenas. Elas, com a Jurema, com a força da Jurema, foram se unindo, se entrelaçando, mostrando umas para as outras como

buscar na Jurema a força para se reassumir como indígenas e falar que nunca deixaram de ser. Se os indígenas foram, na colonização, invisibilizados, se não podiam se manifestar, tinham muitas vezes que se esconder, eles não deixaram de saber, não deixaram de compartilhar um conhecimento com a natureza, com as plantas, com o seu bioma. Não só a Jurema, portanto, como outras plantas também.

Assim, a Jurema sempre acompanhou aquele momento de recolhimento e a expansão que se dá na luta dos guerreiros indígenas e das guerreiras indígenas; essa volta, esse retorno que teve. Então, a Jurema acompanha tudo isso e de uma maneira produtiva, pois, se ela acolheu os primeiros humanos que aqui chegaram, também acompanhou comunidades indígenas em suas etnicidades e processos de territorialização até nas chamadas emergência étnicas. Tradições e conhecimentos esotéricos foram compartilhados entre distintas populações indígenas, umas consolidadas, outras emergentes, tendo a Jurema como importante referência de indianidade. A Jurema sempre esteve junto e sempre ajudou, inclusive a formar um senso de comunidade. Os guerreiros e guerreiras indígenas sabem muito bem disso.

E se foi assim entre os originários, com a difusão da Jurema entre populações outras que vieram depois, como os mestres juremeiros, os povos de terreiro e até xamãs urbanos modernos ou psiconautas respeitosos, não foi diferente. Pois quem a respeita não cai e não se deve cultivar preconceito entre tradições distintas ou modos diferentes, mesmo que modernos ou individualizados, de trabalhos com a Jurema. E se a Jurema tem sua pureza, ela já foi, e é, braiada, misturada, com outras plantas (e até bebidas) desde tempos passados de que nem temos ideia até hoje, de maneiras as mais variadas. As tradições e os usos rituais da Jurema – não só

a bebida feita de suas cascas (especialmente das raízes), mas suas folhas, as próprias raízes e o caule – são diversos assim como a humanidade é diversa, plural. Particularmente, eu penso que de alguma forma somos todos mestiços. E a Jurema parece nunca ter se incomodado em participar dessa rica miscibilidade, de misturas produtivas constituintes inclusive de novas identidades étnicas ou rituais.

Eu fico muitas vezes tocado quando falo sobre a Jurema e tudo que se fez nessa corrente toda que essa força magnífica acompanhou. Hoje isso também é muito importante, pois a Jurema também teve uma miscibilidade porque ela não ficou só parada no mundo indígena, na colonização do Brasil, do Nordeste. Misturas aconteceram e, assim como ela é misturada com outras plantas, outras pessoas também se chegaram. Eu acredito na mestiçagem originária. Eu vejo pureza talvez naquela primeira Jurema pioneira que estava aqui no início do bioma do semiárido nordestino. Agora nós como pessoas, como indivíduos, falar que tem uma pessoa, um grupo, aqui que tem uma pureza… Uma pureza? Eu acho que isso não rola. E acho que também o que não rola é a gente ter preconceito com as maneiras diversas como a Jurema vai ganhando essa possibilidade. Essa miscibilidade é rica, de se misturar, de entrar em novos espaços. Se não for para acontecer, não vai acontecer. As pessoas vão cair e aquilo, aquela novidade, não vai para a frente.

A Jurema, enfim, perpassou generosamente vários contextos rituais, entre tradições diversas e até experimentalismos contemporâneos, sem ter jogado as pessoas em geral no chão, mas, como já disse, fazendo sorrir os melancólicos; fazendo dos acabrunhados falantes animados; dos pessimistas, confiantes; iluminando suas esferas espirituais sem cobranças ou preconceitos. Problema é que, quando se publiciza algo tão precioso, sempre

aparece uns e outros para querer lucrar com isso, maculando um ser digno de profundo respeito. Espero que esses não proliferem. Não me refiro a psiconautas, mas a comerciantes clandestinos de Jurema que não têm o menor apreço pelo meio ambiente, pela mãe natureza. São essas minhas breves palavras iniciais sobre a Jurema no dia de hoje e quero mais uma vez agradecer a oportunidade de estar aqui reunido com todos vocês em torno desse assunto tão majestoso. Muito obrigado e viva a Jurema!

ARQUEOLOGIA DO VÍNCULO HUMANO-VEGETAL

GUILHERME MEDEIROS

Bom dia, gente! Gostaria de começar agradecendo à Força Divina, à mãe Jurema, aos encantados, começar falando que estar aqui no território Truká, não só na presença dessas autoridades indígenas, autoridades acadêmicas, mas estar presente nesse evento, como foi falado desde ontem na fala de abertura, um evento desse porte, com essa dinâmica no território indígena. Pai Alex falou que já participou de outros na academia, que é a primeira vez que está participando na aldeia. Para mim também é a mesma coisa. Então, gostaria de agradecer o convite da organização na pessoa do professor Alexandre, em nome de quem agradeço a todos os envolvidos nessa organização. Agradecer a acolhida na pessoa do cacique Yssô, do cacique Neguinho, da Edna, a acolhida aqui no território. Vou contar uma pequena particularidade. Conheci Yssô há 11 anos, lá em Caruaru. Vou dizer isso, eu não sei se ele vai aprovar ou não, mas ele foi meu aluno na disciplina de Arqueologia, na licenciatura interdisciplinar indígena na UFPE, no campus de Caruaru. E conversamos muito, foi uma semana intensa de muitas trocas de informação e, 11 anos depois, eu venho aqui na casa dele.

Então, estou muito honrado e honrado com a presença de todas as lideranças indígenas. Agradeço muito a presença de todos vocês, agradeço a oportunidade. Estou muito honrado de estar falando sobre a Jurema com um pouquinho que eu vou partilhar com vocês do conhecimento acadêmico e aprendendo muito com essas sumidades da vivência da Jurema.

Então, saúdo o pajé Manoel Cacheado, pajé Ulisses, pai Alex, Rodrigo, que caminha também nesses caminhos da universidade, e a Saulo, o indigenista de longa data. Eu vou partilhar com vocês aqui algumas informações sobre Arqueologia voltadas para as pinturas rupestres. Meu envolvimento com a pesquisa acadêmica, com a Jurema, começou lá nos inícios dos anos 2000, quando eu tomei conhecimento da Jurema, através de trabalhos antropológicos. Minha formação é História e Arqueologia.

Uma coisa que me incomodava como pesquisador não índio é que a maior parte dos textos antropológicos sobre a Jurema falava assim: "Ah, é uma coisa muito antiga, é uma prática muito antiga", mas ninguém falava quanto. Na cabeça do historiador ficava, mas de quando? Antigo de quando? Eu fiquei pensando, fui procurar trabalhos de História sobre isso, não encontrei nada. Eu disse: "Vou transformar isso numa pergunta histórica". E comecei a trabalhar. Esse recorte, que eu trago hoje aqui pra gente compartilhar, tem um objetivo primeiro dentro da academia, se a gente tá falando da área da ciência histórica, a gente está muito ligado, muito preso à coisa do documento. Então procura o documento mais antigo. Quem foi que escreveu? Está onde? Está em que arquivo? Em que igreja? E quando a gente vai atrás desses documentos escritos são todos produzidos pelos colonizadores. É sempre a voz do colonizador, a visão do colonizador sobre o que estava acontecendo. Sempre tinha nessa discussão aquela ideia de que os índios, indígenas, originários não produziram documentos escritos. Então, a gente

pode ter o relato das populações atuais, mas a gente não pode acessar um relato de 500 anos atrás, 400 anos atrás e assim por diante. Ficava essa lacuna, ficava esse vazio.

Então, quando eu cheguei lá na Serra da Capivara, entrei na UNIVASF em 2004, 21 anos atrás, fui lá para o campus Serra da Capivara, no Piauí, São Raimundo Nonato, e lá eu tive um contato mais intenso com as pinturas rupestres. Dentro desse contato com as pinturas rupestres, a gente tem um recorte que para mim saltou aos olhos, porque eu estava olhando com esse olhar de perguntar sobre a Jurema, os arqueólogos classificavam um tipo de cena — e a gente vai falar um pouquinho sobre isso —, um tipo de cena chamado cena da árvore ou cena das árvores. Estava dentro da classificação lá de uma tradição específica de pintura rupestre. E aí as perguntas começam a aparecer. Cena da árvore está ao lado de outras cenas, como cena de caça, cena de sexo, cena de dança, de festa e cena de guerra. Se a gente pensar nos rituais indígenas, na dança, nas aldeias, nas festividades, se celebra a vida, celebra a passagem para outro mundo, celebra a passagem da idade, são as celebrações da vida andando, da vida acontecendo.

Quando a gente pensa em cena de caça, é alimentação. Quando a gente pensa em cena de guerra, é proteção ou uma conquista de um novo território. Então, todas as cenas têm uma ligação que pra gente fica muito nítida, que é a sobrevivência do grupo, que é a expansão do grupo, que é a continuidade do grupo no tempo. E a cena da árvore aparecia ao lado dessas outras cenas e a gente perguntava: "O que é que cena da árvore tem a ver com isso?". Para os arqueólogos não tinha nenhuma ligação. Disseram que era cena da árvore porque havia uma árvore, mas a explicação disso nunca veio. Quando a gente vai olhar para as cenas da árvore, não sei se tá muito nítido para vocês, eu trouxe primeiro esse mapa para mostrar que no Brasil os arqueólogos encontram e classificam

diversas tradições de pintura. Cada desenhinho desse diferente aqui, espalhado pelo território, é uma tradição de pintura diferente. Aqui nesse círculo vermelho, tem uma cena que vocês não vão identificar porque não tá muito nítido, mas tem umas cenazinhas aqui de árvore que é referente à tradição nordeste. É essa tradição nordeste onde tem as cenas da árvore. A gente tem exemplares de cena da árvore que vão desde o Parque Serra da Capivara, no Piauí. Tem aqui no Parque do Catimbau, em Pernambuco, e vai até o sertão do Seridó, que tá na fronteira entre Rio Grande do Norte e Paraíba. Tem cena de árvore nesse território todo. Alguém pode perguntar: "Mas Ceará que tá no meio, onde é que tem?". Aí a gente entraria no meandro da prática arqueológica.

A prática arqueológica é uma prática difícil e muito cara. Não quer dizer que não tenha pinturas de cena da árvore no Ceará, é que a gente não encontrou ainda, não teve pesquisador para levantar isso lá. Provavelmente, se a gente procurar, vai encontrar também. O detalhe dessa cena da árvore é que a gente não pode dizer. A gente não pode dizer pela pintura qual a espécie botânica que aparece, a gente não pode dizer isso que aparece aqui é Jurema. Aliás, a gente não pode dizer que é árvore nenhuma. A gente só sabe que é uma representação de vegetal e que tem seres humanos em torno dele.

Essa cena aqui que é belíssima, infelizmente na projeção está quase apagada, é uma grande árvore aqui no meio e um grupo de quase 30 pessoas em volta, todos com os braços levantados, voltados pra árvore. É linda essa cena aqui. E o que é que pesa pra gente isso? Qual é a crítica da história e da ciência acadêmica? "Ah, o indígena não escreveu documento. O indígena não tem documento em cartório. A gente não pode encontrar isso". Mas a gente tem o registro, tem a voz indígena aqui. Essas pinturas são classificadas com as datações da Arqueologia, elas foram vivas.

Quer dizer, essa tradição de pintura foi viva, foi praticada entre 12 mil anos atrás até 6 mil anos atrás. Os sítios arqueológicos mais recentes com pinturas da tradição nordeste e cena da árvore que a gente encontra são por volta de 6 mil anos atrás. O detalhe pra gente, eu acho que isso é de se orgulhar, mesmo a gente não identificando essa árvore da cena da árvore como Jurema, a gente tem que entender que as populações que estavam aqui há milênios já tinham uma relação diferenciada com elemento vegetal, porque a gente não vai encontrar registro desse tipo em qualquer lugar do mundo.

Mas ainda tem um acréscimo, que para mim é motivo de a gente se orgulhar e estar diante da cultura viva dos povos originários, povos indígenas do Brasil. Essas são as representações de elemento vegetal mais antigas que a gente encontra no planeta Terra. Se a gente sair dessas pinturas aqui do Nordeste, a gente vai encontrar os primeiros registros humanos de elementos vegetais, como baixo relevo, escultura e algumas pinturas lá no Vale do Indo, na Índia, na Mesopotâmia e no Egito, que estão por volta de 3 mil a 4 mil anos. A gente tem esses registros de 12 mil a 6 mil anos. Então aqui no Brasil, no Nordeste, o povo que já habitava aqui. São os ancestrais de nossas etnias e povos indígenas que já deixaram registrados pra gente que eles tinham uma relação diferenciada com o vegetal.

Quando a gente fala de Jurema, a gente sabe que a mãe de todas as árvores é a mãe da floresta, mas a gente sabe também que no universo da Jurema, o universo sagrado da Jurema, não é só a Jurema que é considerada a planta sagrada, tem uma infinidade de outras plantas. Então independente de a gente dizer que na pintura é Jurema, e veja só, academicamente a gente tem que tomar um cuidado para não cometer um anacronismo de chegar e dizer que esse é o registro de Jurema de 12 mil anos. Não

é isso que eu estou dizendo. É destacar que os povos ancestrais que viviam aqui deixaram registrado, já nesse período, que a relação com a natureza, a relação com as árvores, a relação com o vegetal era importante para eles. Como eu falei, cena da árvore está ao lado de cena de guerra, cena de dança, cena de caça, era fundamental para a sobrevivência, tanto quanto a alimentação, a proteção e assim por diante. Detalhe importante, pegando a fala do professor Rodrigo Grünewald, eu aprendi isso há pouco tempo, faz alguns meses, falando sobre a Jurema e essa ideia do vegetal pioneiro.

A gente sabe, não sei se vocês já perceberam, mas a gente encontra muito o pé de Jurema em beira de estrada, a gente vai andando na estrada e às vezes quando está florido a gente vê muita Jurema, que é justamente essa característica: onde foi desmatado, quem começa a recompor a mata é a Jurema. Ela aparece porque ela vai transformar alguns elementos no solo e vai permitir que outras plantas comecem a se instalar ali também. Mas tem outra coisa que está relacionada à história da saúde também. A Jurema trabalha, isso foi informação que eu tive de uma bióloga botânica, eu perguntei se eu podia citar o nome dela publicamente, ela disse que não, que ela ainda vai pensar na publicação dela e tal, mas eu trago a informação. A Jurema trabalha com a mesma substância que pra gente traz saúde, que na academia a gente vai falar que é o DMT, o princípio ativo, ela trabalha também o DMT no solo para cuidar de outras plantas.

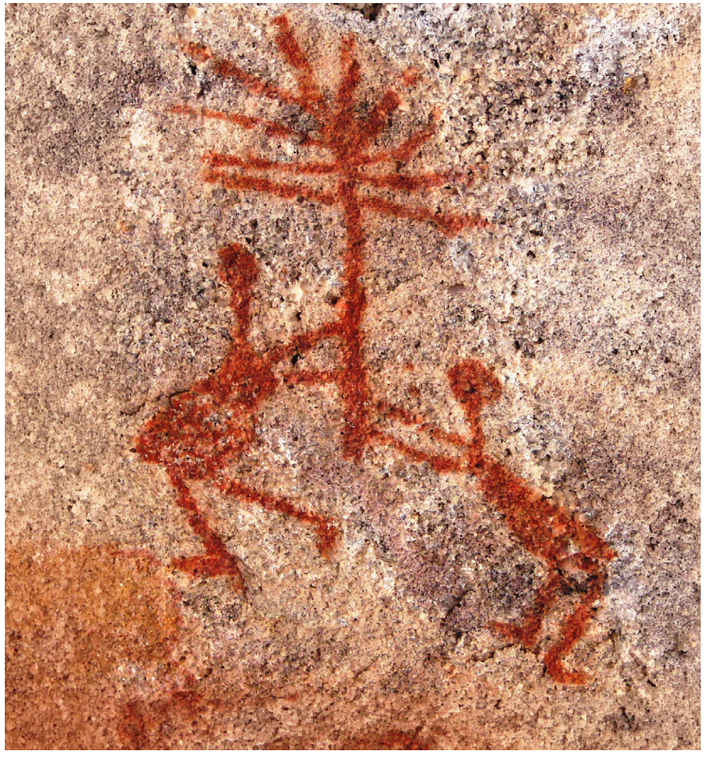
Aí eu conto uma história rápida também que eu aprendi há pouco tempo. Falando com o Prof. Luiz Severino da Silva Jr., que trabalhou no IPHAN, no Pará, ele falava sobre essa resistência dos povos indígenas, citando um exemplo que ele teve contato. Nas grandes propriedades onde a gente sabe que ocorre esse processo do desmatamento absurdo que acontece na Amazônia,

nas grandes propriedades, aqueles que estão trabalhando no campo, sobretudo cortando, abrindo as clareiras para começar a plantar pasto para gado etc., essa parte dos trabalhadores, que são os peões da fazenda, são de origem indígena. Então, toda vez que eles encontravam uma castanheira do Pará, aquela árvore monumental, eles não cortavam e os patrões ficavam revoltados com eles. E quando ia ali no embate, eles diziam pro patrão, se reuniam e diziam assim: "É por conta dos espíritos, a gente não pode cortar". E essa pessoa que estava me contando isso dizia que esses trabalhadores rurais deixavam a castanheira com a esperança de que um dia a floresta ia se recompor, porque a castanheira não vive sem a floresta. Então era como se deixasse um sinal ali de esperança de que a floresta um dia se recomporia. Mas como a castanheira não vive sem a floresta, com a permanência do pasto, do gado, com o tempo elas morrem.

A Jurema faz o contrário. A Jurema com esse trabalho no solo chama outras plantas, a Jurema chama a mata. Onde não tem a mata porque foi retirada, a Jurema chama a mata de volta. E ela com o DMT no solo, ela dá cuidado, se tem outra árvore, mesmo que não seja Jurema, se tem outra árvore que está ali quebrada, se foi atacada por inseto e tal, ela dá o seu remédio através do solo. Pra gente ver que a mãe Jurema trabalha em todos os níveis, em todos os sentidos.

Então era isso. Eu queria partilhar com vocês, porque as informações da Arqueologia geralmente circulam pouco, mesmo dentro da academia, quem é de outra área geralmente não conhece e fora da academia fica mais difícil ainda. Então acho que era isso que eu tinha para trazer. O que eu ia falar de início e não falei é que ontem na abertura teve a fala da guerreira Potira, representante da CESAI, onde ela fez a referência à Arqueologia. Eu falei com ela depois, ela disse: "A Arqueologia, uma ciência não

índia, que fala que nós estamos aqui há 12 mil anos" e falava dessa antiguidade. Eu disse para ela: "Potira, amanhã a gente vai falar um pouquinho sobre essa presença antiga aqui". E aí trazemos esse registro para partilhar com vocês uma voz indígena, uma voz ancestral dessa terra da Jurema, tão antiga. Agradecer a todos e viva a Jurema!



11. Pintura rupestre do Sítio Entrada do Pajaú, Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil.



12. "Cena da Árvore", pintura rupestre, Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil.



13. "Cena da Árvore", pintura rupestre, Sítio Toda da Extrema II, Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil.



14. Vista do interior do Espaço Sagrado da Jurema, com destaque para João Batista (à direita) e seu pai. Ao lado, Pajé Mané Cacheado, do povo Pankaré.



15. Imagem de manifestação religiosa durante o ritual sagrado do Toré.

JUREMA
CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

CIÊNCIAS DA JUREMA 2

JUREMA – ALIMENTO DA ALMA QUE PURIFICA O CORPO
ULISSES TRUKÁ

CIÊNCIAS DO CATIMBÓ
JOÃO BATISTA FIGUEREDO DE OLIVEIRA

CIÊNCIA ENCANTADA DA JUREMA
MARCELO LEITE

CHAMADOS DA JUREMA
DRÁULIO ARAÚJO



JUREMA – ALIMENTO DA ALMA QUE PURIFICA O CORPO

ULISSES TRUKÁ

A Jurema, como muitos aqui já colocaram, serve para nosso ritual, alimenta nossos espíritos e purifica o corpo para recebermos os nossos encantados, como nós chamamos. Na espiritualidade indígena, como em outras dominações, seja o candomblé, o xangô ou as mesas brancas, todos os espíritos e as pessoas recebem uma mensagem do além através da Jurema que purifica o corpo. Falar na Jurema, nunca termina ou chega no final. Aprendi assim, eu fui médium. No ano de 1966 nós éramos 28 médiuns Truká, na época eu era rapazinho e recebi umas frequências de coisas estranhas que na época eu não sabia o que ou como fazer. Nossos antepassados que entendiam este conhecimento já tinham se ido. Nós éramos uma turma que estava perdida, sem achar um rumo na época. Graças a Deus, os encantados me guiaram, eu ajudei muitos deles a se desenvolver e busquei este amparo na Jurema. A Jurema nos entendeu. Então, é uma história muito significativa

para acreditar, buscamos apoio e ensino na força que a Jurema tem. Foi assim que meu guia se apresentou, ele me deu um ponto que fala muito na Jurema. Eu me dediquei à parte espiritual dentro do nosso território por força da natureza.

Busquei as forças dos encantados e dos antepassados consagrando a Jurema para nós termos conhecimento. Quando nós começamos o trabalho aqui, descobrimos que a Jurema é uma ciência de nosso povo que tem um valor oculto. Eu digo a vocês, de 1966 para cá já são 59 anos e, graças a Deus, eu posso dizer que sou médium e tenho conhecimento no lado espiritual indígena, em nossa religião e também tenho o conhecimento do espiritualismo na umbanda. As minhas correntes e meu praticar é indígena. Mas a Jurema, ela faz parte de todos os povos que trabalham com espírito.

A Jurema em matéria não é de ninguém, mas é de quem se relacionar com ela em um bom sentido. A Jurema nos acolhe, todos nós. É uma mãezona que nós temos, e nos entristece, por um outro lado, quando se negocia a Jurema.

Nós trabalha aqui com as equipes de saúde, não índio e índio. Eu aconselho — aí já é um conselho que eu estou dando a todos — não divida seu saber com ninguém. Faça o bem. Mostre. Agora dizer aquilo que você recebeu, ou vender aquilo que você recebeu do além, não tem um resultado bom. Nós estamos encurtando a nossa cultura dividindo nosso saber. Antigamente, os nossos antepassados pouco ensinavam, eles faziam. Então, isso eu guardei para mim. Se alguém estiver precisando de uma reza, de uma cura, eu vou fazer. Agora, jamais eu vou dizer como é que faz, porque é segredo nosso. É assim que eu aprendi, é assim que eu vou dizer e é assim que eu vou fazer. Eu gosto muito, dentro da espiritualidade, do ditado que diz "ouvir muito e falar pouco". É meu lema, é meu ensinamento, meus encantados é que me dizem.

Eu gostaria de encerrar essa conversa dizendo e demonstrando um canto que nós temos, que nos foi passado.

> *Caboclo roxo da comorena, ele é Oxóssi caçador lá na Jurema.*
> *Ele jurou e ele jurará pelos conselhos que a Jurema lhe dá.*
> *Ele jurou e ele jurará pelos conselhos que a Jurema mandou dá.*
> *Quando ele vem, descem nas suas serras, com a sua espada para vencer as demandas — demanda da vida, né?*
> *Ele jurou e ele jurará pelos conselhos que a Jurema mandou dar.*
> *Ele jurou e ele jurará pelos conselhos que a Jurema lhe dá.*
> *É assim que a Jurema nos diz.*

CIÊNCIAS DO CATIMBÓ

JOÃO BATISTA FIGUEREDO DE OLIVEIRA

É uma honra estar aqui compartilhando esse momento com vocês. Quero saudar os povos indígenas, suas lideranças, o povo catimbozeiro, todos e todas presentes. Minha gratidão ao povo Truká que nos abriu essa possibilidade de pisar neste chão sagrado tão especial. Quando eu cheguei aqui, fiquei encantado pelo Cruzeiro, nós no catimbó chamamos de Cruzeiro Mestre. Fiquei fascinado com o Cruzeiro e a casa de reza. Passei, hoje, um bom pedaço do dia lá dentro da casa, sentindo a força, com permissão sempre, pedindo permissão dos encantados que guardam aquele espaço e com esse zelo pela Jurema que aqui é cultuada, aqui está plantada e sendo mantida por todos os espíritos encantados que estão ao nosso meio, presenciando também estes momentos, as nossas falas, vibrações e inquietações. Eu sou da Jurema, da família Coró, do Rio Grande do Norte. É uma Jurema que tem um cruzamento. O termo Coró vem do mestre Manoel Coró, que foi o pai biológico da minha juremeira, e hoje ele é mestre

familiar, ele baixa e é reverenciado como mestre, dentro da estrutura da Jurema familiar. Essa é uma questão importante de entender. Na forma como fui iniciado e vivencio minha Jurema, compreendi que a Jurema é plural. Existem muitas linhagens, que nós chamamos de rama, quem é catimbozeiro sabe disso, nós não podemos falar de Jurema como se ela tivesse um único modo de funcionar, mesmo falando de catimbó Jurema. Ela é plural, as famílias têm características e as linhagens têm as suas particularidades.

Nossa raiz é o Acais, porque a nossa juremeira fez iniciação com juremeiros que são da denominada "rama do Acais no RN", uma linhagem que teve como um de seus vetores o Babá Carol, que quem conhece a Jurema do Rio Grande do Norte sabe que ele foi uma figura que teve um destaque muito importante nos processos iniciáticos e nessa levada de trazer aspectos compreendidos como sendo do Acais para o Rio Grande do Norte somando com a nossa Jurema.

Por um lado, nós temos o mestre Coró e sua esposa, que fizeram todo o desenvolvimento da minha madrinha, e só depois ela vai passar por mesa de consagração e outros processos iniciáticos que são necessários para levantar as suas cidades (os assentamentos de Jurema). Quando eu teço o caminho da nossa família até chegar lá no Acais, e em dona Joana Pé de Chita, eu consigo perceber quantas gerações de juremeiros iniciados existiram até que eu pudesse ser também iniciado e consagrado na Jurema Sagrada. É um trabalho muito bonito, que o Henrique Falcão também tem feito de resgatar essas gerações familiares para conseguir entender uma genealogia da sua família. Em conversa com mãe, sentei e disse: "Mãe, vamos lá, quem foi que lhe iniciou? Quem foi que iniciou o seu padrinho? Quem foi que iniciou o padrinho do seu padrinho?".

Nesse resgate, também houve a leitura do artigo "A tradição do Acais na Jurema Natalense" de autoria do prof. Luiz Assunção, que foi meu orientador no doutorado. Vale salientar que, no doutorado, fiz a minha pesquisa sobre a Jurema da família Coró.

No artigo mencionado, há o relato de que o Babá Carol foi iniciado por uma discípula de dona Joana Pé de Chita. E aí a gente consegue fazer o rastreio desse processo, que não é um processo tão distante. Dona Maria do Acais, a segunda, desencarnou não faz tanto tempo, foi em 1937. A Primeira Maria desencarnou antes, a vida delas no Acais tem uma importância muito grande para o catimbó. Maria do Acais Primeira e o mestre Inácio, irmão dela, foram fundamentais para o catimbó. Maria do Acais Primeira não teve filho. O mestre Inácio teve uma filha chamada Maria do Acais, que nós chamamos Maria do Acais Segunda, tem algumas pessoas que a chamam de Maroca Feiticeira.

O Acais tem destaque muito importante para a tradição da Jurema, pois de lá o catimbó vai se espalhar por diversas localidades. Nós temos essa possibilidade de entender a partir daí, que o Acais é uma raiz dentre outras raízes que foram vetores do catimbó Jurema. É uma coisa que eu penso que tem que ser muito consciente na vida dos catimbozeiros, a Jurema é plural, ela é diversificada. O catimbó é plural, cada juremeiro precisa olhar para a panela do outro com todo respeito, assim como ele olha para a sua panela. Precisamos olhar para o modo que o outro procede com respeito, assim como ele olha para o nosso modo de proceder da mesma forma como ele quer que sua casa e sua ciência seja respeitada e zelada. Uma coisa também muito importante são os segredos. Nossa família pratica uma Jurema que mantém diversos segredos: composição de vinho, composição de assentamentos e outros aspectos ritualísticos que envolvem a cosmologia juremeira e que estão colocados no

corpo e vida do juremeiro. Todos esses processos são mantidos de forma sigilosa, revelados por via das iniciações. Quando eu cheguei no terreiro como pesquisador, aluno do doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), da pós-graduação em Ciências Sociais, sobre a orientação do professor Luís Assunção, eu conversei com mãe (Lúcia Rocha), e disse: "Eu queria pesquisar a Jurema daqui, posso?". Ela disse: "Pode", ficou toda feliz. Ela já tinha um apego pelo professor Assunção, o pessoal de lá do RN tem um apego muito grande por ele. E aí comecei a me envolver nos rituais e a ter um processo de imersão muito intenso. Quando eu me dei por conta, a Jurema tinha se tornado a minha vida, a ponto de me entregar me iniciando numa mesa de Jurema. E foi esse processo de iniciação que fez eu construir a minha tese com enfoque nos assentamentos da Jurema Sagrada como expressão de um conhecimento ancestral.

Nos assentamentos da Jurema Sagrada, temos uma síntese da nossa cosmovisão, o próprio termo "cidade" utilizado para identificar um assentamento, revela o que ele representa e compõe a nível encantado, ali estão todos os mistérios necessários para que o juremeiro que não tem um livro sagrado, ao olhar para seu assentamento, entenda como funciona diversos aspectos da sua cosmologia juremeira e das suas concepções encantadas.

Depois da iniciação eu disparei a escrever e a ver coisas que eu pressupunha e que não podiam, antes, serem reveladas para mim sem ser iniciado, sem passar pelos processos. Então tem muito isso do mistério e dos segredos iniciáticos no catimbó Jurema como meio de preservação da tradição. Têm pessoas que vão de fora achando que estão conhecendo tudo do catimbó e não estão conhecendo muita coisa, porque é dito o que pode ser dito e o que precisa ser dito para não se revelar os segredos. Quem está no catimbó, na Jurema Sagrada, assim como o pajé Ulisses

Truká falou, na tradição das Juremas indígenas, também há os procedimentos específicos e sigilosos. Não quero generalizar, mas isso é muito comum, fazer uma manutenção dos mistérios e revelar o que pode ser revelado.

"Mas isso aqui é o quê?" é uma pergunta que vai ser feita com frequência. Para resposta, alguma mensagem possível de ser revela ao público será compartilhada, outras chegarão no tempo certo para aqueles que se dedicarem com suas buscas na Jurema, decidindo passar por iniciações. Então, nós juremeiros temos essa sistemática importante de compreender e guardar os segredos de nossa tradição. Por isto também existe uma diferença quando um juremeiro é pesquisador da Jurema, não que não seja importante quando acontece de quem pesquisa vindo de fora, mas quem está dentro estuda, organiza e sistematiza com um outro acesso ao conhecimento, com uma semântica profundamente juremeira, uma semântica vivida e compartilhada em família. Temos muitos outros juremeiros que têm feito trabalhos incríveis sobre a Jurema, melhores do que o meu inclusive. O meu foi feito nas carreiras, já estava trabalhando como professor e tive pouco tempo para me dedicar a profundidade do tema.

Eu agradeço muito ao meu mestre, seu Antônio Olímpio, que foi quem me deu possibilidade de fazer e de conseguir defender aquela tese e conseguir o grau de doutor. Mas os segredos são mantidos! Não se engane, achando que você escuta tudo da boca de um juremeiro, porque tem gente que me pergunta: "E aí, juremeiro, como é que você faz o vinho?", eu digo: "Eu não vou dizer, é segredo". Eu postei (em uma rede social) esses dias uma imagem de um banho de ciência e logo me perguntaram: "Como é que você faz esse banho de ciência?", eu digo: "Não vou dizer. É segredo de família". Tem família que diz, eu não vou dizer, porque esse banho não é um banho comum que pode ser feito ou dito

de forma aberta. Sabemos que na Jurema têm coisas que podem ser ditas a todo mundo, têm coisas que são ditas aos juremeiros batizados e têm coisas que só são ditas a quem é consagrado ou, em Juremas que trabalham com tombo, a quem é tombado.

Eu conheço muitos discípulos de Jurema que dizem: "Homem, pelo amor de Deus, queria tanto saber quais são os segredos que vão na mesa, por que se coloca uma chave, por que tem um general? Me diga aí, porque meu padrinho não diz de jeito nenhum". Entende? Mesmo a pessoa já sendo de uma família, os segredos são revelados na hora em que o padrinho de Jurema percebe ser o momento. Por que os segredos são importantes? Porque eles preservam, eles evitam a banalização.

Eu sou juremeiro. A Jurema, como eu disse, é minha vida e ela é preciosa. Ela precisa ser zelada e tem uma sistemática a ser seguida. As famílias de Jurema fazem parte das sistemáticas das suas linhagens, das suas ramas. Mesmo que uma família rompa com a rama e vá para outra, muita coisa fica daquela rama naquele juremeiro. Então as famílias seguem a estrutura: raiz e ramas. Como está na camisa (do seminário) que foi colocada a frase: "Eu sou ponta da rama", essa ponta de rama somos nós, as famílias de Jurema.

A Jurema segue essa metáfora da árvore. Um dia, um menino conversava comigo e dizia: "Olha, mas eu gosto de cultuar sozinho, como é que faz?". Eu disse: "Cultue", mas a Jurema da qual eu venho segue uma estrutura de apadrinhamento. O padrinho é importante, e o padrinho do padrinho, que é o padrinho avô, padrinho bisavô, aqueles que vêm antes são importantes para nossa jornada, para que nós tenhamos aprendizagem e façamos a manutenção das práticas e cosmovisão, daquela linhagem familiar. Quando eu vinha falar, eu pensei: "Eu faço uma fala mais acadêmica ou uma fala mais prática?". Eu disse: "Não, vou fazer

uma fala que seja mais das minhas vivências como juremeiro". A pesquisa, quem quiser pode acessar, a tese está lá no repositório da UFRN. Mas o meu desejo hoje aqui foi falar sobre a diversidade que nossas famílias têm. Inclusive, era uma das coisas que o Marcelo Leite conversava ao falar de seu livro A ciência encantada da Jurema, a Jurema é muito diversificada. Mesmo em casas de uma mesma rama, em uma família, podemos observar diferenças no modo que se cultua a Jurema, em relação a outra.

Contudo, nós nos conhecemos e reconhecemos quanto catimbozeiros. Quando eu chego na casa de um catimbozeiro, que está acontecendo uma Jurema batida, eu me reconheço ali. Existem aspectos identitários daquela família, mas isso não impede que haja reconhecimento e você entenda-se pertencente àquilo ali. Portanto, é interessante refletirmos sobre o respeito que tem que se ter por essa diversidade de ramas de Jurema. A Jurema não é uma religião com um centro de poder, as Juremas não são práticas religiosas com centros de poder, elas são descentralizadas. E se pensarmos em centro como vetor identitário? Até há um centro de poder na Jurema. Que é quem? É a própria Jurema Sagrada e bendita, a árvore, nossa madrinha suprema. Ela é o centro do nosso culto, da nossa reverência e ciência, é dela que vêm todos os mistérios necessários para que o juremeiro triunfe e caminhe nesta vida em expansão.

Então, a árvore Jurema é o centro no qual construímos e desenvolvemos um culto no seu entorno. Uma rama de Jurema vai depender de uma série de experimentações que têm muito a ver com o lugar de onde partiu como linhagem juremeira, onde ela está, onde ela comunga com a ecologia daquele espaço. Juremeiros que moram em beiras de rio terão muito trabalho com encantos de água e juremeiros que moram em áreas que não têm rio não terão tanto essa prática. De todas essas questões, eu

queria só agradecer mais uma vez e dizer que é uma honra muito grande. Salve a Jurema bendita e salve toda a força do catimbó Jurema em sua matriz indígena, suas raízes, ramas e famílias.

CIÊNCIA ENCANTADA DA JUREMA

MARCELO LEITE

Me sinto numa posição difícil aqui, como um dos poucos jornalistas presentes. Não sou juremeiro, não sou do Nordeste, mas sou uma pessoa que se apaixonou pelo tema da Jurema e, nos últimos quatro anos, venho me debruçando sobre ela. Queria antes de mais nada saudar os membros da mesa e também o povo Truká, que nos recebe tão calorosamente na pessoa de dona Edna. Homenageio o povo pelo seu valor, por sua luta, por seus encantados, seus antepassados e por essa recepção maravilhosa que estão dando a todos nós aqui neste seminário.

Acho muito feliz o título deste Seminário, que fala em ciências no plural e em cuidados. Sem dúvida alguma, eu acho que é feliz, porque o que de fato nós vimos nesses dias, nas falas que tivemos aqui, é que existem pelo menos duas ciências em torno da Jurema: a ciência indígena, que podemos chamar também de afro-brasileira ou a combinação de ambas, e a ciência da universidade, que tem sido a minha ocupação profissional nos últimos 40 anos. Sou jornalista de ciência, jornalista científico, que cobre os temas da pesquisa científica como a conhecemos na universidade. Gosto da ideia de cuidados no plural, porque os cuidados devem ser muitos, devem ser plurais, porque é preciso muitas formas de dar cuidados, diante de todo o sofrimento e das muitas manifestações de dor no mundo triste que vivemos hoje. Depressão, ansiedade, angústia, dependência química e tantos outros inimigos do Bem Viver atacam por toda parte: atacam nas

aldeias, atacam nas cidades, atacam nas escolas, atacam no Brasil e no exterior. Os transtornos mentais são inimigos poderosos do nosso tempo e do Bem Viver e da felicidade.

A proteção é uma obrigação de todos nós — juremeiros ou não, profissionais de saúde física ou mental, pesquisadores ou jornalistas, como eu. É preciso proteger os saberes originários, assim como proteger as árvores da Jurema, que podem trazer cura ou uma chance de cura para tanta gente que sofre. Cheguei à trilha da Jurema pelo caminho da ciência, a ciência no segundo sentido, a ciência da universidade. Embora tenha escrito um livro inteiro sobre a Jurema, Ciência Encantada da Jurema, este livro que eu trouxe, fiz questão de trazer, para apresentar para aquelas pessoas com quem aprendi sobre a Jurema, então não podia deixar de fazer isso no Nordeste.

Muitas coisas e muitos aspectos me apaixonaram e me levaram a começar a escrever reportagens sobre o assunto. Cheguei à conclusão também nessa pesquisa de que seja a ciência indígena, seja a ciência da universidade, ambas caminham na mesma direção. Isso é um evento raro. É mais comum você ter uma dissociação ou mesmo uma certa animosidade entre povos originários e a pesquisa científica. Por isso, é com grande satisfação que me vejo aqui nessa situação, do lado de pesquisadores importantes, como o Dráulio Araújo e o Sidarta Ribeiro, assim como outros que eu já mencionei, sentados agora e nos ouvindo neste diálogo que considero de extrema importância.

É muito bom que comece assim. Estamos começando com o pé direito, eu diria. Eu estive recentemente, em janeiro, como jornalista, cobrindo a Quinta Conferência Indígena da Ayahuasca e saí de lá muito preocupado, porque não havia representantes da comunidade científica de universidades naquela conferência. Percebi pelos discursos dos parentes da região da Amazônia,

do Acre — essa conferência se realizou no Acre, em território Yawanawá — que havia muito desgosto e animosidade com a pesquisa científica. Existe uma queixa relevante em torno de uma apropriação e desrespeito com a ayahuasca. Ao mesmo tempo que conheço pesquisadores que trabalharam com ayahuasca de maneira muito respeitosa com tradições indígenas. Porém, o diálogo não começou bem, se é que houve diálogo ou tentativa de diálogo. E eu sinto que isso aqui hoje, que está acontecendo, está começando de uma maneira diferente. Acho isso muito positivo. Na pesquisa que realizei para o livro, a muito custo, consegui fazer algumas viagens para o Nordeste e conhecer o máximo que pude da Jurema. Fui a terreiros, aldeias indígenas e universidades. Estive, por exemplo, na área indígena do povo Fulni-ô, em Águas Belas, estive também com os Potiguara, na Baía da Traição. Estive em Brejo dos Burgos com os Pankararé, com a amiga Patrícia. Também fui à Caucaia, no Ceará, com os Tapeba. Todas estas foram visitas breves, infelizmente insuficientes certamente para me aprofundar, mas era o mínimo de contato que eu sentia necessário como jornalista para poder falar com algum conhecimento de causa, com alguma propriedade sobre a Jurema indígena.

Eu também fui a terreiros de Jurema em Alhandra, em Natal, em João Pessoa, em Recife, Belo Horizonte e até em Santo André, ao lado da cidade onde eu moro. Por incrível que pareça, foi o último lugar que eu consegui ir. Foi aquele terreiro de Jurema, de Paulo Alcântara, que estava ali do lado, a meia hora ou 40 minutos de carro da minha casa. Depois de visitar várias situações no Nordeste, principalmente, mas também em Belo Horizonte, no terreiro de Pai Orestes — que foi, aliás, batizado por Lucas de Alhandra, com quem aprendi muito, inclusive sobre a perseguição sofrida pela Jurema, pelos juremeiros, desde tempos coloniais.

Há registros já do século XVII da perseguição pela Inquisição, depois pela polícia do Império, pela polícia da República e, mais recentemente, todo o preconceito e a perseguição por algumas igrejas evangélicas que tentam perturbar e impedir a realização de rituais de Jurema, instalando carros de som na porta do terreiro, fazendo gritarias e cultos relâmpago, como eles falam em Alhandra. Esse é um evento infelizmente bastante frequente por lá. Para saber mais sobre essa história, eu fui me socorrer com os universitários.

Fui ler, falar e entrevistar antropólogos. Nesse percurso, encontrei gente que sabe muito mais do que eu consegui aprender sobre Jurema: Rodrigo Grünewald, que já esteve por aqui hoje de manhã; Sandro Guimarães de Salles, da Universidade Federal de Pernambuco, em Caruaru; Luiz Assunção, que foi orientador aqui do meu amigo João; mas também Dilaine Sampaio, Estevan Palitot, Miguel Bittencourt, várias pessoas de uma geração recente de antropólogos que estão tentando resgatar esse estudo da Jurema e do Nordeste como uma religiosidade que tem suas características próprias e que merece ser estudada não mais apenas como uma derivação da umbanda, chamada umbanda nordestina, mas como uma religiosidade de caráter próprio, seja ela indígena ou de terreiro.

E nesse processo eu descobri uma coisa importante. Já foi dito aqui que a Jurema Sagrada, o catimbó, é a mais brasileira das religiões. Eu acho essa expressão muito feliz porque, de fato, o que aprendi é que ela simboliza e representa o encontro dos povos escravizados, indígenas e de origem africana. Essa mistura, essa miscigenação, já vem de muito longe. Não vem só do fato de os terreiros de Jurema terem sido abrigados já no século XX dentro das federações de umbanda como uma proteção contra a repressão policial. Na verdade, esses encontros começaram

muito antes e houve uma união na luta, uma união no culto aos antepassados de África ou do nativo do sertão do Nordeste. Eles também se uniram não só nesses rituais, no culto, nessa miscigenação, mas também na luta contra o domínio colonial e depois na luta pela retomada de suas terras e da sua cultura — a reconstrução, a retomada da sua cultura, que foi tão reprimida pela Igreja Católica, pela polícia e hoje em dia pelas igrejas evangélicas. A maior lição que eu tirei disso tudo foi que a Jurema tem muito a ensinar sobre acolhimento. Isso já foi dito várias vezes hoje aqui. Eu aprendi mais uma vez, reafirmei esse aprendizado sobre acolhimento. E não é por outra razão que ela é chamada de planta professora. Na generosidade que está na raiz da Jurema, houve lugar e ainda há para abrigar todas as correntes. Esse eu acho que talvez seja o ensinamento principal que eu retiraria.

Houve lugar para abrigar as influências de magias praticadas pelo povo pobre de Portugal, por exemplo, a magia ibérica. Houve lugar para abrigar o catolicismo popular que se espalhou pelo sertão e até para o espiritismo kardecista, pela via da umbanda. É uma religiosidade mestiça, como foi o que eu aprendi principalmente com Rodrigo Grünewald, que foi o primeiro a usar essa expressão comigo em entrevista, de que a Jurema é uma religiosidade fundamentalmente mestiça e, nesse sentido, a mais brasileira das religiões. Eu me debati um pouco ao longo da pesquisa do livro com a questão de se a Jurema Sagrada é uma forma de umbanda ou não, porque inclusive em títulos de livros, em algumas obras que foram citadas aqui, ela é chamada de umbanda nordestina. E eu cheguei a uma conclusão um pouco paradoxal: que ela não é uma forma de umbanda, exceto quando ela é. Então, em alguns terreiros, você vai ouvir, em João Pessoa, por exemplo, um ritual que era de Jurema de chão, onde, dentro do meu conhecimento, era claramente um ritual de

umbanda em que nem se serviu a Jurema. Enfim, são situações especiais. Falamos aqui da plasticidade, flexibilidade e pluralidade da Jurema. E isso é outra coisa que eu presenciei nas várias visitas que fiz: a cada terreiro que eu ia havia algo diferente. Algumas linhas se repetiam, porém havia muita diversidade, muitas formas diferentes de beber ou não a Jurema, de cultuar a Jurema e honrá-la de maneiras diferentes.

Nesse processo, também descobri que a Jurema circulou pelo mundo, receitas de preparo na língua inglesa passaram a ser publicadas a partir da década de 1990, ensinando a preparar a Jurema com a arruda-da-síria, chamada às vezes de juremahuasca ou Jurema neoxamânica. Isso se tornou popular porque a pessoa que começou a fazer essa divulgação, que se chamava Jonathan Ott, era um químico norte-americano que tinha o intuito de dar maior acesso a esse enteógeno para mais pessoas do mundo que tinham necessidade de cura.

Descobri também que há igrejas em formação, igrejas peculiares. Conheci pelo menos duas em formação: uma no Ceará, chamada Igreja do Divino Mestre na Terra (IDMT), e outra chamada Igreja Mirífica Eterna, de Natal, que pretendem ter — elas ainda estão em formação de registros — seu sacramento na bebida da Jurema. Depois de três anos viajando nos domínios da Jurema, hoje eu tenho plena consciência, inclusive depois de ouvir tanta coisa aqui nesta reunião, de que apenas arranhei a superfície desse território da Jurema. Tenho bastante clareza disso. Alguém disse, já foi dito aqui, que você nunca termina de conhecer a Jurema. Eu estou nesse processo, mas, apesar disso, eu me arrisquei, dei o que se chama de um salto de fé e concluí o livro por algumas razões. Primeiro, porque eu já tinha material para escrever mais de um livro. Segundo, porque tinha acabado o dinheiro, então não tinha mais como viajar pelo Nordeste

para continuar aprofundando minha pesquisa. E eu tinha prazo para entregar o livro, tinha um contrato firmado com a editora e prazo para entregar. O que eu fiz foi juntar tudo que eu tinha pesquisado, sentar e escrever. Havia enormes buracos no meu aprendizado sobre Jurema. Acho que nem em outra vida eu conseguiria preencher todos. Aqui estou preenchendo mais um pouquinho desse conhecimento cheio realmente de lacunas.

Minha mensagem principal — e por isso escrevi um livro inteiro sobre o assunto — é que esses saberes precisam ser conhecidos, reconhecidos e valorizados fora dos territórios onde são praticados. Sempre me espantou que as igrejas da ayahuasca, como Santo Daime e União do Vegetal, fossem muito mais conhecidas no Sudeste, no restante do Brasil, do que a Jurema Sagrada, a Jurema indígena. Sempre foi um paradoxo para mim.

De certa maneira, o Nordeste esteve, na minha juventude, por exemplo, muito mais integrado ao Brasil do que a longínqua Amazônia, por exemplo. Apesar disso, foram as igrejas da ayahuasca que chegaram aos centros urbanos do Sudeste e se espalharam pelo mundo, enquanto a Jurema permaneceu um pouco confinada ao Nordeste.

Acho que isso tem a ver com o segredo, sem dúvida alguma, mas não só. Acho que também há preconceito, inclusive por causa de algumas obras da sociologia das religiões, que no início tratava quase de forma pejorativa a Jurema Sagrada, como uma espécie de umbanda deturpada, uma religiosidade mais primitiva, sem conhecer a fundo toda a riqueza da umbanda. Fiz questão de vir para a região para devolver esse pouco que aprendi e continuar aprendendo com vocês. Agradeço mais uma vez ao povo Truká e a todos os organizadores desse seminário, na pessoa do Alexandre, da Edivânia, da Edna e de todos do povo Truká que nos receberam aqui. Muito obrigado.

CHAMADOS DA JUREMA

DRÁULIO ARAÚJO

Uma satisfação estar aqui. Eu queria começar agradecendo ao povo Truká, na pessoa da Edna, do cacique Yssô e do cacique Neguinho. É um prazer estar aqui e ter essa oportunidade de vivenciar este momento importante para os povos indígenas, para a ciência acadêmica, para as pessoas que estão sofrendo e para o Brasil. É uma oportunidade de nós conseguirmos fazer uma coisa diferente. Talvez hoje estejamos iniciando um movimento único no mundo que só é possível fazer aqui no Brasil. Quero agradecer ao Alexandre, que eu diria que foi a pessoa que me orientou nesse caminho, uma pessoa muito sensível, uma pessoa com quem e por quem eu tenho o maior respeito.

Eu estou aqui hoje não só por essas mãos, mas certamente recebi vários chamados. O primeiro chamado que recebi foi da Jurema. Se não fosse pela Jurema, com certeza eu não estaria aqui. Apesar de não saber exatamente ainda o que vai ser, sinto que estou cumprindo a minha missão. O segundo chamado que recebo é o chamado do ertão. Eu sou nascido em Fortaleza, meus pais são cearenses. Embora não tenha nascido no Sertão, a minha semente mais profunda está no Sertão, com certeza.

Desde muito jovem, desde a minha infância, eu vou ao Sertão e aprendo com o Sertão. O Sertão foi e é um lugar na minha vida que eu entendo que faz parte dessa minha missão maior. Esse segundo chamado vem do Sertão. Quando eu era criança, e até hoje, quando olho para o céu e ele está nublado, digo: "Nossa, que tempo bonito". Quando o açude sangrava e eu era criança, chorei algumas vezes, porque via o açude sangrar, porque tive aquela experiência de felicidade de ver o açude sangrar, de entender a importância da água, de entender a importância da

resiliência, de entender a importância da luta. O sertanejo é um lutador. Um bicho danado, forte, resiliente, assim como a Jurema. O sertanejo, de certa maneira, é a representação da Jurema sob vários aspectos. Esse chamado que recebi do Sertão também está ligado ao chamado da Jurema. O primeiro contato que tive com a Jurema foi quando eu era criança no Sertão. Foi desenvolvendo o respeito primeiro pelos espinhos da Jurema, mas depois desenvolvendo um respeito cada vez mais sutil.

Lembro, quando era criança, de uma história que me impressionou muito. Uma pessoa chegou lá em casa e disse: "Eu estava com uma dor de dente terrível, com um buraco enorme no meu dente. Peguei a entrecasca da Jurema e enfiei no dente e depois de alguns meses o dente rachou. Eu fiquei bom e o dente rachou". Esse foi meu primeiro contato com a Jurema.

No Sertão também ganhei gosto por cavalo. Sempre gostei muito de cavalo e na fazenda a gente trabalhava muito. Aprendi a mexer com chibanca, aprendi a laçar para vacinar, aprendi a andar a cavalo, aprendi a mexer com várias dessas tecnologias sertanejas. E na hora da folga, a brincadeira era andar a cavalo, cuidar do cavalo. O meu cavalo se chamava Calipso. Calipso, curiosamente, é o nome do navio laboratório de um grande pesquisador chamado Jacques Cousteau. Jacques Cousteau andava com o Calipso pelos mares, pelos rios, e criou inclusive uma série de televisão. Antes da série de televisão havia um conjunto de revistas, e cada revista relatava uma dessas expedições. A gente criava um livrozinho chamado Cousteau, o mundo submarino. Falo isso porque esse é o terceiro chamado para eu estar aqui: o chamado da ciência acadêmica.

Eu cresci dentro desse mundo da ciência acadêmica. Meu pai é físico, minha mãe é química e eu cresci dentro desse mundo do prazer que é fazer ciência. A ciência é uma coisa linda. A ciência é

uma coisa feita por homens, mas a sua essência é linda. Foi dentro dessa essência que eu cresci, dentro da essência da beleza que é fazer ciência. A ciência em seu sentido mais profundo não se apropria de nada. O conhecimento científico é livre. Tudo que a gente fez até hoje é livre. Qualquer pessoa nessa sala que quisesse repetir tudo que a gente fez vai conseguir fazer isso de graça. Não vai precisar pagar pra fazer isso. Esse é um conhecimento dado. Tudo que a gente aprende com a ciência, tudo que a gente gera com a ciência, a gente gera para dar, não para se apropriar.

Foi dentro desse jogo da ciência que eu tive o meu segundo contato com a Jurema, quando voltei para a fazenda em 2021, para tentar entender um pouco melhor a Jurema na sua sutileza talvez. Fazer ciência acadêmica da Jurema é conhecer a superficialidade da Jurema. O que a ciência acadêmica faz com a Jurema ou entende dela é nada. Estamos começando a entender a casca da Jurema que tem características muito particulares. Uma das características é a resiliência comum a outras plantas da Caatinga, de conseguir aguentar uma seca todinha e você olhar para ela, quebrar o galho e achar que ela tá morta. Mas, quando vem a primeira chuva, ela brota inteira, linda, forte, de uma vez.

A ciência acadêmica dá outro nome para Jurema de mimosa hostilis ou mimosa tenuiflora. Dentro de uma lógica com a qual esta ciência opera, compreendi que a Jurema tem uma molécula, um cristal, conhecido por DMT, dimetiltriptamina. Esta molécula está presente em altas quantidades. Começamos a tentar entender um pouco melhor esta molécula presente na Jurema. Não é a Jurema, é um cristal presente nela. Esse cristal, como a gente sabe, tem outras curiosidades. Para uma pessoa curiosa como um cientista, ele fica maravilhado pelo fato deste cristal existir em várias espécies vivas, não só na Jurema. Ele existe no ser humano. Todos nós, neste momento, enquanto estamos

falando ou escutando, temos DMT circulante no nosso corpo. O DMT está presente na Jurema, no angico e em um número de plantas enorme. Mas nós escolhemos a Jurema pelo chamado do sertão. O uso de suas propriedades psicoativas teve origem nas comunidades indígenas. O primeiro pesquisador no mundo a detectar a DMT num ser vivo, que no caso era a Jurema, foi Osvaldo Gonçalves de Lima, um químico pernambucano, que foi numa comunidade Pankararu, entendendo que aquela planta era utilizada dentro de um contexto ritualístico e que exibia características psicoativas, e diz: "Bom, encontrei aqui".

Essa história foi como nós conhecemos no contexto acadêmico. Há alguns anos trás eu estava na fazenda, começando esses estudos com a Jurema e aí papai chegou e me disse: "Meu filho, você sabia que a DMT foi descoberta dentro da Jurema pela primeira vez por…". E eu já sabia da história, fiquei todo feliz. Eu disse: "Eu sei, pai, um químico pernambucano, Osvaldo Gonçalves de Lima". Disse: "Exatamente, agora você sabe de quem ele é pai?". Eu falei: "Ah, não, pai, não é possível". "É, ele é pai do Cláusius". Cláusius é um pesquisador químico da UnB que me conhece desde que eu sou criança, e o papai conheceu Osvaldo Gonçalves de Lima. Eu falei: "Uai, gente, então é mais um chamado".

Fiquei maravilhado com essa história. Em dezembro fui lá na casa do Marcelo, contei essa história. Falei: "Marcelo, tu não acredita? O Cláusius estava lá com ele", mostrei a foto do Cláudius, "Lembra? Estive com o Cláusius agora no Natal com a mamãe. Olha aqui o Cláusius, esse cara. Gente, que história maravilhosa". Acho que este fato conta. Atualmente, estamos começando a trabalhar com a Jurema dentro de um cenário clínico, em uma lógica clínica. Nosso objetivo é construir uma forma de acesso a tratamentos associados a essa molécula (DMT) da Jurema

a um número muito grande de pessoas que hoje em dia estão em sofrimento. Comecei em 2005 a trabalhar com a ayahuasca. Neste mesmo ano tive a minha primeira experiência pessoal com a ayahuasca. O quarto chamado que me trouxe aqui veio da ayahuasca, ela me falou que eu deveria vir. A parte socialmente mais relevante é compreender que hoje em dia no Brasil temos na ordem de 15 a 20 milhões de pessoas que sofrem de depressão. Isso não é uma condição exclusiva das cidades, isso acontece no sertão e isso acontece com certeza em todos os territórios indígenas.Não tenho dúvida que todas as pessoas indígenas que estão aqui nessa sala conhecem ou têm algum parente que tem depressão, e, talvez vocês tenham uma solução na casa de vocês. A possibilidade de dar acesso ao DMT como um tipo de tratamento para esses milhões de pessoas que sofrem é muito estimulante. Fizemos um estudo com ayahuasca para tentar avaliar os efeitos antidepressivos em pacientes que sofrem de uma condição particular da depressão. A depressão resistente ao tratamento é um tipo de depressão em que a pessoa já tentou pelo menos duas medicações antidepressivas e não respondeu.

Para vocês terem uma ideia da gravidade disso: se um paciente procura um tratamento convencional para depressão, ele tem cerca de 50% de chance de responder àquele tratamento. Se ele não responde ao primeiro tratamento, a chance de ele responder ao segundo tratamento cai para 30%. Se ele não responde ao segundo tratamento, a chance de responder ao terceiro tratamento é de 10%. Esse foi o grupo de pacientes que a gente estudou inicialmente com a ayahuasca: pacientes que já tinham tentado pelo menos duas medicações antidepressivas e mesmo assim não tinham respondido bem, continuavam com sintomas de depressão. No nosso estudo com ayahuasca, nós trabalhamos por quase 10 anos, e obtivemos alguns resultados: 1 – boa parte

desses pacientes respondeu a uma sessão com ayahuasca; e 2 – esses pacientes responderam já um dia depois da intervenção com ayahuasca. Um dia depois da intervenção, eles estavam melhores. Para quem conhece a Jurema e a ayahuasca parece até óbvio. No dia seguinte de fato é um dia muito importante no centramento daquela experiência intensa vivida. Foi isso que nós vimos dentro do laboratório.

Mas, ao trabalhar com ayahuasca, nos deparamos com alguns desafios do ponto de vista clínico. A experiência com ayahuasca demora em média de 4 a 5 horas. Imagine o que é tentar criar um sistema em que você entra com esse protocolo dentro de um sistema de saúde, em que a intervenção por cada pessoa vai demorar cinco, seis horas ou um dia inteiro. Talvez essa não seja a solução para o problema de saúde pública.

São milhões de pessoas que necessitam deste cuidado, não são dezenas. Foi aí que pensamos que uma solução para um desses problemas seria utilizar a DMT, essa molécula, que pode ser sintetizada. Na verdade, a DMT foi sintetizada em 1931, antes de 1946, quando Osvaldo Gonçalves de Lima descobriu a DMT num ser vivo. Ela foi sintetizada antes. Ela acontece em várias plantas. Então, será que vale a pena olhar para essa molécula de DMT e avaliar os efeitos antidepressivos dela dentro de outro contexto e de uma nova forma de aplicação? Ao invés de ser uma bebida, o DMT é um cristal que pode também ser inalado, através de vaporização, aquece-se o cristal, cria uma fumaça, um vapor, e a pessoa inala aquele vapor.

Isso traz uma experiência bem diferente da ayahuasca e acredito que também bem diferente da Jurema. Ela ocorre por cerca de 10 a 15 minutos de muita intensidade. Algumas pessoas que tiveram esta experiência no laboratório nos disseram: "Vocês me amarraram sem roupa do lado de fora

de um foguete e lançaram para o espaço". Ela é extremamente intensa e extremamente curta. O que a gente pensou foi que esta lógica parece se adaptar melhor a um contexto de saúde pública. Esse procedimento promove efeitos antidepressivos, similares aos observados com a ayahuasca. No final do ano passado, publicamos um estudo com 14 pacientes que fizeram uma intervenção desta dentro de um hospital. Todos os pacientes com depressão resistente ao tratamento fizeram a intervenção no hospital. Nós acompanhamos esses pacientes por um ano. Curiosamente, uma boa parte ainda está boa, em remissão da depressão após um ano da experiência com a DMT inalada. Por isto vemos este trabalho como bastante promissor.

Mas como vamos fazer isso expandir para um sistema de saúde pública de forma ética, respeitosa e economicamente sustentável? Isso não é trivial. Quando resolvemos trilhar esse caminho, entendemos que precisamos fazê-lo junto aos povos indígenas. Independente de ser um cristal que pode ou não ser extraído da Jurema. Eu poderia estar aqui dizendo pra vocês: "Não, o que a gente tá fazendo não tem nada a ver com a Jurema, é um cristal que eu vou lá e sintetizo no laboratório". Mas eu estou aqui para dizer para vocês que não é isso que queremos.

Porque em essência entendemos que efetivamente o conhecimento mais profundo do que é essa experiência espiritual vem dos povos indígenas. Precisamos entender e tentar construir de alguma forma juntos. Isso definitivamente não será simples, nem trivial, mas essa é a missão. Na pior das hipóteses, não vai dar certo. A gente chega ao lugar que a gente está hoje, e está tudo bem. Mas que nós lutemos juntos. A mente do cientista é guiada pela curiosidade e pela descoberta. Mas um bom cientista tem clareza de que até a curiosidade tem limites. Quando você está numa roda, num restaurante, e tem uma outra mesa do seu lado

falando sobre um assunto, podemos ficar curioso para ouvir tudo que acontece naquela mesa. Mas talvez esse seja um limite que a gente está diante da privacidade da outra pessoa. Podemos fazer isso? Sim. É certo fazer isso? Não.

A Fernanda Palhano disse: "O que acho lindo desse jogo todo é que a gente tem que compreender que o segredo é parte da beleza, que a gente tem que se satisfazer em dizer: 'Está bom aqui, não precisamos passar daqui'. Tudo que a gente precisa fazer dentro desse cenário, a gente não precisa invadir o segredo". Nós da ciência acadêmica não estamos aqui para invadir nada, nem tomar nada. É importante frisar de que a ciência é uma forma de expressão humana livre. A patente não é ciência. Patente não tem nada a ver com ciência. Até tem a ver com ciência, mas o que é uma patente? Uma patente é a intenção de proteger uma ideia. Eu tive uma ideia e vou proteger aquela ideia para ganhar dinheiro.

Vou proteger aquela ideia por 20 anos para ganhar dinheiro. Essa é a lógica do telefone celular, essa é a lógica da maior parte dos medicamentos que consumimos, desta lâmpada, deste microfone, desta caixa de som. Essa é a lógica. É essa a lógica que algumas pessoas tentam empregar com a ayahuasca, dizendo: "Veja, a ayahuasca é uma invenção linda, maravilhosa. Você tem a DMT que, se eu ingerir, não faz efeito, mas se eu misturo com outra planta, ela protege a DMT e faz efeito". A ciência descobriu isso nos anos 1990, a mágica que é a ayahuasca. Aí, de repente, alguns grupos econômicos dizem: "Essa mágica ninguém se apropriou ainda? Não? Então, eu vou me apropriar dela". Quem faz isso não é ciência, quem faz isso são os grupos econômicos, laboratórios farmacêuticos, grandes empresas de tecnologia da informação. Essa é a lógica. Como subverter essa lógica? Eu não sei, infelizmente. Quero concluir dizendo que estamos aqui nós, cientistas, para ir junto, queremos trabalhar de forma verdadeira

e legítima, honrando nossa ancestralidade indígena. Não falo isso da boca para fora. Tudo que nosso grupo fez com ciência até hoje, não ganhou um centavo. Está tudo publicado em revista científica, livre. Na verdade, nós gastamos muito dinheiro para fazer isso. Só pra vocês terem uma ideia, para publicar um artigo numa revista e deixar esse acesso livre a qualquer pessoa, pagamos na ordem de 5 mil dólares. É dessa forma que temos trabalhado e é dessa forma que vamos continuar trabalhando. Voltando ao começo da nossa conversa, essa é uma oportunidade seminal. Agradeço muito. Reitero que estamos juntos, que desse lado acadêmico somos aliados.



16. Preparação da terra para plantio na Aldeia Ilha da Tapera, do povo Truká, durante Oficina de Agroecologia no Seminário.



17. Participantes e facilitadores da Oficina de Agroecologia levando materiais para atividade de campo durante o Seminário.



18. Momento de atividade teórica durante a Oficina de Agroecologia na Aldeia Ilha de Tapera, do Povo Truká.



19. Imagens de atividade prática da Oficina de Agroecologia na Aldeia Ilha de Tapera, do Povo Truká, que ocorreu durante o Seminário.



20. Jovens Truká que participaram da Oficina de Agroecologia durante do Seminário

JUREMA
CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

CUIDAR DAS CIÊNCIAS E PROTEGER A VIDA

URERÉKA – RELAÇÃO DE CUIDADO COM A VIDA EM SUAS DIFERENÇAS
UWIRA XAKRIABÁ

ENTRE LUZES E SOMBRAS EM BUSCA DE CUIDADO NA RELAÇÃO
RICARDO MOEBUS

OUVIR MAIS, ACEITAR NOSSA FALTA DE BÚSSOLA MORAL E APRENDER COM AS DIFERENÇAS
SIDARTA RIBEIRO

O BRASIL E SUAS CIÊNCIAS MESTIÇAS: POSSIBILIDADES CONTRA COLONIAIS
RICARDO MOEBUS

RELAÇÃO DE CUIDADO NA DIFERENÇA*
SAULO FEITOSA

***RELAÇÃO DE CUIDADO NA DIFERENÇA**
CICINHO XUKURU-KARIRI



URERÉKA – RELAÇÃO DE CUIDADO COM A VIDA EM SUAS DIFERENÇAS

UWIRA XAKRIABÁ

É uma satisfação poder estar aqui. Meu nome é Uwira. A gente brinca que eu sou um Xacriabá pirata, sou do mundo. Eu vivo no Norte do país há cerca de 30 e poucos anos, 35, se eu não me engano, com os parentes da Asurini do Xingu. Então, já tem mais de 40 anos que eu não ando ali pelo norte de Minas Gerais. Os meus parentes mais próximos, todos, já são falecidos, já se encantaram, já foram embora. Estou ali pelo Pará, vivendo com outro povo. Bem, eu tenho pensado bastante, esse Seminário tem me feito refletir bastante sobre uma série de questões que envolvem o cuidado mútuo, o fato de como nós nos percebemos no mundo. Eu descobri ou reencontrei alguns conceitos, vivendo com os meus parentes Asurini, e estudei um pouquinho esse conceito, que os Asurini chamam de urereka. Urereka, talvez em uma tradução mais literal, seria a nossa vida ou as nossas coisas, as nossas relações. Tem esse conjunto de palavras, vida, coisas.

Porque a gente vive num mundo em que, embora apesar de que muitos dos nossos parentes já tenham perdido, por força do processo colonizatório, o uso de suas línguas, a estrutura profunda dessa língua permanece viva dentro da gente. Eu sou falante da língua asurini, que não é a minha língua materna, mas é a língua que eu utilizo, porque o meu povo, embora eu tenha convivido com a minha avó e ela ainda fosse falante, só ela falava, e ela morreu, e com ela morreram as poucas coisas que a gente podia ouvir da língua xakriabá, que é a língua akwén. E hoje os parentes têm alguns processos diferentes de um reconhecimento do português, de uma variedade da língua portuguesa, ou de recuperação a partir das línguas xavante e xerente, que são línguas akwén também. Mas o fato é que a gente acaba aproximando coisas, e as aproximações são arriscadas, porque nós usamos termos que são aproximados, mas eles não dizem exatamente aquilo que a gente quer comunicar.

Um exemplo claro é o que nós tratamos aqui ontem, ciência. Quando nós indígenas dizemos ciência, talvez para o não indígena seja o que eles definem como anticiência ou como não ciência. O que eles dizem como ciência, para nós, não tem muito sentido, porque é a coisa feita, o conceito ocidental de ciência é aquilo que pode ser observado, medido, metrificado, testado, reproduzido para se testar. Isso é ciência. Para a gente, isso é o mais longe de ciência que se tem. A ciência é aquilo que é ciência. Eu não consigo nem pensar como é que eu digo isso para quem pensa que ciência é essa outra coisa.

A gente também fala de religiosidade. A gente fala porque não há um outro termo que defina isso para nós, porque a nossa vida não é dividida em caixinhas tão organizadas ou complicadas, como grande parte dos não indígenas fazem. A gente não tem a vida religiosa, uma vida social, a gente tem vida. As nossas coisas

estão todas encaixadas, todas juntas ao mesmo tempo, agora, no passado, no presente, no futuro. Por isso, Ailton Krenak diz que o futuro é ancestral, porque as coisas aconteceram, estão acontecendo, vão acontecer agora.

Me lembro de conversar com alguns parentes, e o parente contando a história de quando os portugueses chegaram no Brasil. O parente falou: "Rapaz, você está contando essa história tão bonita, você tava lá?". Ele falou: "Rapaz, não sei, mas na hora que eu conto acho que eu tava". Porque a gente vive e revive aquilo que a gente conversa. Então, assim, primeiro a gente precisa pensar nessa dimensão das aproximações. Eu sou um indígena do sertão de Minas Gerais, do norte de Minas e do sul da Bahia. Nascido Xacriabá, mas eu também sou Asurini, porque vivo com os Asurini. Eu também sou da Amazônia, mas eu não sou nenhuma coisa nem outra, porque eu não tenho crédito em nenhum canto e nem outro, mas eu acho que eu não vim no mundo para ter crédito. Eu não estou buscando crédito. A questão é que a gente vive entre mundos, mas, pra nós, nós estamos num momento muito complexo.Ontem estava vendo a palestra muito bonita do nosso colega, que fala do negócio de DMT (dimetiltriptamina). Eu digo: "Rapaz, eu não tomo DMT, eu não sei o que é DMT, eu não sei se é em pó, se é líquido, se é uma pedra, eu não sei o que é DMT". Aliás, ninguém sabia o que era DMT. Só foram saber porque uns bacanas foram lá, e aí...

Eu dizia do problema da ciência. O problema da ciência colonizadora é que ela junta duas coisas que jamais deveriam estar juntas, a curiosidade e a fofoca. O pesquisador é curioso e fofoqueiro. Então, a curiosidade leva a querer saber o que às vezes não é para saber. E a fofoca leva a sair contando. Se ninguém tivesse ido descobrir o diabo do DMT, a gente ia continuar tomando Jurema sossegado. Mas o curioso não se contentou

em descobrir, ele foi contar. Agora a gente tem que pensar meios. E aí eu vou começar a falar das linhas de cuidado, para não fugir do tema, de seguir nos protegendo. Para isso, nós precisamos das nossas ciências, que, para vocês, é a não ciência. Eu conversava com alguns colegas ontem, que estamos ali hospedados juntos, e dizia assim: "Olha, qualquer um que queira pesquisar as ciências indígenas, que não souber ouvir um não como resposta, vá pesquisar outra coisa, pesquise parentesco, pesquise outras coisas, não pesquise as nossas ciências sagradas, porque você tem horas que vai ter que se contentar com o não". Mas o curioso fica.

Hoje nós precisamos cuidar uns dos outros e cuidar de quem cuida de nós. Nós não escolhemos a Jurema, não escolhemos o rapé, não escolhemos a ayahuasca, eles nos escolheram. E cada coisa tem o seu lugar.

Me lembro que, como presidente da Condisi (Conselho Distrital de Saúde Indígena), cheguei a Brasília, e esse povo falava um idioma chamado siglês. Na saúde indígena, é negócio de sigla. SESAI, Copas, DSEI, D não sei o quê, P não sei o quê, FNS não sei o quê. Chegou uma hora que eu estava tão agoniado, a gente estava dividindo um quarto, porque eles levaram a gente, não tinha onde ficar. Dividi uma cama. Eu e o Yssô Truká, cada um com 40 quilos a mais do que temos hoje, Anselmo Truká e Carmen Pankararu, três bichinhos pequenos, numa cama só, de favor, no hotel, e eu falei: "Gente, eu vou-me embora. Como eu faço para ir-me embora?". "E por que você vai embora?". Eu falei: "Eu não entendo nada do que vocês estão falando. Eles falam 'não, porque o FPM', eu digo 'o que diabo é FPM?'. Eu não sei, não entendo nada disso". Cada um me deu um calhamaço de papel. "Leia isso aí". E foram, com muita paciência, me ensinando, e no meio daquele processo, está ele aí, meu professor, ele se lembra bem disso.

Então, assim, uma satisfação por conta dessa partilha dos parentes, do cuidado, e chegou um momento que eu percebi que eu precisava estudar. Eu pensei, se eu não estudar, eu não vou entender nada desse negócio. E a gente falava, e na hora que a gente abria a boca, a gente dobrava eles tudinho. Mas quando terminava, eles diziam que a gente era os índios sem estudo. Eu me zanguei, eu falei, eu vou estudar, que eu vou dizer, esses pés, eles vão, mandei calar a boca e dizer outra coisa, mas não vão dizer que eu não tenho estudo. E eu fui estudar. E só me xingou tudinho e disse que não ia, mas foi. Nosso mestre em Direito já era doutor em Direito quando fui fazer o mestrado, eu ficava assim, a gente falava uma coisa, "Mas a lei não sei o quê…". Eu falei: "Esse cabra está jogando eu lá atrás da lei". Falei: "Não é que é mesmo? Como é que esse cabra consegue lembrar esses negócios dessas leituras? Eu não lembro nada disso". E a gente acabava fazendo uma parceria, essa coisa da partilha, o cuidado. Sempre foi. E aí, dentro dessa perspectiva de que para nós o conceito de saúde é um conceito em que nada está separado, dividido, compartimentalizado. Na saúde tem educação, na saúde tem ciência, na saúde tem cuidado, na saúde tem terra. Como na terra tem ciência, tem saúde, tem educação, porque as coisas nossas estão todas juntas. Elas não estão separadas. E a gente faz isso tudo separado, compartimentalizado, porque a gente precisa fazer essa aproximação.

Às vezes a gente briga com a academia. Eu tenho um pé na academia. Eu sou professor num curso que nós criamos para parentes e para pessoas, para o que nós chamamos de irmãos de terra, uma política pública para povos indígenas, quilombolas e povos tradicionais. E Jane vai se lembrar como eu era contra nós, parentes, estudar com os assentados. Com os quilombolas não tinha problema, mas com os assentados, com o pessoal

que a gente tinha conflito de terra, dizer: "Ou é para nós ou não é para ninguém". A gente tinha ocupado a FUNAI na época da reestruturação, quando teve essa reunião lá, e eu fui para lá de manhã, porque nas reuniões para brigar pelo curso, só quem aparecia éramos nós, parentes. Aí, nesse dia, tinha lá representante de tudo o que nunca apareceria. Eu me zanguei. Eu falei: "É só para nós, não é para ninguém". Fui-me embora, porque os parentes estavam acampados na FUNAI, que era dentro da área da universidade. Cheguei lá e falei com os parentes. E eu tomei uma das lições mais bacanas da minha vida. Dentre muitas, os parentes disseram: "Olha, parente, você é o nosso representante. Você tem cuidado de nós nessa área. E você está lá porque nós confiamos em você. Mas nós queremos dizer que você está errado. Nós queremos estudar com os pretinhos", porque era assim que os parentes se referiam aos colegas. Daí surgiu um conceito que foi o de irmãos de terra. Um cacique levantou e falou: "Eles são nossos irmãos de terra, eles dividem com a gente a mesma área e eles são iguais à gente. Eles só não são do mesmo jeito. A terra que é nossa mãe é mãe deles também. A gente quer estudar com eles porque a gente quer aprender eles". E não é um português mal falado, é a coisa do ensino-aprendizagem. Aprender eles é aprender eles, é aprender, e quem sabe poder ensinar alguma coisa.

Na nossa primeira turma, em Altamira, no Pará, não tem nenhum quilombo em Altamira. Eu digo, de onde é que vão trazer quilombola para estar aqui? Não tem quilombo. Tinha um movimento negro, eu brincava assim, só tem dois negros em Altamira, que eram duas moças que participavam, que seguravam tudo. E na primeira turma vieram 16 alunos da Ilha do Marajó, quilombolas, que me quebraram completamente. Como eles nos ensinaram, como nós aprendemos com eles e como também eles aprenderam algumas coisas com a gente. E hoje a gente tem

essa coisa, o cuidado é integral, porque a nossa vida é integral. As nossas coisas não são, nós não estamos divididos, a gente não tem setores, a gente não está compartimentalizado e a gente partilha cuidado, nós cuidamos da terra.

Eu falava de um conceito nativo do povo Asurini que é o urereka, que é aquilo com que nós nos relacionamos e com o que a gente se relaciona. Bem, no conceito de urereka, nós somos awa. Awa é gente. E quem é awa? Olha, eu sou awa. Vocês também são awa. Todos vocês. Os yarakyga, que é o cabeça de canoa, também são awa, todos vocês são yarakyga, que é o cabeça de canoa, o não indígena. E cabeça de canoa não é pejorativo não. Por que cabeça de canoa? Porque, antes do contato, os parentes olhavam de cima das árvores, o branco passando e só via a canoa e a cabeça deles, aí por isso chamaram eles: "Olha, são os cabeça de canoa e a cabeça deles!". O nome ficou: cabeça de canoa. O pejorativo seria o karai, porque karai é um termo emprestado, que é o branco, o sem corpo, o sem pele. É o awaryna. Awaryna é imitação de gente, parece gente, mas não é. Então, se você for chamado de awaryna por lá, bote a barba de molho se você tiver, porque estão lhe ofendendo.

E na urereka essa madeira aqui é gente. Hoje ela está aqui, adormecida, mas ela é viva. Está aí a família dela inteira, junto com ela, nos dando sustentação e cuidando de nós. A gente pode conversar, se a ciência nos permitir, a gente pode conversar e ela nos contar a sua história, como é o mundo deles. Pedra é gente, o rio é gente, a caça que eu mato e como é gente, por isso eu sou antropófago, eu como gente, eu preciso derramar sangue para manter o meu sangue. E por conta da urereka, eu preciso pagar o sangue que eu derramei. E a gente vai pagando esse sangue ao longo dos anos, devolvendo do nosso e se marcando, se escarificando. Vai pelas costas, depois, se eu viver muito, eu vou

virar uma tela bonita. Se não tiver, é porque eu não estou com as contas em dia, estou devendo, porque dói para fazer. É uma relação social, e por isso ela é mediada politicamente. Logo, se eu não tenho terra, eu não tenho saúde, eu não tenho educação, eu não vivo. E aí vem um outro conceito difícil com uma palavra em português que a gente vai tentando dar sentido para que vocês entendam, se eu fosse falar na língua asuriní, faria muito sentido. A gente desvive, e desviver é diferente de morrer, é como se você estivesse morto, mas você está aí, você está em pé, você está levando a vida, mas você não está vivendo, você está desvivendo. Desviver é viver ao contrário, como se você começasse de trás para frente. Isso é desviver. O cuidado ancestral está completamente ligado ao conceito de desviver e de urereka. Então, são conceitos que, como um quebra-cabeça, a gente vai encaixando as peças. O quebra-cabeça é um negócio que você vai montando as peças, né? E faz um desenho depois que tá pronto. Você só enxerga o desenho todo depois que você junta tudo. Mas cada desenho, cada pedaço, é um pedaço em si mesmo. Pensar esses conceitos é algo muito complexo, envolve uma escuta muito acurada.

Penso que talvez o maior avanço, a gente conversou aqui, será a possibilidade de um protocolo em relação à Jurema, talvez mais difícil do que isso, mas mais necessário, seria pensar, quem sabe, num Conselho da Jurema, para que a Jurema permaneça no chão da aldeia, no chão do terreiro, onde ela está. Se alguém quiser usar a DMT, usa a DMT para lá, nós não temos nada a ver com DMT. Não, a gente não sabe nem o que é DMT. DMT, como é o outro? THC, CBD, TCC, para quem está estudando, TCC, isso não é coisa para nós, não, mas a gente tem que se meter com essas drogas, no caso do TCC (risos). Eu digo que ainda vou ver TCC 100% oral um dia na universidade. Eles não querem fazer TCC oral, senão a gente terá só excelente. A gente tem que

escrever, que trabalho danado! Aí eu dizia, o colega historiador que falou aqui, ele estava falando que o pessoal fala é que a gente não deixou, os nossos antepassados não deixaram registro de escrito. Eu digo que está mostrando os escritos, deixaram, vocês não aprenderam a ler, ninguém tem culpa, estão aí, ninguém aprendeu a ler, os parentes deixaram, vocês não aprenderam a ler. Ninguém tem culpa. Então, aí, ninguém aprendeu a ler o que foi deixado e fica reclamando. Por que não? Por conta da possibilidade, para nós, fundamental de dialogar. Porque nós não estamos contra a academia. A universidade não tem ido, não vai atrás de ninguém para buscar, para levar para estudar. Quem deu o primeiro passo fomos nós. Somos nós que queremos. Mas a gente também é guloso. A gente não quer a universidade, a gente quer transformar ela em "pluriversidade". A gente não quer universidade. Um conhecimento só para que é? Que uma pessoa só vai saber tudo igual a todo mundo?

Não existe isso para nós. Então, a gente também quer ter essa possibilidade, que é aquele palavrão da gota serena, que eu acho que foi Alexandre que falou, diálogo interepistemológico, que é uma conversa entre gente que tem um jeito de organizar o pensamento de um jeito diferente, cada um pensa de um jeito. Ora, se eu falo com as pedras, o que é gente? Eu olho para o porco-do-mato e o vejo como o porco-do-mato. Ele é a minha comida. A onça olha para mim, e talvez a onça me enxergue como o porco-do-mato, porque eu sou a comida dela. A cutia olha para a castanha, e talvez a castanha seja o porco-do-mato da cutia, porque ele come a castanha. Então, há um relacionamento que a ciência nos permite, pode nos permitir, se ela escolher, se ela quiser, que a gente entre em contato com esses outros mundos e daí traga o cuidado. Para quê? Para a gente cuidar uns dos outros. E para a gente também cuidar deles. Então, eu vou pescar hoje.

Peguei cinco peixes, está dando peixe que só. Eu vou comer dois e vou dar três para os vizinhos. Eu preciso pegar mais um? Não, não vou pegar. Por quê? Porque a ciência me diz que eu já estou ofendendo o peixe, o peixe é gente, senão não vou matar mais. Porque vai que amanhã eles têm a oportunidade de me matar e vão dizer assim: "Não, você pegou só o que tu precisava comer e você pagou. Você derramou seu sangue, doeu tanto em ti quanto em nós. Perdeu os nossos parentes". Esse é o miolo da antropofagia. Desde quando no passado o parente comia o inimigo que ia ser morto para ser comido na festa. E aí os parentes dizem, a gente brinca: "Rapaz, antigamente vocês comiam gente, mas tem que comer não, rapaz". Aí a gente vai para o que a ciência ocidental chama de não ciência, a disciplina antropológica chama de mito, que são as nossas histórias, e que é difícil o pessoal entender, é aquele negócio de não aprender a ler, entender mito, não é para qualquer um.

A gente diz não, mas está lá, no mito, os pajés foram todos para o céu, porque os parentes moquearam o cabra, o parente que ia ser comido não moqueou direito, e quando ele entrou na casa grande, igual essa quando passaram a panela de carne que não estava muito moqueada, ele segurou na porta da casa e balançou, a casa caiu e o espírito dos pajés fugiu para o céu. Eu digo assim: "Por que os parentes moquearam ele?", ele diz: "Para comer". Eu digo: "Mas não disse que ninguém não comia gente?", ele diz: "Rapaz, é mesmo, né? Será se comia?". Comia sim. Não como se enche a pança hoje de mungunzá, por exemplo. Mas tudo isso está relacionado com cuidado. Eu preciso ter água, e água boa para esse cuidado. Eu preciso sanear a terra, no sentido de manter este equilíbrio, e por isso a gente preserva a natureza. Nós não somos, tem uma turma aí da agroecologia, nós não somos agroecólogos. A gente não é isso. A gente é outra coisa. Mas a

gente tem esse entendimento de berço que as coisas precisam estar em equilíbrio. Eu não preciso ter mais do que o que eu preciso para viver. Para que eu vou querer dez calças se eu só tenho uma bunda para cobrir? E agora a gente cobre, antes não cobria, né? E me lembro dos velhos, eu cheguei lá antes da roupa, então as pessoas, as mulheres começaram a usar calcinha, aí as mulheres botavam a calcinha e pensavam: "Usa até ela acabar, até ela derreter, aí eu boto outra". Aí até entender, não, tu tem que lavar, tem que tirar ela, bota aí, mas fica molhado, bote outra, mas aí vai usar tudo? É, para usar tudo. Sabe, porque a gente está lidando com outras situações. Mas a ciência, às vezes, por isso a gente tem sucesso no cuidado e no tratamento de diversas coisas que a ciência ocidental não tem. Porque a gente tem a ciência que a ciência ocidental não tem ferramentas sequer para descrever. E a gente acaba tentando fazer essas aproximações, porque a gente não consegue achar, ainda que a gente que nasceu falando a língua portuguesa não tem jeito de expressar.

Eu consigo me entender super bem com minha prima Edna, quando a gente senta e conversa com o Yssô, com os parentes. A gente senta de lugares, mas tem alguma coisa que faz a gente se entender. Eu sei que os parentes estão me entendendo, mas eu não estou tão certo de que todos os que não são parentes estão me entendendo, embora eu lide e transite nesse mundo, sabe? Mas isso nos preocupa por conta dessa coisa do cuidado, porque a gente precisa do outro.

E o não indígena também é nosso irmão de terra, ele só não descobriu isso ainda. Por isso, ele recebe esse nome de awaryna. Ele parece gente, mas ele não é. Então, da mesma forma que, quando os portugueses chegaram, eles discutiam se a gente tinha alma ou não tinha, se a gente era só um bicho, parecia com gente, nesse caso, a recíproca sempre foi verdadeira.

O decorrer do processo colonizatório, que ainda está em curso, nós estamos vivendo esse processo cruel, duro, a discriminação, o preconceito. Nós estávamos no aeroporto de Petrolina, uma fila monstruosa no aeroporto, eu e Jane, branquinha, bonitinha, nós entramos no elevador e eu entrei, eu não estou nem pintado, o povo até disse que eu não tenho cara de índio, eu entrei no elevador, o povo todinho parou, ninguém entrou. "Vocês não vão entrar?", e todo mundo olhando, assim. Eu estava com humor maravilhoso, né? Passa o dia todinho comendo no aeroporto. Eu falava: "Vocês vão se lascar, não quiseram entrar, porque eu entrei no elevador". Ficou lá a fila, uma fila grande, ficou todo mundo lá porque eu entrei no elevador. "Vocês não querem ir comigo? Não vão". Sabe, é ainda essa coisa do processo colonizatório. E a gente passa situações assim o dia inteiro. Porque a gente tira rapé e todo mundo: "Rapaz, isso aí é droga". Eu digo: "Não, se o pó, que é droga, é branco, o meu é meio amarronzado. Não é droga, não". E se fosse? Quem é que diz que isso é droga? Isso é coisa de vocês, não é coisa nossa.

Mas a gente precisa cuidar desse outro, desse awaryna, porque ele também é nosso irmão de terra. Sempre a gente tem um irmão que é meio sem vergonha, né? Todo mundo tem. Eu acho que nós somos o irmão sem vergonha dos nossos irmãos de terra não indígenas, pelo menos alguns acham, né? Mas, para nós, o irmão sem vergonha são nossos irmãos de terra não indígenas, pelo menos alguns acham, que o irmão sem vergonha são eles. Aquele irmão que está trabalhando, chega e diz: "Seu irmão está devendo aí". "Quanto é que ele está devendo?", pensando que dá conta de pagar com o seu. "Rapaz, não dou conta de pagar, não". Ele diz: "Rapaz, se você não dá conta de pagar, e ele?". Ele diz: "Você vendeu o que aqui?". A gente precisa cuidar dele. Porque se o mundo tirasse nós dele hoje, ele ia durar muito menos do que o

que ele pode durar, por conta do cuidado, que é integral, porque a terra é sagrada, porque as relações que nós desenvolvemos são sagradas. E aí a gente vai em busca de pessoas de boa vontade.

Talvez o avanço, e retomo o que eu falei antes, em que o meu discurso é bem complicado, porque eu vou e volto, mas, para além do protocolo, um Conselho da Jurema seria fantástico. Eu entendo que seria muito difícil pensar num Conselho da Jurema Sagrada, porque é colocar sujeitos da Jurema Sagrada, sujeitos que percebem a Jurema de formas diferentes nos seus lugares. Mas, como vários parentes e não parentes, irmãos de terra disseram, a gente não escolhe. E eu não vou usar só a Jurema. A ciência, ela escolhe os seus e escolhe para usar de determinado jeito, de determinada forma, como vai ser útil para aquele propósito. Para nós, o pajé, você não é pajé, você tem o pajé. O pajé é o espírito ancestral que você tem ou não tem. E a gente costuma dizer, ciência, quem tem, tem. Quem não tem, não tem. Não dá para ter escola de pajé, porque não é, eu vou escolher e vou dizer assim: "Você vai ser pajé, eu escolhi você para ser pajé". Se é o pajé que escolhe em algum parente, certamente ele escolhe porque a força encantada, de alguma forma, deu a ele aquela pessoa, ele tem aquele sinal, aquela marca. Então, eu tenho pajé, mas eu não sou pajé, e eu não vou ser pajé. Primeiro porque um Xakriabá não pode ser um pajé Asurini, ou pelo menos eu entendo que não pode.

E eu não vou dizer que sou o que não sou, porque eu não estudei, eu não me enclausurei e passei pelo duro processo de ser feito pajé, de deixar que introduzam no meu corpo uma substância mística, sagrada, metafísica, que o pessoal da academia entende, chamada ka'a, que, traduzindo para português, é folha. Por que uma folha? Porque é a natureza. A natureza está em mim e eu sou a natureza, mas eu não tenho o ka'a. Então eu não preciso dizer que eu sou pajé. Eu também não sou cacique.

Aí a gente estuda, a gente vai, a gente está no movimento, e daqui a pouco o pessoal começa: "Ei, cacique! Ei, ah, fulano, você é pajé, né?". Olha, porque aí você tem sinais, tem dons. Mas eu não sou pajé. Eu vou dizer que sou ou que não sou, porque vai sobrar para mim. Não sou besta, digo não, mas é por isso, por essa coisa dos cuidados. Nós não estamos aqui sozinhos para quem tem, tem, para quem sabe, sabe, para quem vê, está vendo quem está com a gente aqui. Talvez, se todo mundo visse, se espantariam com os caboclos que estão aqui nos ouvindo, participando conosco aqui, no nosso meio está cheio deles. Eles estão aqui. Agora, isso não é para todo mundo. Por quê? Olha, vou usar o nome Deus, mas poderia ser Janeruwa, Metindjuinh, Irawazu, Ituko Oviti. Ele não me prometeu que eu vim no mundo para entender nada. Eu não vim para entender nada e eu também não vim para ser feliz. Eu vim para cumprir um papel. Agora, ele também não me falou qual era, não. Então, devagar, à prestação, as coisas vão surgindo.

E me lembro de uma situação absolutamente assim, inimaginável para mim. Um dia, em Brasília, no auditório Emílio Ribas, quando iam, enfim, municipalizar a saúde indígena, eu peguei uma flecha, engatei numa mesa lá e enfiei a flecha, e disse ao ministro Marcelo Castro, falei: "Os municípios querem ver a gente morrer. Agora, esse sangue vai cair em cima de você. O primeiro que vai morrer vai ser aqui hoje, vai ser o seu sangue, vai cair em cima de você". E eu me lembro de ter dito até aí, do resto eu não me lembro. Eu só sei do que os parentes me contaram depois. E graças a Deus alguém foi lá e quebrou a flecha, aí eu falei assim: "Rapaz, eu vou andar com cuidado, mas se fosse para ir, eu teria ido". Porque tiraram fotos, me mostraram depois, e eu tenho certeza de que eu não estava ali, não. Pense num bicho covarde para fazer um negócio desse, sou eu mesmo, e eu vou nada, homem! Mas é essa coisa do se deixar usar, é o cuidado, e é

o cuidado de todos nós que importa. Se um precisa ser podado para os outros crescerem, cada um de nós está disposto a isso, cada um de nós. Quantos já se encantaram, já tombaram, já viraram semente. E as sementes estão aqui, estão brotando, estão aparecendo. Está aí Marquinho Xukuru. O Chicão tombou. A semente cresceu, vai produzir frutos. Outros de nós vão tombar. Mas a gente precisa caminhar nessas questões do cuidado, pensar um mundo que, na verdade, ele é perene. As coisas, de fato, importantes, elas não mudam. Elas não aparecem.

Na universidade, a gente tem uma pressão danada, eu falava com a Jane, agora é uma pressão danada para eu fazer um tal de um pós-doutorado. Pós-doutorado, pós-doutorado. Pode fazer esse pós-doutorado? "Não, porque tu tem que fazer, porque tem o negócio da progressão, você tem ouvido, você vai entrar no programa de pós-graduação, mas você tem que publicar não sei quantos artigos". Não bote meu nome, não, porque eu só vou escrever se eu tiver, se eu quiser escrever, sabe? É assim, se alguma coisa, se eu tiver que escrever, eu vou escrever. E se for para ser publicado, vai ser publicado, mas eu não vou ser escravo da Capes, eu digo "Capeseta". Eu não vou ser escravo de ninguém. Não vou, não vou. "Mas é a sua carreira", a chefe fala. "Mulher, eu não estou em carreira nenhuma, não". O cara anda devagar, que eu não aguento correr mais, não. A carreira para lá. Porque você corre, corre, corre, corre. Aí você chega o pós do pós do pós, fica velha, adoece, e você começa a pensar o que diabo eu fiz da minha vida. Porque ninguém mais lê teu livro, ninguém te cita mais, você vai ser superado, e se você não desenvolver o relacionamento, você vai morrer doente, sozinho e abandonado. Porque você preferiu a sua carreira, mas você não aguenta mais correr. E para nós, parentes, é a mesma coisa. Se você olhar e quer só crescer, meu nome é eu, eu, eu, eu, eu, eu. Não. Não tem eu para nós, é nós, nós,

nós, nós, nós. A gente come de bando. Eu dizia, nós dividimos marmita, financiada por meu mestre Yssô, dividida em quatro. E ainda era Neguinho que mandava o dinheiro para ele. Ele dizia: "Viu, Neguinho comprava uma marmita, dividia em quatro, nós comíamos". Chega aqui, eu vendo um monte de comida dessa, eu digo: "Gente, a gente já passou tanta precisão, tanto desaforo, tanta peia, pra quê?". A gente diz: "Rapaz, nós somos cabras sem vergonha, pra que a gente está se submetendo a isso?". E o que a gente pegava depois, ainda era nome de ladrão, de que: "Não, vocês estão aí só comendo, só do bom e do melhor, e nós estamos aqui se lascando". Eu digo: "Não sabe o que é se lascar, não. Vá para lá, ficar no bem bom, para você ver o que é o bem bom". Não é o bem bom.

Então, este é o cuidado. Nós, nós, nós. A terra inteira, o mundo inteiro está ligado por relações e você pode ser convidado a partilhar e a participar, se você não tem peça porque quem sabe você pode ter, aceite às vezes o não como resposta O que quem sabe você pode ter? Aceite às vezes o não como resposta, aceite o que você não entende, ponha limites, sinta, sem cair no cientismo.

Esses dias eu brincava dizendo assim, antes tinha o problema do garimpeiro ilegal, o garimpo em terra indígena, madeireiro em terra indígena, e agora o turismo psicodélico em área indígena, que é aquele povo doidão. E aí o alerta, usam maioria das vezes o nome de pesquisador e querem ir para a aldeia só curtir um barato. Querem experimentar. Ele não quer ter. Ele não quer ser da Jurema. Ele quer a sensação, ele não quer ter o relacionamento com a planta sagrada, ele quer ter a sensação. Essa pessoa é o que nos dá problema, é o que faz bobagem, é o empolgado, ele está no mesmo time do madeireiro, do garimpeiro e quem mais ainda tem outros aí que entram no madeireiro, no garimpeiro, tem o pescador, o caçador, esse povo que entra para tirar.

Sabe o que ele quer? Eu sou caçador. O caçador, ele quer matar. Não interessa, ele só quer matar, o cientismo, ele está nesse. Agora, você experienciar é diferente, porque isso cria laço, cria vínculo. A gente brinca lá que eu tenho a minha casa na aldeia porque isso cria laço, cria vínculo. A gente brinca lá, eu falo assim: "Eu tenho a minha casa na aldeia". Quando fui para lá, a gente só tinha uma aldeia, nós temos sete, eu mudei de uma aldeia para outra, e tenho minha casa lá e eu vou para a aldeia, eu posso ir para a aldeia só com a roupa do corpo. Eu vou ter que lavar minha roupa, porque ninguém tem esse meu físico de atleta, né? Então, eu não vou achar roupa. Mas eu vou ter rede para dormir, eu vou ter comida, vou ter o que eu precisar. Mas quando o parente for lá na rua, na cidade onde eu estou ficando, porque eu tenho que dar aula, quando ele chegar, ele não vai caçar a casa do índio e nem ele não vai ter dinheiro para pagar um hotel, ele vai chegar lá em casa e falar: "Eu vim ficar na tua casa", ele vai ficar lá em casa.

Tem essa turma que orbita, o turista psicodélico, o pesquisador, o agente estatal, que ele chega na aldeia, rapaz, é o povo sorriso. "Oh, meu querido!". Quando ele vê na rua, ele fecha a cara, muda para o outro lado da rua, ele não quer nem lhe ver. Por quê? Porque ele não quer gastar um centavo, um tigre, nem um minuto. Mas, quando ele está na aldeia, ele ama seu peixe, seu mutum, seu jacu, seu porcão-do-mato, sua galinha caipira, seu tambaqui. Eles tinham que dizer: "Eu amo a sua galinha caipira". Mas assim, você conhece, você começa a separar os tipos de pessoas. Quem cuida aceita ser cuidado. Quem aceita ser cuidado precisa cuidar também. Então, acho que, para a nossa reflexão, a gente tem muito trabalho a fazer, pensar na proteção da Jurema.

A verdade, meus queridíssimos, é que a Jurema não precisa da nossa proteção. E a gente falar de proteger a Jurema, e eu estou entendendo que ela gosta disso, é uma declaração nossa para ela.

A gente tem um relacionamento. A gente também quer cuidar de ti, porque ela não é nossa, nós somos dela. Quem é dela, é dela. Ela tem os seus. Então, acho que essa é o que fica. A gente produz esses laços fortes, nós, bem amarrados. Eu ganhei um aió lindo. E eu fiquei pensando assim: "Como é que se desconstrói um aió?" Isso é fibra natural e nó. Mas é nó tão entranhado, tão entranhado, que, se você não pegar uma faca e meter para cortar, você vai ter muita dificuldade de desfazer nó por nó. E se você fizer, a fibra vai estar moldada pelos nós, pelas amarras que essa relação entre elas produziu. E aí, pensem que a gente sempre vai estar fazendo aproximações com a religiosidade, com o sagrado, e assim a gente vai caminhando. Lá no Norte, a gente tem uma brincadeira, e os parentes já perderam a língua e decoram uma meia dúzia de palavras na língua para poder dizer que sabe a língua porque é um marcador identitário forte, e aqui nós estamos todos livres dessa coisa ruim que oprime. Iniciamos essa manhã abençoada pela sombra das taboas que estão permitindo esse sombreamento para a gente poder estar nessa tranquilidade aqui.

ENTRE LUZES E SOMBRAS EM BUSCA DE CUIDADO NA RELAÇÃO

RICARDO MOEBUS

Eu vou passar a palavra para o Sidarta, mas, se ele me permite uns minutinhos fazer um comentário sobre a fala do Uwira, que é muito tocante. Ele fala de algumas coisas, por exemplo, eu estou me referindo a essa sombra da taboa, porque a ciência tem essa coisa de jogar uma luz sobre algum objeto que ele está estudando. Então, a ciência tem essa ideia do iluminismo, a ciência tem essa ideia de, olha, vamos jogar uma luz aqui, porque está meio obscuro, está meio escuro, e a gente está aqui, usufruindo dessa sombra.

Imagina se a gente estivesse na luz, a gente estava torrando aqui, então, acho que o Uwira traz um pouco esse ensinamento, de que tem algumas coisas que, se a gente joga uma luz, pode ser pior, ou seja, não necessariamente é um valor em si mesmo, é um ganho, é uma vantagem chegar e jogar uma luz; ao contrário, em algumas situações, como a nossa aqui neste momento, uma sombra pode ser mais preciosa que uma luz.

Eu estou entendendo o não a que ele se refere, como essa necessidade de uns espaços de sombra. Espaços de sombra como um espaço que também cuida, que também protege, porque às vezes é melhor uma sombra de dúvida do que o sol escaldante das nossas verdades e certezas. Então, uma sombra de dúvida que possa estar pairando aí nos nossos estudos, nos nossos ensinamentos.

Mas, por outro lado, eu também quero dizer que esse movimento, que eu acho que esse evento aqui faz parte, e que tem várias pessoas aqui envolvidas, é um movimento de uma busca que me parece autêntica, de um novo encontro possível, de novos encontros possíveis entre as universidades, entre esse espaço que é chamado instituição do saber, as universidades e todas as outras instituições que compõem essa instituição do saber, com os saberes que são esses saberes dissidentes, que são esses saberes insurgentes, que são esses saberes que também vêm construindo a resistência possível de outros modos de viver. Então, acho que é um movimento de outros encontros possíveis. Eu entendo perfeitamente a colocação do Uwira, que eu acho que, quando a gente chega realmente no território sagrado, seja Truká, seja em qualquer outro, a gente merece ser visto com desconfiança. Porque tem toda uma história, tem todo um histórico. De certa forma, o que é chamada academia, na instituição do saber, os meus ancestrais vieram aqui e fizeram

essa extração, esse extrativismo de conhecimento. Da mesma forma que o Uwira está comparando com os garimpeiros, com os caçadores ilegais, com os madeireiros.

Então, fizeram essa extração, esse extrativismo de saber. Eu acho que a gente tem agora, e esse seminário aqui, ele é uma demonstração de que outros modos de encontro são possíveis, outras maneiras de se relacionar. Os cabeças de canoa, eu acho que eu, o Sidarta, muitos outros, nós somos cabeças de canoa. Mas, ao mesmo tempo, temos, eu acho, essa disposição, ou fomos tocados de alguma forma, ou escolhidos, como diz o Uwira, fomos escolhidos de alguma forma para entrar nesse elevador. E se tem uma coisa que é uma metáfora perfeita da vivência da Jurema é um elevador. Ela não é um elevador? Nós queremos subir também. Porque nesse movimento que o Uwira está dizendo, de dificuldade, também, de entender o que os povos originários estão dizendo. E, mutuamente, essas palavras cabeludas que a gente pode estar trazendo aqui, e isso aqui é uma proposta pluriepistêmica e transdisciplinar.

Está meio difícil de entender, mas para a gente também está muito difícil de entender. Então, acho que a gente tem construído espaços que são espaços de tradução. Entendo que esse movimento aqui, desse seminário, é um espaço de tradução. E, nesse sentido, é muito significativo que tenha sido eleita a Jurema, não é? Porque, na nossa conexão, também, com os povos planta, com o povo em pé, é claro que a gente pode falar com a taboa, mas é muito mais difícil de ouvir a taboa.

Tem alguns seres do povo em pé que são embaixadores, que falam na nossa cabeça. A ayahuasca, a Jurema e outros seres, eles têm essa disponibilidade de entrar mais em contato nesse diálogo. Então, a Jurema abre essa possibilidade de tradução e conversa, e é por isso que eu acho que nós, que estamos aqui,

temos feito alguns movimentos, não é? Queria registrar aqui, por exemplo, a Teia de Saberes Ancestrais e Cura Integrativa, a Teia Saci, que é uma ideia, um movimento, e que alguns de nós que estão aqui presentes participamos e temos buscado construir esses momentos, como este Seminário. Por isso, quero agradecer a possibilidade que o Uwira traz, com essa provocação dele mesmo, e responder, então, que nós queremos entrar nesse elevador e subir junto. Vou passar, então, para o Sidarta aqui. Sidarta Ribeiro, dispensa apresentações.

OUVIR MAIS, ACEITAR NOSSA FALTA DE BÚSSOLA MORAL E APRENDER COM AS DIFERENÇAS

SIDARTA RIBEIRO

Eu queria pedir licença aos mais velhos e aos mais novos, à sétima geração depois de nós, de quem a gente toma esse mundo emprestado. Eu quero pedir licença à Jurema. Eu quero pedir licença ao rio São Francisco, que está aqui ao lado, esse rio que é muito mais antigo do que todos os seres humanos. Pedir licença e agradecer ao cacique Yssô, à Edna, a todo o povo Truká, a todos os povos indígenas que estão aqui reunidos, que estão nos recebendo tão bem, com tanta generosidade, com tanto carinho, com tanta tolerância, mesmo na divergência ou na dificuldade do diálogo.

Quero agradecer à organização do evento, ao Alexandre, a todos e todas, todas as mulheres e não mulheres que estão participando dessa organização. Saúdo o Uwira, saúdo o Ricardo e a mesa, esse diálogo que a gente está começando nessa manhã, ele retoma de ontem à noite. A gente segue dali. Para mim, ficou bastante evidente, ontem, que, para além da nossa boa vontade, dos nossos afetos, porque não é nada pessoal aqui, acho que

a nível pessoal está tudo certo, a gente tem problemas muito profundos, divergências muito profundas de cosmovisão. Para o mundo da ciência indígena, os povos originários, os povos quilombolas, tudo é sagrado, tudo tem alma. Para o mundo da ciência universitária, nada é sagrado, nada tem alma. Se a gente for para além das nossas afinidades pessoais, se a gente for levar esse debate bem a fundo, a gente vai perceber que aqui há uma divisão profunda.

Na cosmovisão da ciência universitária, nossos corpos são compostos de moléculas. Nós temos cerca de 100 mil proteínas diferentes. Essas moléculas são compostas de átomos. Esses átomos são feitos de quarks, e esses quarks são quase nada. Esse sistema de crenças que é tão poderoso, tão influente, tão dominante, ele é cheio de contradições, de dúvidas e de perguntas não respondidas. Então, quando a gente fala da DMT, do ponto de vista da ciência universitária, ela é extremamente concreta, a gente consegue vê-la, a gente consegue olhar essa molécula. Mas, do ponto de vista das ciências indígenas, a DMT não existe. E, em nome dela, a Jurema pode ser perseguida, essa coisa que é um quase nada, ou nada, como um quark. Então, a gente realmente está só começando essa conversa. A gente vai precisar de muito boa vontade, muita escuta, muita humildade, sobretudo nós, os Nawá, os Juruá, os Caraí, a gente vai precisar de muita humildade, porque o discurso da ciência universitária é um discurso positivista, é um discurso de progresso, é um discurso colonizador. A ciência acadêmico-universitária é casada com o capitalismo e com o patriarcado há mais de 500 anos, e é uma ciência fundada em premissas extremamente destrutivas.

As metáforas que foram usadas nos séculos XVI e XVII pelos filósofos que deram a base intelectual para o projeto científico eram a metáfora do colonizador, a metáfora da tomada do corpo

da terra, como os homens tomavam os corpos das mulheres indígenas. E agora a gente viu aqui, recentemente, na análise genética, mostrando que a população brasileira é uma população de mães indígenas ou africanas e pais brancos, em relações que certamente quase nunca eram de amor. Ao contrário, eram de violência, de estupro. Essa é a nossa história, a gente não tem como fugir disso. O processo colonizador está em curso, e isso está no DNA da ciência acadêmico-universitária. Isso resume.

É só isso? Não, não é só isso, senão a gente nem estava aqui, mas isso está lá, essa ciência acadêmico-universitária que preza a competição é patriarcal. Por exemplo, a estrutura da molécula do DNA, que é uma descoberta publicada em 1953, em que dois homens brancos roubaram os dados de uma mulher, também branca, eles ganharam o prêmio Nobel e ela morreu de câncer, e de desgosto, certamente. A apropriação está no DNA da ciência, porque está no DNA da base filosófica da ciência.

Qual é a base filosófica da ciência? São os gregos. Os gregos foram aqueles que se apropriaram dos conhecimentos milenares do Egito, de Kemet, terra dos homens e mulheres pretas. O Pitágoras fala, a gente nem sabe se Pitágoras existiu, mas quando a escola pitagórica fala no teorema de Pitágoras, estava transformando em conhecimento branco, ou quase branco, um conhecimento milenar preto, que existiu no Egito, que existiu na Babilônia, na Mesopotâmia, milênios antes dos gregos.

Então, dizer que os gregos inventaram tudo isso é meio como dizer que os chilenos inventaram o samba. Estão ali perto, mas não é verdade. E é muito difícil para nós, cientistas da universidade, virmos aqui, ouvir e trocar com vocês, porque a ciência universitária ocupa um lugar extremamente dominante na sociedade atual. O que os cientistas falam é tido como verdade. A gente está acostumado a ser querido, lambido, afagado, honrado,

celebrado, e a não conseguir ver com nitidez as violências que estão em toda parte. Se a gente olhar o que está sendo vendido nas farmácias do Brasil, desse povo que odeia drogas, mas que adora uma drogaria, quase tudo que tem lá, tem em sua origem produtos naturais da América, antes da invasão europeia. Uma apropriação gigantesca.

Eu fui convidado para a 4ª Conferência Indígena de Ayahuasca há três anos, no Acre. Eu terminei dizendo: "Por favor, não revelem mais nada para os brancos, para nós, brancos. Não contem mais nada, não contem mistério nenhum, porque será roubado". Isso faz parte de uma ingenuidade que a ciência universitária tem, dessa liberdade que a ciência universitária tem, de jogar luz em tudo, sem se preocupar com as consequências desses atos. Quando o Niels Bohr e o Ernest Rutherford estavam tentando entender a estrutura do átomo, no início do século XX, eles certamente não estavam querendo inventar a bomba atômica. Mas 35 anos depois essa bomba atômica foi inventada pelo conhecimento que eles geraram, e isso dizimou a população de duas cidades no Japão.

Então, é muito difícil para nós, da ciência universitária, entendermos que o "não" precisa ser escutado, e que a gente, para poder avançar nesse projeto de conhecer mais, às vezes precisa dar passos atrás, e às vezes precisa parar e até desistir da pergunta. Isso não está na nossa escola, a gente não aprende isso na nossa escola. A gente aprende na nossa escola que toda pergunta é válida. A ciência é anárquica. Tem cientista preservando a Amazônia e tem cientista fazendo pesticida. A ciência não tem bússola moral. É por isso que a gente está aqui. A gente quer aprender vocês.

Até 2019, mais ou menos, o Dráulio Araújo que é meu irmão da vida, a gente se conhece desde moleque, adolescente, temos caminhos conjuntos, e até 2019, 2020, eu acho que a gente

estava com um alinhamento completo, porque a ciência tem um lado muito libertador também. Estudamos fora do Brasil vários anos e voltamos para cá com essa vontade de construir uma coisa diferente aqui. E com uma autoimagem muito boa, porque estamos lutando, estávamos e estamos, em direção ao que a gente acha que é a libertação, o cuidado, o amor. Quando a pandemia chegou, eu tive a oportunidade de ter o meu primeiro encontro com um amigo que hoje eu chamo de mestre, que é o Ailton Krenak. E toda vez que eu encontro com o Ailton, ele me desmonta. A primeira conversa que eu tive com ele foi por tela. Eu entrei cheio de otimismo positivista científico e saí… saí envergonhado. Porque a ciência é extremamente vertical, a ciência universitária é extremamente vertical, e acha que tem resposta para tudo. Mas quando a gente olha o conjunto da obra, a soma de todos os vetores, ela tem culpa no cartório. Se não houvesse ciência universitária, muitas coisas maravilhosas não existiriam, mas muitas coisas horrorosas não existiriam.

O capitalismo, na verdade, só existe porque existe essa ciência. É essa ciência que transforma tecnologias, agrega valor a produtos e processos, dá ganhos de produtividade, que são basicamente uma nova maneira do patrão se apropriar do trabalho, fazer a mais-valia. E nós, da ciência universitária, frequentemente não falamos de nada disso. Isso não é a pauta, porque a gente acha que no nosso entorno, em volta de nós, a gente não faz isso. Então, se eu não faço isso, está tudo certo.

Nos últimos cinco anos, eu tive vários encontros com o Ailton, o último que eu tive com ele foi semana passada, e ele não perdeu a capacidade de me sacudir. Porque as cosmovisões são realmente tão diferentes, que mesmo ele sacudindo periodicamente, o entorno, a comunidade, que pensa parecido, que tem um sistema de crenças parecido, vai reconstruindo esse otimismo

um tanto insensato. Me vem à mente a figura da Marie Curie, mulher genial, ganhou dois prêmios Nobel, mas ela não soube escutar o "não", ela não teve calma, e ela se contaminou com a radioatividade que estava estudando. Morreu de câncer. Ela nem criou os filhos em nome dessa ciência. Valeu a pena? Essa não é uma reflexão que a gente aprende a fazer na universidade. Eu estou aprendendo com vocês. E essa reflexão não é fácil, porque ela exige que a gente saia do nosso lugar de ponta de lança do futuro, do progresso, para um local de uma certa vergonha, um certo embaraço, um certo constrangimento, uma necessidade de fazer um ajuste de conduta.

O que eu acho que a gente pode almejar, nesse diálogo, nessa escuta? Em primeiro lugar, nós, brancos, ou aqueles que não são brancos, mas vivem como brancos, que a gente se coloque em posição de ouvir, mais do que falar. A gente está acostumado a falar muito e com muita autoridade. A gente brincou ontem dizendo: "Calado já está errado, calado já está errado". É isso.

É difícil para a gente, agora. Mas, depois que a gente conseguir fazer esse diálogo, eu acho que a gente precisa fazer o esforço legítimo de alinhar as cosmovisões, que não é reduzir uma à outra. Não é um projeto positivista de "vamos reduzir todos os saberes à nossa ciência, o que não é ciência é metafísica, acabou". Não, vamos alinhar as cosmovisões, porque não tem uma mais verdadeira do que a outra. O Davi Kopenawa fala para a gente que os Xapiri estão sustentando o céu, mas que tem um buraco no céu, isso tem um alinhamento possível com a noção de que os gases de efeito estufa por um tempo destruíram a camada de ozônio.

Depois a gente mudou a legislação, mudou a regulamentação, esse problema melhorou, mas muitos outros foram criados. Então, isso é um alinhamento de cosmovisões. Qual é a cosmovisão verdadeira? Não dá para falar disso. A gente não pode fazer essa

pergunta, porque essa pergunta não é uma boa pergunta. São sistemas de crença. Eles são igualmente válidos, desde que você acredite naquilo. Quando o povo Ashaninka diz que, dentro das pessoas, dos animais e das plantas e de tudo que vive, existem pequenas serpentes, isso tem um alinhamento possível, porque no livro do Jeremy Narby, A Serpente Cósmica, com a noção do DNA, dentro de cada célula, de todos os seres, existem serpentes. Qual é a verdadeira? São sistemas de crença.

Se chegar agora um marciano, ele vai olhar pra gente e vai falar: "Esse pessoal aí tem vários sistemas de crença". Qual é o verdadeiro? A ciência universitária tem dito: "A minha é verdadeira porque a minha é mais eficaz". Por quê? "Porque eu te mato com mais eficácia do que você me mata".

No fundo, é isso, e é difícil pra gente fazer esse diálogo, mas é necessário. Eu entendo que a gente está numa posição muito privilegiada aqui no Brasil, onde esse diálogo é possível. Lá em Gaza, não tem diálogo. Na Ucrânia, não tem diálogo. Aqui está rolando diálogo depois de 525 anos de massacre, que continua, continua nas aldeias, continua nas favelas. A polícia não passa um dia sem matar um jovem negro. O sadismo dessa polícia, que vem lá do império, que tem na sua bandeira a coroa portuguesa, que tem as commodities, a polícia, sim, que precisa ser dissolvida. Só que esse diálogo vai ser afetado por um tsunami que está chegando.

A ciência universitária produziu tecnologias que vão acabar com tudo o que a gente conhece. Esse mundo do trabalho, a jornada 6×1 vai acabar. O que está vindo aí é a falta de emprego para todo mundo. Os robôs vão tomar conta desse planeta muito rapidamente, já estão fazendo isso. E acho que a gente precisa fazer esse diálogo pensando nisso que está vindo. Não adianta a gente discutir os problemas que tivemos nos últimos 10 ou 20 anos sem entender que os próximos 10 ou 20 anos serão completamente

diferentes. E o que me dá otimismo, meus amigos e minhas amigas? Eu sou uma pessoa mais para o otimismo do que para o pessimismo, e o que me dá otimismo é que a gente está aqui se escutando, e acho que falo em nome de todo mundo da ciência universitária aqui: a gente veio aprender vocês.

O BRASIL E SUAS CIÊNCIAS MESTIÇAS: POSSIBILIDADES CONTRA COLONIAIS

RICARDO MOEBUS

Viva! Bom, gente, acho que a gente vai abrir também para ampliar a conversa, para quem quiser fazer alguma consideração. E depois dessas duas falas incríveis, acho que o Sidarta faz uma contextualização que ajuda muita gente a pensar, não só os robôs, a perda do trabalho, mas tem aí a emergência climática, um desafio que coloca justamente em risco, e essa emergência climática é o fruto que nós estamos colhendo da ciência ocidental.

Não tem outra causa que não seja a ciência que desenvolveu tecnologias capazes de destruir a vida no planeta, uma potência fantástica. A potência, a capacidade, a eficiência da ciência ocidental, da ciência moderna, está aí, provando a sua capacidade, sendo capaz de destruir a vida no planeta, a potência suicida da ciência ocidental.Acho que a gente está se confrontando com isso, se deparando com isso, queiramos ou não, nós estamos nos deparando com a potência suicida da ciência ocidental e estamos mergulhados, ao mesmo tempo, na universidade. Inclusive o Uwira está dizendo que está envolvido também na universidade, estão muitos aqui, e ao mesmo tempo eu acho que essa provocação que o Sidarta faz é de uma possibilidade, e talvez mais interessante num ambiente como o brasileiro, que é mestiço, inclusive, nos saberes dessa possibilidade de a gente

construir um cuidado mestiço, uma ciência mestiça, uma ciência mesclada, uma ciência que realmente diverge da tradição. Nós pertencemos a ela, pertencemos a essa tradição. Mas eu acho que a gente tem feito alguns movimentos de mestiçagem, de colocar elementos que são muito malvistos pela própria ciência a qual nós pertencemos.

RELAÇÃO DE CUIDADO NA DIFERENÇA

SAULO FEITOSA

O cacique Xukuru-Kariri Cicinho estava lá atrás, vem aqui por gentileza para você me ajudar. E o pajé, está aí também? Vem aqui, porque eu vou falar de uma experiência minha e é importante a presença do cacique Xukuru-Kariri Cicinho, do pajé Ieru e pajé Celso também, que está aqui. Tive com eles uma experiência conjunta na construção de um processo de cuidado. Eu vivenciei, em 2023, um processo de adoecimento complicado, não se fechava diagnóstico, eu seguia para tudo que era especialidade médica, e o quadro se agravava. Um dia eu acordei com a "mão em garra", fiquei desesperado. Finalmente, três especialistas suspeitaram que fosse hanseníase, talvez por influência minha.

Quando eu ia começar o tratamento para a hanseníase, voltei para a neurologista, a quem já tinha solicitado um exame de eletroneuromiografia, e ela disse: "Saulo, o problema deve ser de ordem emocional". Esse exame é muito invasivo e doloroso. Mas nesse dia, ela aceitou fazer o exame, e diagnosticou Síndrome de Guillain-Barré (SGB). Então, eu fiquei vários meses lutando contra a SGB, acho que não se agravou mais porque eu fazia todo dia fisioterapia e pilates, o que certamente evitou internação. Só que depois eu fui piorando do quadro e aí todo mundo que me conhecia começou a falar: "Saulo, você está muito mal. Saulo,

você está morrendo". Eu brincava desse jeito: "Eu não tenho culpa, eu estou indo para tudo que é especialidade". Em janeiro de 2024, a minha esposa disse: "Saulo, você está morrendo". Aí, ela falou tão sério que eu respondi: "Eu não tenho culpa, o que eu vou fazer?". Essa conversa foi durante a noite e eu também não conseguia dormir. No dia seguinte, às seis da manhã, fui a um laboratório e solicitei tudo quanto era exame que imaginava, quando recebi o resultado dos exames, falei para mim mesmo: "Não pode ser que eu esteja nessa situação. E essa medicação que eu tomo há tanto tempo? Que negócio é esse? Vou parar de tomar e vamos ver". Todo mundo já estava dizendo que eu estava morrendo, eu sabia que havia piorado muito, estava em um quadro muito grave. No mesmo dia, fui conversar com a médica que atende na UBS de meu bairro, ela é minha amiga. Falei da decisão de suspender tudo, mesmo sabendo que o efeito rebote seria violento. Ela até sugeriu fazer aos poucos, mas suspendi tudo. E como era esperado, vieram as reações violentas, causadas pela descontinuação da medicação.

Em meio a essas reações, passou na minha casa um companheiro indigenista, Ângelo, e viu minha situação. Eu moro em Caruaru, ele estava indo para a Palmeira dos Índios (AL), território do Xukuru-Kariri. Segundo me falou Meire, irmã do cacique Cicinho, ele chegou lá na aldeia dizendo que eu estava morrendo, mais um exagerado, rsrsrs. No dia seguinte, Ângelo me telefonou dizendo: "Olha, dona Marlene (mãe de Cicinho e Meire) me disse: 'Pergunta a Saulo se ele quer o remédio que eu sei fazer'". Eu respondi: "Claro! Quero muito". Dois dias depois eles (Ângelo, Cicinho e Ieru) foram levar o remédio lá em Caruaru, acho que queriam ter a certeza de que eu iria fazer uso. Tomei a primeira dose na presença de todos e segui o tratamento recomendado. Como as raízes nervosas estavam lesionadas,

minha força física era muito pequena, com dificuldades conseguia abrir uma garrafa de água mineral. Eu não conseguia vestir uma camisa. Então, qual era o cenário que se apresentava até então? Conviver com as dores, conviver com as limitações, para mim estava muito claro isso. Mas, passados nove dias do uso do remédio que me foi dado, comecei a sentir melhora no quadro de saúde. Eu disse: "Gente, isso é efeito placebo, não tem cabimento o remédio fazer efeito tão rápido assim".

Aí me liga um amigo que já vinha cuidando de mim e diz: "Saulo, como é que você está se sentindo? Precisa de ajuda?" Eu respondi: "Muito bem, deve ser psicológico. Eu estou me sentindo tão bem! Eu já acordei muito bem. Mas vem aqui, se você quiser cuidar de mim também". Ele foi lá, levou aparelho de ultrassom portátil e fez uma consulta muito demorada, aí falou: "Saulo você está se recuperando". Respondi: "Impossível, os meus nervos não vão se recuperar mais". Mas ele insistiu: "Você está caminhando para a plena recuperação". Falou com tanta convicção, que lhe pedi para gravar um vídeo para as mulheres que estavam preparando o remédio para mim. E assim o fez. Eu fiquei fazendo uso do remédio de fevereiro até outubro de 2024. Aí, no meio do tratamento, eu fui ao supermercado, lá eu peguei uma caixa de detergente e botei no carrinho e saí pulando, ninguém entendia nada. Um rapaz ficou olhando, eu disse: "Rapaz, deixa eu te explicar o que foi. Eu estava sem força alguma, agora eu estou recuperando. Não estou maluco, pelo menos por enquanto (risos)". Então, foi a situação em que eu tive um diagnóstico que não foi feito pela medicina indígena, mas o tratamento foi feito com a medicina indígena, e, para mim, isso significa possibilidades de diálogo clínico intercultural. Inclusive, a SESAI – MS (Secretaria de Saúde Indígena – Ministério da Saúde) deve estar mais atenta a isso, porque não está,

infelizmente, nunca está atenta a isso. Tanto que a gente não tem educação permanente na SESAI – MS, a gente tem as equipes multidisciplinares de saúde, mas é necessária uma boa formação, com acompanhamento permanente. Mas vivenciamos essa experiência. Eu sou muito agradecido ao povo Xukuru-Kariri. Eu fui cuidado pela medicina Xukuru-Kariri, é possível, sim, que a gente encontre formas de dialogar. Como esse diálogo vai ser feito? É através das tentativas, são as tentativas bem planejadas e dialogadas que nos ajudarão a encontrar os caminhos. Então, o povo Xukuru-Kariri nos ensinou isso.

Depois eu tive uma experiência na academia, que foi muito interessante, orientando o doutorado de um psiquiatra. Esse cara começou a pesquisar grupos de ouvidores de vozes, porque ele trabalhava com ouvidores de vozes, e eu me empolguei muito pelo tema. Só que veio a pandemia. Aí, ele me falou: "Vamos mudar o tema, porque não tem como estar convivendo com os ouvidores de voz. Eu vou pesquisar cannabis", porque ele já era próximo da cannabis, ele já trabalhava no ambulatório de cannabis. E lá no meio da pesquisa diz: "Saulo, não dá mais pra ficar falando sobre a maconha, a maconha tem que falar". Eu disse: "Como é que a maconha vai falar, Vinícius? Você está maluco?". Ele respondeu: "Depois que eu estudei todo o processo de criminalização, o racismo que ela sofreu, me convenci que a maconha precisa ter um lugar de fala nessas teses". "E agora? Tu achas que vai dizer o quê? A banca vai dizer o quê? A maconha que está falando? Como é que a gente vai entender que é a maconha que está falando e não é você quem está falando?". Então a gente começou uma discussão, e ele me convenceu da necessidade da maconha falar. E aí, nós fizemos várias discussões e pactuamos que a maconha seria uma poetisa, que iria se manifestar sempre da forma poética, assim não iria disputar com o texto dele. E assim foi. Para encurtar a história,

a gente passou pela banca de qualificação, que eu achei que ia ser muito difícil. Mas a discussão foi tranquila. E finalmente a gente chega ao dia da defesa da tese. O que é que esse orientando me apronta? A maconha apresentou a tese junto com ele, a maconha ganhou voz, ele usou um recurso para que ela pudesse falar como coautora da tese, a tese foi construída por ele e pela maconha. E o examinador que eu achei que ia ser o mais crítico, falou: "Eu indico essa tese para concorrer ao prêmio tese da CAPES". Foi muito bonito.

RELAÇÃO DE CUIDADO NA DIFERENÇA

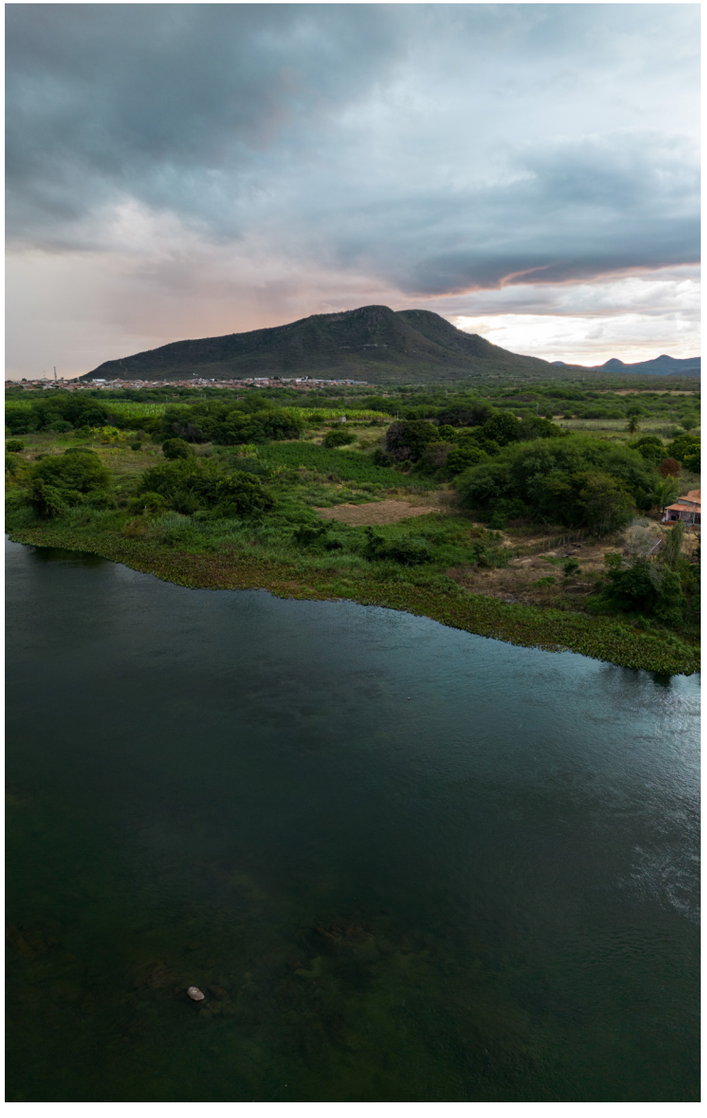
CICINHO XUKURU-KARIRI

Quando todos nós fomos sabedores desse problema, desse acontecimento com ele, ele estava já muito debilitado. Quando nós fomos conhecedores desse problema dele, ele estava ocasionando todas essas lesões com ele. Foi quando minha mãe conversou com a gente, aí eu conversei com o pajé da minha aldeia, nós tivemos que fazer um remédio, ela juntou com outra irmã minha, fez o remédio para ele, aí eu fui levar com o pajé. Chegamos lá e ele estava lá. Chegou um companheiro dele, do CIMI, muito aperreado, esse foi quem fez o enxame, que na verdade a gente não sabia o que estava ocorrendo com o Saulo. Chegamos lá, deixamos a medicação com ele também. Retornamos. A primeira vez, acho que foi o Ângelo que levou, não foi? A segunda vez, eu tive que ir lá mais o pajé. E depois, vamos ver se esse paciente está tomando a medicação como é mandado. Aí eu sei que está aí. Retornamos e até hoje a gente se sente muito satisfeito em ver que o companheiro de luta nosso está aí vivo, pulando. Diz ele que é animado, né? Se ele está animado, eu também estou, né? Acho que todos nós e aqueles

que sempre necessitaram do apoio dele na causa indígena, nas causas sociais, todos sempre foram uma grande figura. Se chama Saulo Feitosa. Muito obrigado.



21. Participante do Seminário fazendo uma fala na plenária. Ao fundo, a Cacica Anália Tuxa.



22. Vista panorâmica do Rio Opará (São Francisco). Ao fundo, a cidade de Orocó - PE e os serrotes, que marcam a geografia local.

JUREMA
CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO
UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

JUREMA:

SISTEMAS DE SAÚDE INDÍGENA, BEM VIVER E SAÚDE MENTAL

A URGÊNCIA DO RECONHECIMENTO DOS SISTEMAS DE SAÚDE INDÍGENA NO SUS
ANGÉLICA MAIA

POR UMA AMPLA TEIA DE CUIDADOS
LUÍS FERNANDO TÓFOLI

PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E BEM VIVER
EDNALDO XUKURU

A JUREMA DÁ CIÊNCIA COM SEU CUIDADO
PAJÉ DÃO TRUKÁ

POLÍTICA DE SAÚDE INDÍGENA
YSSÔ TRUKÁ



A URGÊNCIA DO RECONHECIMENTO DOS SISTEMAS DE SAÚDE INDÍGENA NO SUS

ANGÉLICA MAIA

Eu me chamo Angélica, sou antropóloga, atualmente estou atuando na assessoria do nosso secretário nacional de Saúde Indígena Weibe Tapeba. Neste evento, me coube a missão de estar aqui representando a nossa secretaria e trazer as nossas ações estratégicas para o fortalecimento da atenção diferenciada, sobretudo no fortalecimento das medicinas indígenas no modelo de atenção ofertado aos territórios atendidos pelo SasiSUS. Quero compartilhar o que estamos fazendo institucionalmente, a nível de governo, nos sistemas indígenas de saúde e que está sendo proposto nos nossos territórios. Mas, antes de tudo, quero reconhecer e agradecer a Yssô e Alexandre pela coordenação do evento. Nós iniciamos este debate em 2023 e, desde então, um longo percurso foi trilhado até que este evento saísse. Há um esforço contínuo da SESAI em refletir sobre as estratégias de fortalecimento dos diálogos relacionados às medicinas indígenas.

Esses dois dias ouvindo nosso território e os ensinamentos que a Jurema tem nos trazido me fez perceber o quanto precisamos repensar a nossa prática institucional cotidiana — enquanto pessoas, pesquisadores, cientistas e agentes do governo —, para conseguimos lidar com as demandas advindas dos nossos territórios. Neste processo, é imprescindível ouvir o que o chão do nosso território está trazendo e o que precisa ser feito para atender as demandas, considerando as especificidades locais. Neste sentido, quero compartilhar com vocês nossas ações institucionais e de como elas têm contribuído na construção de várias experiências positivas, que visam o fortalecimento das iniciativas protagonizadas pelos territórios.

A Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) por muito tempo deixou esse debate de lado, à margem de muitas outras questões. Optou-se por um modelo tecnicista e instrumentalizado, que é o modelo biomédico, que se sobrepôs aos saberes dos nossos territórios, dos nossos povos, das ancestralidades e que negou a agência das plantas, que negou a agência humana e o empoderamento desses espaços, como espaços de cuidado em saúde. Hoje, a atual gestão do secretário tem reafirmado que a primeira porta de entrada para a assistência aos povos indígenas deve ser reconhecida em suas próprias medicinas, em seus sistemas de cura e formas próprias de autoatenção em saúde. Antes mesmo de recorrer a uma Unidade Básica de Saúde (UBS), a um Polo Base ou a um profissional de saúde, é fundamental valorizar os especialistas indígenas, detentores dos conhecimentos ancestrais e dos saberes das comunidades acerca de suas práticas protetivas, de autoatenção e de cura. Os sistemas indígenas de saúde não apenas refletem conhecimentos e práticas ancestrais, mas também constituem agências legítimas de cuidado, baseadas em cosmovisões próprias, modos de vida coletivos e saberes

acumulados ao longo de gerações. Esses sistemas desempenham um papel fundamental na promoção do Bem Viver dos povos indígenas, sendo, portanto, essenciais para a garantia de uma atenção integral e intercultural à saúde. Reconhecendo essa importância, a SESAI tem empreendido esforços contínuos para fortalecer o diálogo institucional com o Ministério da Saúde, no sentido de garantir o reconhecimento formal e normativo desses sistemas indígenas de saúde como dispositivos legítimos de atenção à saúde, em igualdade de condições com os demais componentes do Sistema Único de Saúde (SUS). Esse reconhecimento é indispensável para avançarmos na construção de um modelo de atenção à saúde verdadeiramente intercultural e diferenciado, que valorize as tecnologias de cuidado indígena, seus sistemas de promoção, prevenção e proteção à saúde, respeitando a autonomia dos povos indígenas, de seus especialistas, sobretudo, garantindo desta forma a equidade na promoção da saúde.

Se nós temos o modelo biomédico reconhecido, por que não reconhecer os sistemas indígenas de saúde? Por que não trazer para o contexto da política pública de saúde as medicinas indígenas como a primeira porta de atenção ao cuidado dos nossos povos, nos nossos territórios? Esse é um movimento que a gestão do nosso secretário tem buscado avançar. Sabemos que não é uma tarefa simples: temos mantido diálogos intensos e constantes para superar essas barreiras estruturais, apesar da grande complexidade burocrática que envolve esse processo. Romper essas limitações é essencial para garantir uma política pública de saúde que respeite e valorize a diversidade e especificidades socioculturais indígenas e seus sistemas próprios de saúde. Quando falamos sobre ciência indígena, surgem diversas perguntas e questionamentos, como quem definiu vocês como cientistas indígenas? Como vocês fundamentam suas práticas? Quais evidências possuem

para comprovar que suas medicinas ancestrais são legítimas? Esses questionamentos são frequentes e acabam funcionando como barreiras que bloqueiam nosso avanço, perpetuando um engessamento que dificulta o reconhecimento e a valorização dos saberes tradicionais indígenas. Contudo, de forma crescente e urgente, nossos territórios têm reivindicado o reconhecimento das diversas tecnologias de cuidado, das práticas de atenção, promoção e prevenção à saúde que integram seus sistemas indígenas de saúde. Essas formas de cuidado representam não apenas um patrimônio cultural valioso, mas também uma dimensão essencial para a promoção da saúde integral dos povos indígenas, que dialoga diretamente com suas cosmovisões, modos de vida e relações com o território.

Ao debatermos sobre os sistemas indígenas, lançamos um importante marcador no campo político, evidenciando que, no Brasil, os povos originários possuem ciências específicas e plurais. Não se trata de uma ciência única, mas de múltiplas ciências, diversas em suas formas e saberes. Eu sou do Norte, mulher manauara, e minha região tem uma ciência profundamente conectada ao território, às águas e animais. No entanto, aprendo muito com os parentes do Nordeste, que possuem outras perspectivas e sistemas próprios. Não podemos, portanto, colocar todos esses conhecimentos em uma única categoria uniforme. É fundamental reconhecer a diversidade dos sistemas indígenas de saúde e buscar formas de integrá-los e estabelecer interlocuções com o modelo biomédico, trabalhando em conjunto com os profissionais que compõem as equipes multiprofissionais de saúde indígena. Com isto, destaco as experiências exitosas e inovadoras que estão em curso nos diversos territórios indígenas atendidos pela SESAI, que demonstram a viabilidade e a importância da interlocução entre os sistemas indígenas

de saúde e o modelo biomédico. Um exemplo emblemático ocorre em São Gabriel da Cachoeira, onde o kumu — termo local para designar o especialista indígena, equivalente ao que comumente chamam de pajé em outras regiões — atua em parceria direta com um médico especialista na área da psiquiatra no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) local. Nesse modelo integrado de cuidado, o usuário, antes de ser encaminhado para o atendimento psiquiátrico, passa pelo kumu dentro do CAPS, onde recebe um tratamento que combina práticas ancestrais, como benzimentos, rezas e banhos, que se somam ao itinerário terapêutico recomendado pelo médico especializado.

Essa abordagem conjunta permite um cuidado integral que reconhece as práticas de cuidado indígena como parte integrando o processo de promoção, cuidado e atenção à saúde. Além disso, a autonomia do especialista indígena é reconhecida: ele pode decidir pela alta do paciente, mesmo que o psiquiatra entenda que o tratamento ainda deve continuar; ou vice-versa, o psiquiatra pode liberar o paciente, enquanto o kumu recomenda a continuidade do cuidado na perspectiva do cuidado diferencial. Esse diálogo e respeito mútuo entre os dois sistemas demonstram que é possível construir práticas de saúde interculturais eficazes, que valorizem e promovam o Bem Viver dos povos indígenas.

Experiências como essa têm sido o foco central dos nossos esforços na SESAI. Estamos dedicados à construção de novas formas de diálogo intercultural, buscando incorporar uma perspectiva renovada que valorize tanto os sistemas indígenas de saúde, quanto promova a interlocução entre os conhecimentos. É fundamental promover essa mudança de olhar, tanto entre os profissionais de saúde, quanto na gestão dos serviços, para que possamos avançar rumo a uma atenção à saúde indígena mais integrada, respeitosa e efetiva. Neste evento, contamos com a

presença de algumas das principais referências das medicinas indígenas que compõem a área técnica dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) do Nordeste, como Potiguara, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Ceará e Bahia. A presença dessas referências faz parte de um movimento coletivo e articulado, com um esforço dedicado a consolidar essa pauta fundamental, junto a gestão dos distritos, garantindo a implementação e fortalecimento das ações estruturantes, demandadas pelos territórios e pactuadas no âmbito dos Planos Distritais de Saúde Indígena (PDSI). Com isto, a SESAI objetiva ampliar a visibilidade e o reconhecimento dos sistemas indígenas, suas práticas de atenção, promoção, proteção e prevenção à saúde, isso tanto em âmbito nacional quanto internacional. É imprescindível destacar a ancestralidade dos povos indígenas no território brasileiro e reconhecer os sistemas de saúde indígena como componentes legítimos e essenciais dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), valorizando-os como equipamentos de saúde próprios.

Cabe destacar que o Conselho Nacional de Saúde (CNS) publicou orientações que reconhecem as tecnologias de cuidado de matriz africana como práticas complementares ao atendimento no âmbito do SUS. Diante disso, por que não reconhecer também as tecnologias de cuidado dos povos indígenas pelo Ministério da Saúde? É fundamental que essas práticas recebam um orçamento específico para fomentar ações e estratégias voltadas para os nossos territórios. Um exemplo prático seria tornar este evento em um encontro anual, envolvendo e fortalecendo os DSEI da região Nordeste. Contudo, surge a questão: como pactuar e implementar essas iniciativas sem a garantia de recursos financeiros adequados? Sem orçamento, como executar efetivamente essas ações que são essenciais para a valorização e fortalecimento da saúde indígena?

Considerando a importância deste reconhecimento, nosso secretário tem apresentado esta demanda ao Ministro da Saúde, buscando garantir que as especificidades e necessidades dos povos indígenas sejam efetivamente consideradas nas políticas públicas de saúde. De igual modo, nossa diretora do Departamento de Atenção Primária à Saúde (DAPSI), Putira Sacuena, tem empreendido um esforço contínuo para mobilização política, atuando diretamente na Comissão Intersetorial de Saúde Indígena (CISI) e em outras instâncias superiores de decisão com o objetivo de avançar no reconhecimento dos sistemas indígenas de saúde, bem como das casas de medicinas indígenas como espaços legítimos de atenção à saúde. Essa articulação visa fortalecer a pauta indígena dentro dos espaços institucionais e promover avanços concretos nas políticas de saúde. No entanto, esse caminho é repleto de desafios, pois frequentemente nos deparamos com barreiras burocráticas que dificultam a implementação e o progresso das propostas. Apesar dessas dificuldades, seguimos firmes na luta para superar esses entraves, convencidos da importância de construir um sistema de saúde que respeite e reconheça as especificidades socioculturais e as necessidades dos povos indígenas atendidos pelo SasiSUS. Apesar dos desafios, não pretendemos desistir das articulações. Esse novo olhar da SESAI vem gradativamente se consolidando, e seguiremos atentos, voltados para os nossos territórios e sensíveis às vozes que emergem deles. Hoje pela manhã, em conversa com Ednaldo Xukuru, refletíamos sobre a mensagem profunda que Jurema nos trouxe: temos uma missão institucional clara e urgente de dar continuidade a essa trajetória. Carregamos uma responsabilidade enorme de levar o que nossa ancestralidade nos transmite para as instâncias superiores do governo, buscando construir caminhos que rompam com a estrutura burocrática colonizadora que ainda impera.

Muito se fala sobre decolonialidade, mas, na prática, essa ideia ainda permanece como um discurso filosófico distante da realidade cotidiana. A verdadeira decolonialidade só se materializará quando conseguirmos, de forma concreta e efetiva, garantir nos documentos oficiais, nas políticas públicas e no cotidiano do cuidado em saúde, o reconhecimento das especificidades e da pluralidade dos sistemas indígenas. É imprescindível que essa multiplicidade de saberes e práticas seja respeitada e valorizada, rompendo com modelos hegemônicos que historicamente invisibilizam os povos indígenas, seus modos de vida e cuidado.

Quando em nossos territórios alguém precisa de atendimento de um especialista na UBS ou no Polo Base, e a equipe de saúde rejeita esse cuidado, estamos não apenas ferindo os princípios e diretrizes que orientam a Política Nacional de Atenção à Saúde Indígena (PNASPI), como estamos nos distanciando do processo de decolonização. Da mesma forma, quando negamos o poder curativo da Jurema, que atua não apenas no nível individual, mas também no coletivo, continuamos presos a um modelo limitado e excludente que não reconhece outras agências de cuidado e cura. Romper com a lógica biomédica, tecnicista e instrumentalizada que domina o processo de atenção à saúde é um desafio monumental, mas essa é a missão que carregamos hoje. Enfrentamos a difícil tarefa de desconstruir paradigmas profundamente enraizados, para abrir espaço a práticas de cuidado que respeitem e valorizem os sistemas indígenas de saúde e as múltiplas formas de cuidado, proteção e cura presentes nos nossos povos. Essa transformação é essencial para avançarmos rumo a uma saúde verdadeiramente intercultural, inclusiva e equânime, que dialogue com as ancestralidades e fortaleça a autonomia dos nossos povos, superando os limites

impostos por estruturas coloniais e burocráticas que ainda persistem. Neste aspecto, somos questionados sobre como podemos trabalhar, de forma mais integrada, com os nossos médicos. Atualmente, já contamos com profissionais médicos sensíveis à interculturalidade, que atuam em conjunto com os especialistas das medicinas indígenas em diversos polos-base. No entanto, uma das reflexões e discussões que temos promovido é justamente como incorporar, de maneira efetiva, esses especialistas às equipes de saúde. Como formar equipes que não sejam compostas exclusivamente por profissionais da biomedicina, mas que também incluam os especialistas das medicinas indígenas, reconhecendo seus saberes como parte legítima do cuidado em saúde? Estamos falando dos kumu, pajés, parteiras, magés, mezenheiras, rezadores e tantos outros especialistas existentes em nossos territórios.

Esses saberes são diversos, territorializados e profundamente conectados com a espiritualidade e o Bem Viver dos povos indígenas e sua presença pode enriquecer e qualificar significativamente os itinerários de cuidado e atenção em saúde. O grande desafio está em transformar esses itinerários terapêuticos em práticas cotidianas e institucionalizadas junto às equipes de saúde. Por exemplo, quando um parente chega ao polo base e diz: "Eu estou doente", esperamos que a equipe de saúde possa, como primeira opção, ofertar o atendimento com o especialista das medicinas indígenas, respeitando sua cultura, seus modos de vida e sua perspectiva relacionada ao processo saúde e doença. Como construir esse fluxo de forma adequada e respeitosa? Como incluir práticas como a Jurema, entre tantas outras, dentro desses itinerários? A proposta é que esses saberes não sejam tratados como complementares ou paralelos, mas como partes integradas do processo de cuidado, com a presença

ativa dos nossos especialistas indígenas ao lado da equipe multiprofissional de saúde.Nesse contexto, um dos avanços que a SESAI está promovendo é a atualização da PNASPI, que foi implementada em 2002, o que faz com que muitos aspectos estejam desatualizados e que já não dialogam com a realidade e necessidade dos povos indígenas. Estamos, portanto, em um processo de revisão e modernização dos princípios, diretrizes e eixos temáticos que a estruturam. Um dos eixos prioritários da política são os sistemas indígenas de saúde, junto ao eixo do controle social na saúde indígena e orçamento e financiamento. A nova proposta compreende oito eixos temáticos e mais de 80 diretrizes. Esse processo está em construção e aberto ao debate, por isso é fundamental compartilhar essas informações para que todos possam acompanhar o que está sendo discutido. Nosso objetivo é regulamentar, valorizar e garantir a proteção legal dos sistemas indígenas de saúde.

É essencial que, junto com os territórios indígenas, reflitamos sobre os mecanismos de proteção dos sistemas indígenas de saúde, evitando o acesso direto não autorizado, por exemplo, aos saberes ancestrais, sem a consulta das comunidades que há muito tempo os preservam e manejam. Perguntamos: como o Governo Federal, por meio das instituições de saúde e dos mecanismos de controle social, pode contribuir para essa proteção? É fundamental desenvolvermos instrumentos normativos robustos que assegurem a segurança e a proteção dos conhecimentos indígenas, garantindo, sobretudo, que as comunidades sejam plenamente consultadas antes da realização de pesquisas, da implementação de propostas de encapsulamento ou de qualquer outra intervenção externa. O respeito à autonomia e à voz dos povos originários deve estar no centro de qualquer iniciativa que impacte seus saberes e territórios. Nesse sentido, temos iniciado um diálogo com o

Ministério do Meio Ambiente e com o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGen), buscando construir instrumentos normativos que sejam adequados e sensíveis às especificidades dos povos indígenas. É essencial que esses mecanismos estejam em conformidade com os ordenamentos jurídicos vigentes, incluindo as normas internacionais, como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que reconhece e protege os direitos dos povos indígenas à consulta prévia, livre e informada. Além disso, é indispensável que nossos parentes indígenas participem de forma efetiva e protagonizem todo o processo de construção dessas diretrizes, garantindo que suas perspectivas, saberes e demandas sejam considerados desde o início. Essa diretriz estratégica tem como objetivo promover a articulação integrada entre os entes federados — União, estados e municípios — para criar mecanismos que assegurem a proteção efetiva dos sistemas indígenas de saúde, fortalecendo a autonomia e a preservação dos sistemas indígenas de saúde.

A este respeito, pergunto: como é que o povo Truká concebe e vivencia seus sistemas próprios de saúde? De que maneira os Potiguara estruturam e praticam seu cuidado coletivo? E como os demais povos indígenas pensam e mantêm suas práticas de cuidado, promoção, proteção e cura em saúde? Essas são perguntas essenciais que orientam nosso trabalho, pois o que está em jogo é a proteção desses sistemas contra ameaças reais e concretas, como a biopirataria, o filantrocapitalismo, o mercado financeiro predatório e a indústria farmacêutica global.

Sabemos que esses grupos econômicos são os que mais avançam sobre os conhecimentos indígenas de forma predatória, muitas vezes apropriando-se de seus conhecimentos sem autorização ou reconhecimento, explorando comercialmente o que pertence aos povos indígenas. Essa é uma discussão profunda

e urgente que devemos enfrentar, ainda que timidamente. Nossa missão é clara: lutar pelo reconhecimento legítimo dos sistemas indígenas de saúde, pelo respeito às especificidades socioculturais, geográficas e políticas dos povos indígenas, garantindo que seus conhecimentos sejam protegidos em sua integralidade.

Enquanto representante da SESAI, contamos com um orçamento modesto destinado a apoiar ações que valorizem as medicinas indígenas, como os encontros regionais de pajés e parteiras, que são espaços fundamentais para o fortalecimento dos conhecimentos e das tecnologias de cuidado em saúde. Há como proposta transformar o encontro da Jurema em um evento anual que reúna os recursos dos DSEI do Nordeste, ampliando e fortalecendo as iniciativas de intercâmbio e fortalecimento cultural. Essa é uma estratégia pensada para dar maior visibilidade e suporte institucional às práticas de promoção e proteção da saúde empreendida pelos povos indígenas. Estamos projetando esse esforço institucional com o apoio da diretoria do Dapsi, da Coordenação Geral do Controle Social da Saúde Indígena e do Gabinete, buscando fortalecer as ações e, acima de tudo, sermos sensíveis às demandas e vozes que emergem diretamente dos nossos territórios. Respeitar e valorizar o que os nossos ancestrais trazem em seus ensinamentos é a base para a construção de políticas que efetivamente protejam e promovam a saúde indígena.

Assim, deixo esta mensagem em nome da nossa diretora e do nosso secretário: a SESAI está de portas abertas, disponível e acessível para apoiar as iniciativas de fortalecimento dos sistemas próprios de cura, cuidado e atenção à saúde. Estamos comprometidos em fortalecer e somar esforços na luta pelo reconhecimento desses sistemas de saúde, garantindo, acima de tudo, sua proteção.

POR UMA AMPLA TEIA DE CUIDADOS

LUÍS FERNANDO TÓFOLI

Boa tarde, gente. A licença já está dada, mas eu peço novamente licença aqui para falar com vocês. Peço licença principalmente a este território que aqui está e às entidades que o protegem. Eu já vou falar um pouco sobre de onde eu falo, ou meu "lugar de escuta", como disse Elisa Pankararu, eu antes queria dizer que, embora eu não tenha nenhuma iniciação na Jurema, eu sinto a força que existe neste lugar, a força que — acho que muitos de nós, mesmos não indígena — estamos percebendo aqui agora. Quero então saudar todas as pessoas presentes, visíveis e invisíveis, humanas e não humanas.

Quem sou eu? Meu nome é Luís Fernando, eu sou um desses "abestados" da academia, como disse a Jane Beltrão, e como explicou o Uwira Xakriabá, eu tenho as características de ser curioso e fofoqueiro. Foi por isso que eu entrei nessa onda acadêmica. Mas tem mais uma característica da academia que eles não falaram e que talvez vocês reconheçam que seja um problema. Eu descobri como é que esse negócio funcionava depois que eu já estava lá dentro. Eu já era professor na Universidade Federal do Ceará. Eu morei muito tempo no Ceará — embora eu seja paulista — e retornei para o estado de São Paulo após um concurso que fiz para ser professor na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Para o concurso eu tinha que fazer um memorial. No memorial, você tem que ir lá e contar sobre o que fez na sua carreira. Na academia, desde bebezinho você já tem que saber qual é essa tal de "carreira", atrás da qual nós estamos correndo atrás o tempo inteiro, como falou o Uwira. Enfim, no memorial você fala da carreira que dizem que a gente deve estar correndo atrás o tempo todo e justificando as nossas ações.

Eu ficava pensando então assim: "Por que é que a gente não mostra só o currículo, já está publicado tudo que você fez? Por que tem que fazer esse memorial?". Eu nunca tinha entendido muito bem essa história. Aí um dia caiu a ficha para mim: o memorial é para você provar que é vaidoso. Então a Academia, além da curiosidade e da fofoca, também tem a vaidade.

A universidade reforça o tempo todo este exercício da vaidade. A pessoa quer ser chamada de professor, quer ser chamada de doutor, achando que isso resolve ou define alguma coisa. Nós aqui sabemos que não deveria ser por aí. O certo seria falar de uma caminhada de aprendizado, e não uma carreira. Assim, eu tento ser um aprendiz, apesar de curioso e fofoqueiro.

E como é que eu cheguei aqui neste seminário sobre a Jurema? Eu não sou um especialista em saúde mental indígena, pelo menos não até agora. Então por que me chamaram para falar? Eu tenho uma caminhada com a ayahuasca, primeiro como um bebedor de ayahuasca, participando em uma assim chamada religião ayahuasqueira, e, depois, comecei a pesquisar. Daí vem uma ligação com plantas sagradas e com esse universo do invisível, do intangível, do misterioso. Tem muito mistério. Com isso eu fui, por um lado, trabalhando dentro desses mistérios, querendo entender melhor dentro de uma lógica dos brancos, digamos assim, e, por outro lado, querendo entender por essa lógica da ciência acadêmica também.

Eu comecei a pesquisar, fizemos um monte de artigos científicos e contribuímos com livros, essas coisas todas que fazem parte do ofício acadêmico. Porém agora, recentemente, aconteceu um freio de arrumação nessa história: a 5ª Conferência Indígena da Ayahuasca que aconteceu no começo de 2025, no Acre. Durante a Conferência, os povos indígenas da Amazônia, bebedores da ayahuasca e mais outros povos que também

trabalham com essas plantas de poder, plantas sagradas, se reuniram e falaram: "Olhem, nós não queremos que vocês façam estudos sem a nossa autorização". E nós, que estávamos acostumados a pedir autorização para um Comitê de Ética em Pesquisa, entre as várias instantes que existem dentro de uma faculdade, pensamos: "Mais uma autorização?". Pois é, só que não é "mais uma" autorização; os indígenas ayahuasqueiros decidiram montar um conselho. O Uwira falou esta ideia de um Conselho da Jurema, talvez seja uma coisa para ser pensada mesmo, para que se coloque uma autoridade que balize estudos nesta área.

Obviamente a ideia de um conselho tem que ser submetida ao que a Jurema tem a dizer sobre isto. Eu estou aqui apenas compartilhando uma ideia, não estou dizendo que esse é o caminho, necessariamente. Ele precisa ser examinado dentro de um tempo, como já foi falado aqui, há um tempo para essas coisas.

Neste momento, eu não estou fazendo pesquisa com ayahuasca, porque eu não estou autorizado, eu parei. E não faço pesquisa com Jurema. Eu estou aqui aprendendo sobre a Jurema, eu vim aqui aprender e posso dizer que estou aprendendo muito.

Inclusive, algumas pessoas sentem coisas nos seus próprios corpos durante esse evento, eu também sinto. Eu já me emocionei, chorei, já senti muita coisa aqui. Eu sinto a força desse encontro.

Agora vou falar um pouco de saúde mental. Como eu disse, eu tinha mais é que escutar e aprender das pessoas que estão aqui, que sabem da Jurema muito mais do que eu, mas como estou nesta roda de diálogo, eu vou dizer algumas coisinhas aqui. Ao falar de cuidado, eu gosto muito de uma história, vamos chamar aqui de mitologia, as histórias que os gregos e romanos contaram, uma história dos brancos. Ela foi escrita por um romano, uma pessoa que falava latim, chamada Higino. Ele conta o seguinte: Cuidado estava atravessando um rio e viu o barro à beira rio.

Ele pegou esse barro e moldou uma forma humana. O barro, da própria carne da Mãe Terra, deu forma ao corpo. Mas esse ser não tinha vida. Então Cuidado chamou a entidade máxima deles, que era Júpiter, e pediu para ele soprar a vida nesse ser. Júpiter atendeu o pedido e esse ser ganhou vida. Cuidado quis então dar o seu próprio nome, que em latim é "Cura", para essa criatura. Daí teve início uma disputa entre Júpiter e Terra para dizer a quem esse ser pertencia. Júpiter dizia: "Eu dei o espírito, ele é meu." Terra dizia: "Eu dei a minha carne para ele se constituir, ele é meu.". Neste impasse, eles precisaram tomar uma decisão para resolver a quem ele pertenceria e qual seria seu nome. Chamaram Saturno, que é o Tempo, para auxiliar em uma decisão justa. Saturno falou o seguinte: "Olhe, Júpiter deu o espírito. Quando ele se findar, o espírito voltará para Júpiter. Terra deu o corpo, quando ele morrer, para ela voltará. Enquanto estiver viva, essa criatura será do Cuidado, e seu nome é humano, porque ele foi feito de humus, que é a terra fértil".

Essa história foi relembrada por Leonardo Boff em um livro de 1999 sobre o cuidar, chamado Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra. que tem na capa duas mãos sustentando um planeta Terra em derretimento. E isso é o que está acontecendo: as violências e crimes ambientais sendo perpetrados, como já foi mencionado. Eu trago essa história do Cuidado porque uma das coisas que mais nos define, todos nós aqui, indígenas e não indígenas, é essa possibilidade e necessidade de cuidarmos uns dos outros. Só que o cuidado não se encerra entre humanos.

Não sei se vocês já ouviram falar de um filme, um desenho animado japonês chamado A Viagem de Chihiro, dirigido pelo respeitado Hayao Miyazaki. Tem uma parte desse filme que mexe muito comigo. A Chihiro é uma menina humana que vai parar na casa de banho dos espíritos, um local onde eles se

lavam, tem ofurô, massagem, tem tudo lá. Em certo momento, chega uma entidade trevosíssima, toda enlameada, monstruosa. Essa entidade é levada para tomar banho, em uma grande sala com água quente. Em determinado momento, a Chihiro descobre dentro do barro que constituía esse espírito, que parecia amaldiçoado, algo encravado que parecia um guidão de bicicleta. Ela então puxa este guidão e percebe que ele está encravado. Ela chama todo mundo que estava na casa de banho para ajudar a puxar. Todos vieram, puxaram com muita força. Começa a sair uma bicicleta e depois um monte de lixo, muito lixo! Eles continuam puxando e quando conseguem tirar tudo de dentro, descobrem que o era. O espírito era um rio que estava poluído. Só aí que se vê que o espírito era um dragão, que é como a tradição japonesa entende que são as entidades dos rios. Ele sai voando feliz, agradecendo o que tinha acontecido.

Esta história ilustra a importância de se estender a nossa ideia de cuidado para além dos humanos encarnados, supostamente nós aqui. A ideia do cuidado que precisa ser só dos humanos é uma lógica colonizadora. O ser humano estaria na frene de tudo, a ciência serviria aos seres humanos, e assim se esquece completamente de toda a estrutura de organização e da teia de dependências que nós humanos temos com os animais, com as plantas, com os rios, com as pedras, com as campinas, com as montanhas, enfim, com o planeta todo.

Isso me faz pensar na lógica do Bem Viver, da qual já foi falada aqui várias vezes. Não sei quantos de vocês conhecem bem esse conceito, mas eu quero relembrar que a ideia do Bem Viver é de encontrar uma harmonia não só entre as pessoas encarnadas e humanas, mas também entre as pessoas desencarnadas, os ancestrais, as pessoas que não são humanas, como os animais, as plantas, os minerais e a espiritualidade. Essa é uma teia de cuidado

bem mais ampla. Na hora que foi colocada na legislação de alguns países a ideia do Bem Viver, não foi possível incluir a parte espiritual. Mas como é que a gente vai falar da conexão entre todo mundo, se não falar do espiritual também? Isso acontece porque há muito pouco entendimento sobre a importância desse ponto.

Eu digo para vocês que eu me entendendo como uma pessoa que tem um certo olhar para essa dimensão, mas sentir e ver aqui, durante estes dias, a força que esta dimensão tem dentro desta comunidade e das comunidades indígenas foi impactante para mim. Foi uma coisa bonita mas ao mesmo tempo triste para mim contemplar o que nós, os brancos, estamos fazendo com o planeta e com as comunidades originárias. Mas por que falar disso na hora de falar de saúde mental? Porque como é que podemos falar de estar bem em um planeta que está doente? Como é que nós podemos falar de saúde mental, quando o sagrado está sendo explorado sem autorização? Como é que podemos viver bem nesta realidade? Por coincidência, neste ano, eu fui em dois eventos que me marcaram e os dois estavam relacionados de alguma forma com São Francisco. Um é este aqui, às margens do rio São Francisco, e o outro foi na cidade que tem esse mesmo nome nos Estados Unidos, San Francisco. Era um evento sobre cultura e psicodélicos, chamado, em inglês, Psychedelic Culture. Durante a minha fala nesse encontro eu inclusive anunciei que já não estava mais fazendo pesquisa com a ayahuasca. E me chamou muito atenção, em relação aos americanos, o quanto eles falam muito de comunidade, mas o quanto eles pensam no indivíduo, só na pessoa e nas pessoas humanas encarnadas.

Não adianta ficar falando de comunidade, se essa comunidade não for de todos os seres. Eu aprendi um pouco mais sobre isso aqui hoje. A comunidade tem que ser de todos os seres. E comunidade, como eu tenho visto aqui por estes dias, não é um ajuntamento

de pessoa, comunidade é uma harmonia que trabalha junto. Ainda que haja muita força nas comunidades indígenas, ainda há muitos problemas do campo da saúde mental. Sabemos disto, apesar de em muitos momentos ser complicado falar sobre esse assunto sem trazer uma certa fragilidade, mas ao mesmo tempo existe a necessidade de se atuar para trazer um cuidado. Temos notícias, por exemplo, de pessoas que tiram sua própria vida, de problemas com substâncias psicoativas, principalmente o álcool, então é preciso encarar como é que isto pode ser resolvido. Na minha opinião, o primeiro passo de cuidado seria que os brancos não atrapalhassem, porque eu entendo, mesmo eu sendo psiquiatra e tendo sido treinado na Medicina para cuidar de problemas mentais, que esses são problemas sociais que se apresentam na forma de problemas mentais, e que foram criados pela própria colonização. Que solução a psiquiatria propõe para essa questão? Nenhuma. Não é a psiquiatria que sabe como resolver esse problema, ela tem que apoiar o que as comunidades trouxerem para resolver.

Quando digo que a solução da psiquiatria é "nenhuma", é no sentido de dizer para e pelos indígenas o que tem que ser feito, mas de escutar e dar suporte ao que as diversas comunidades e povos indígenas entenderem que precisa ser feito. Há o exemplo de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, que acabou de ser mencionado pela Angélica. O kumu, curador tradicional, está integrado ao Sistema Único de Saúde para auxiliar nesse processo. Recentemente foi iniciado um trabalho para estabelecer na Unicamp um ambulatório de saúde indígena. Atualmente temos muitos estudantes indígenas na Unicamp, por conta das cotas étnicas. Eles têm se queixado de que o cuidado que eles têm recebido, quando têm diversos problemas de saúde, inclusive de saúde mental, não está adequado.

Com apoio do Ministério da Saúde foi elaborada uma proposta de um ambulatório indígena. Não dá para nós fazermos esse ambulatório, se não forem incorporadas as tecnologias dos especialistas indígenas nesse contexto. E mais, mesmo não seja uma decisão que caiba a mim, eu trago para as comunidades indígenas uma pergunta: por que não pensar nas tecnologias indígenas de cura sendo trazidas para o SUS para cuidar também dos não indígenas? Afinal de contas, se tem reiki, se tem ayurveda, se tem acupuntura, que são tecnologias de cura não biomédicas de outros países, cabe saber se as comunidades indígenas querem fazer isso ou não. Eu apenas acho que é uma coisa para se pensar.

Para finalizar, também é muito importante pensarmos em garantir a segurança do ir e vir dos indígenas que trabalham com a Jurema. Devido à proibição legal da DMT (dimetiltriptamina), há curadores indígenas que estão sujeitos a serem presos ao levar a sua medicina, a sua ciência. Isto é uma coisa que já está razoavelmente resolvida no caso da ayahuasca, para as religiões ayahuasqueiras. Não está resolvido para as populações indígenas ayahuasqueiras e muito menos para as populações indígenas ligadas à Jurema. Eu entendo que existe uma possibilidade, no momento atual, de aproximação com o Conselho Nacional de Política sobre Drogas (CONAD). O nome "droga" é complicado para muitas pessoas das plantas de poder, mas foi o CONAD que garantiu o uso ritual da ayahuasca. Com uma resolução, ele poderia também trazer um pouco mais de segurança para o transporte da Jurema e para uso indígena e ritualístico.

Eu tive uma conversa com a Dayara Tukano que ilustra a situação. Os Tukano tomam ayahuasca, eles a chamam de kahpi, e para que ela pudesse transportar e beber ayahuasca em Brasília, ela teve que fundar uma igreja ayahuasqueira, teve que ir lá registrar um CNPJ de igreja da ayahuasca. Isso é um absurdo, isso

não tem menor sentido, isso precisa mudar. Nós já estamos aqui num ponto de discussão que não é a pessoa jurídica, o CNPJ, mas o reconhecimento como pessoa, dentro das instâncias oficiais brasileiras, da Jurema ou de um rio. Não seria o CNPJ, e sim o CNPE, um "cadastro nacional de pessoa espiritual". Enfim, isso é, de uma forma rápida, o que eu tenho pensado sobre o assunto. Eu também queria ouvir o pensamento de vocês. Mais uma vez eu agradeço a presença e a escuta de vocês.

PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E BEM VIVER

EDNALDO XUKURU

Eu vou ficar de pé, embora as pernas estejam trêmulas. Como todo mundo fez, quero também pedir licença aos ancestrais do povo Truká por estar pisando este solo. Quero saudar os caciques Neguinho, o cacique Yssô e os demais caciques aqui presentes. Eu sou Ednaldo, do povo Xukuru-Ororubá, estamos aqui com a presença de dona Zenilda Xukuru. Desde criança eu venho acompanhando o movimento de luta pela demarcação do território Xukuru-Ororubá, ainda na época do cacique Chicão. Acompanhei muito essa trajetória no início dos anos 1990, ainda muito jovem, muito tímido. Dona Zenilda sempre fala que eu não costumava falar em público. Foi um desafio imenso na minha vida, falar coisas em público. Bom, comecei a minha trajetória no movimento indígena Xukuru na época. Com a implementação dos DSEIs (Distritos Sanitários Indígenas), eu passei a atuar na função de agente indígena de saúde no território Xukuru, e foi lá a minha grande escola no Conselho Indígena de Saúde e no Conselho de Lideranças, onde eu era muitas vezes responsável por escrever a ata das reuniões de lideranças que aconteciam na

escolinha indígena da aldeia São José. Esta foi a minha principal escola. Depois de algum tempo, já olhando para as necessidades do território, especificamente as problemáticas psicossociais, como resquícios da invasão do processo colonial e do quanto isso foi marcante na nossa identidade como indígenas do Nordeste, eu me interessei em fazer psicologia. Tive que deixar o meu território e ir estudar psicologia na região Sudeste, pois foi onde surgiu uma oportunidade. Eu sou do primeiro vestibular indígena da Universidade Federal de São Carlos, no interior de São Paulo. Ao chegar lá, tive uma grande decepção e frustração com a psicologia, considerando que a psicologia é importada da Europa e dos Estados Unidos, com toda uma base teórica que nada tem a ver com os povos da América Latina e muito menos com os povos indígenas. Ela nunca olhou com profundidade para as questões sociais do país e dos problemas que o nosso país historicamente enfrentou. Foi preciso começar a abrir caminhos na psicologia, num curso que, além dos referenciais serem todos importado da Europa, havia uma linha de psicologia voltada para a análise do comportamento, que também em nada tem a ver com o cuidado dos povos tradicionais e principalmente dos povos indígenas. Neste contexto eu tive que me reinventar neste lugar.

Eu lembro que surgiu um Grupo de Trabalho (GT) de psicologia no Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo, que discutia psicologia e questões indígenas, a partir da leitura da antropologia de olhares para as questões mais da antropologia que da psicologia. Na época, não tínhamos muitos indígenas psicólogos que pudessem dialogar sobre as questões indígenas. Eu cheguei como estudante indígena em busca de algum lugar que pudesse me sentir pertencente na própria psicologia. O GT me ajudou bastante a pensar também que caminho eu iria trilhar com minha formação e fazer sentido

para que essa formação de alguma forma servisse para dialogar com os problemas que impactam os territórios indígenas. Me vi diante de uma dificuldade enorme e desafios para construir esse lugar, esse espaço de diálogo. Mas fui trilhando justamente esse caminho dentro de uma psicologia que ainda não nos representa, porém construindo um diálogo com as questões indígenas. Poucas professoras se interessavam pelas questões indígenas, mesmo assim uma delas orientou o meu trabalho de conclusão de curso que foi sobre a saúde mental dos povos indígenas.

Procurei na época pesquisar o DSEI Pernambuco sobre o que se estava fazendo ou se oferecia como política de cuidado à população indígena do estado, considerando a implementação dos DSEIs. Desde a chegada destes equipamentos nos territórios, a implementação e a incorporação de médicos nas equipes multidisciplinares de saúde indígena. Com a chegada de médicos ao território, estes começaram a prescrever muitos medicamentos psicotrópicos, para ansiedade e depressão principalmente. A nossa região, a região Nordeste, quando eu fiz uma análise no início deste ano de 2025, foi uma das regiões que mais consome medicamentos psicotrópicos em nosso país.

Por isso é importante falar da Jurema e de sistemas e tecnologias das medicinas indígenas. A Jurema pode auxiliar no cuidado, ela pode ser a cuidadora principal, desde que nós possamos nos abrir para isso. Mas é claro que as questões psicossociais, como o Tófoli falou, é um problema social, não é um problema de saúde mental. Mas o que é mais habitual é medicar problemas sociais. Precisamos olhar para isso, olhar para estas questões. Atualmente, junto com outros colegas coordenamos a Atenção Psicossocial e Promoção do Bem Viver Indígena, na Secretaria de Saúde Indígena no Ministério da Saúde. Esta área não chega a ser um programa, é uma área técnica que está dentro da Secretaria

de Saúde Indígena e que tem uma representatividade dessa área técnica, a nível nacional e a nível regional nos DSEIs, que também pautam e dialogam sobre um cuidado mais próximo do território, com as Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena (EMSI) e com equipes do Núcleo Ampliadas de Saúde Indígena (NASI). Porque alguns territórios têm psicólogos, assistentes sociais e outras profissões que cuidam da atenção psicossocial, atuando no cotidiano e desenvolvendo estratégias alinhadas ao contexto intercultural. Pelo menos é a orientação que é passada a todos esses profissionais. Portanto, a primeira coisa que nós precisamos olhar no território é a história de vida dos povos indígenas e o contato destes com a sociedade em geral.

O quanto a violência colonial impactou na vida, no Bem Viver e na identidade dos povos. Cada um dos povos dos mais 300, cada um vive ou viveram realidade totalmente diferentes. É fundamental olhar para isso para poder pensar qualquer tipo de ação e atuação profissional nos contextos indígenas. Sobre a saúde mental/Bem Viver indígena, nós temos uma portaria antiga, de 2007, portaria esta que na época criou diretrizes para a construção de uma política integral à saúde mental aos povos indígenas. Esta portaria não foi colocada em prática, ela trazia diretrizes para atuação e criação do GT. Esse grupo de trabalho funcionou durante pouco tempo. O funcionamento do GT dependia de quem estava na gestão da SESAI, se estas pessoas tinham interesse ou não por essa pauta.Portanto, estamos falamos de uma pauta invisibilizada em todo o sistema de saúde e é preciso olhar para isto. Até recentemente, com a chegada da pandemia, nós éramos praticamente invisíveis no campo da saúde mental. Mas, com a pandemia, os problemas de saúde mental bateram à porta de todo mundo. Foi aí que começou uma preocupação maior com a problemática de saúde mental.

Em todas as sociedades houve um aumento dos agravos psicossociais. A pandemia escancarou problemas sociais graves, porém, na saúde indígena, temos questões muito específicas, marcadas pelo processo violento de invasão aos nossos territórios. Nós temos territórios com maiores índices de suicídio do mundo e isso é um genocídio aos povos indígenas.

Não podemos colocar a culpa na cultura, dizer que é cultural. É preciso olhar para a nossa história de contato e a violência que nos atravessou. Falamos do Mato Grosso do Sul, por ter uma maior taxa de suicídio, o que acontece lá é uma violência sem precedentes. Um estado rico, considerado como o estado do agronegócio e a exclusão é tão violenta que, mesmo com tanta riqueza, em seu modelo de exploração, não cabem os povos indígenas nestes lugares. Em nome do progresso e do desenvolvimento, passa-se o trator também em cima dos povos indígenas, esta é uma realidade. Jogam veneno em cima das pessoas, casas e dos animais, também ainda é uma realidade. Não os aceitam nas cidades. Mesmo que eles tenham algum dinheiro para comprar no mercado, tem mercados que não permitem que indígenas entrem no estabelecimento. Não querem a presença dessas pessoas. Eu vou frequentemente ao Mato Grosso do Sul por causa desta pauta de violências aos povos indígenas, da última vez me senti perseguido dentro de um estabelecimento comercial. É uma realidade cruel que os povos indígenas de Mato Grosso do Sul vivenciam diariamente.

Então, como não se matar neste cenário? Existe uma ausência das políticas públicas de modo geral nestes territórios. Às vezes, em alguns destes territórios, tem a escola como política pública educacional e a SESAI tem muita dificuldade de acesso, o que agrava a possibilidade de promover a saúde dentro desses territórios. Então, precisamos olhar com muito cuidado para as

questões que são do próprio povo, modos de vida e a preservação da cultura. Porque a destruição dessa conexão com o sagrado tem nos levado a muitos conflitos e rupturas. O cuidado, a saúde mental da pessoa indígena começa na gestação. Vários rituais se dão desde a gestação até a pessoa fazer a passagem dela já na vida adulta, e depois até o final do ciclo da vida.

Esses rituais, quando deixam de ser realizados, têm sérias consequências e sérios agravos à saúde, ou àquilo que nós chamamos de saúde mental fora dos territórios. Os sintomas em contextos indígenas são muito diferentes dos conceitos clássicos da clínica psicológica da cidade e da psiquiatria. É preciso compreender melhor como os povos indígenas classificam esses processos de adoecimento, qual é a lógica de saúde e doença para esses povos e como eles lidam com isto. E uma coisa é certa, não vamos ser nós psicólogos, médicos ou o profissional de saúde de qualquer especialidade que vai resolver isso no território. Precisamos passar por uma escola de formação para sermos facilitadores em algum momento desses processos de cuidado, respeitando principalmente aquilo que é essencial para o povo, que são suas próprias tecnologias de cuidado em saúde.

Claro que dentro de um desafio enorme, porque estamos discutindo aqui as ciências dos povos indígenas e ciências acadêmicas, e, é evidente o abismo que existe ainda entre um e outro. É um abismo muito grande, e ainda não sabemos como construir uma ponte de diálogo entre esses dois sistemas, sem que um não destrua o outro, mas que um contribua com o fortalecimento do outro. Promover saúde conjuntamente é uma coisa muito difícil, até para nós indígenas e profissionais do subsistema de saúde indígena, nós trabalhamos durante muitos anos. Eu trabalhei aqui em Pernambuco com a lógica de matriciamento de equipes multiprofissionais. Volta e meia nós

víamos um profissional se trancando na sala e dizendo: "Não, eu quero atender meus pacientes, eu não quero compartilhar desse saber, desse conhecimento". Então, há barreiras até entre nós. Muitos ainda dizem: "Ah, o meu conhecimento é melhor porque eu passei pela universidade. O conhecimento técnico e científico, eu não abro mão disso". Então, esse diálogo fica totalmente rompido. Precisamos nos despir. Na assistência da psicologia sempre orientamos os nossos profissionais dizendo: "Guarde na sua malinha o seu conhecimento psicológico. Você não vai jogar fora, mas entenda o que as pessoas lá do outro lado conhecem sobre tecnologias de psicologia, não vai ter esse nome [psicologia] para elas, mas são tecnologias de cuidado integral. A saúde delas não é partida, não se parte o cuidado em saúde no contexto indígena, porque são tecnologias integrais".

Com isto queremos dizer por exemplo que, se a pessoa tem uma dor no joelho, o nosso pajé vai fazer um cuidado integral à pessoa, ele vai cuidar de todo um sistema, ele vai criar um sistema de proteção para a pessoa. A dor no joelho é só um ponto específico, onde a energia "talvez ruim" se concentrou e está causando um problema. Mas, é a integralidade da pessoa que precisa ser cuidada. E, muitas vezes, o território inteiro onde esta pessoa mora precisa também ser cuidado. Então, ao entrar em um território indígena precisamos olhar e escutar estas questões.

Precisamos nos fortalecer nos territórios com aquilo que é sagrado para o povo. Diariamente nos territórios, valorizar aquilo que é sagrado. A proteção dos saberes — nossos conhecimentos ancestrais — é sagrado para nós. Entre estes saberes está a Jurema, que é sagrada para todos os povos indígenas do Nordeste. A Jurema é medicinal, porque uma Jurema pode cuidar do mal-estar social, mental ou físico como a gente queira chamar. Nós temos este "remédio" em frente à nossa casa, precisamos proteger

e cuidar dela sem encapsular essa Jurema, transformando-a em mais um insumo médico. Porque a Jurema é muito mais eficaz livre em nosso território, sendo vivida como sempre foi vivida, sendo utilizada como sempre foi utilizada. Pensar medicinas indígenas não é criar laboratórios, fazer cápsulas, é proteger os sistemas que estão conectados com a espiritualidade de cada detentor de conhecimento tradicional, porque são eles que têm esse conhecimento, são eles que cuidam da proteção e são eles os especialistas. Não cabe a nós colocar em laboratórios aquilo que em liberdade sempre cuidou de nós, sem a necessidade de ser uma cápsula.

Encapsular a Jurema seria mais uma vez repetir uma história de tantos outros encapsulamentos feitos de outras de nossas plantas medicinais, e que hoje são vendidas por preços muitas vezes inacessíveis. A maioria da população de baixa renda, que tem necessidade de fazer tratamento de saúde mental, não tem condições de fazer esses tratamentos medicamentosos, porque eles são muito caros. Na saúde pública, adotamos um elenco de medicamentos, para atenção primária à saúde por exemplo, de modo geral, considerando a enorme oferta de medicamentos na atualidade, adotamos um elenco reduzido destes.

Observamos na saúde indígena que a maioria das pessoas passam a utilizar estes medicamentos e não conseguem uma evolução boa de seu quadro de saúde mental, vemos muitas vezes as pessoas se enchendo de remédios, mas diariamente só piorando. Precisamos fortalecer, potencializar e trazer de volta o cuidado dos especialistas indígenas. Psicólogos e outros profissionais de saúde precisam dialogar o tempo todo com os pajés, os especialistas das medicinas indígenas. Mas isto acontece? Não. Nós profissionais muitas vezes vamos ao território, chegando lá tem uma fila de pessoas para atender, após

atender esta fila o profissional já vai embora. Não faz parte do itinerário das equipes de saúde fazer visitas ao pajé para dialogar com o responsável no território pelo cuidado (chancelado pelo seu próprio povo), conversar com o pajé, compartilhar casos, ouvir sua opinião, pactuar cuidados, compreender como o pajé cuida ou como ele compreende processos de adoecimentos, porque muitas vezes nem são considerados por eles como adoecimentos, mas como questões da própria cultura, do próprio desenvolvimento espiritual da pessoa.

E muitas vezes esta pessoa em questão não recebeu um cuidado necessário de sua tradição, não procurou seus especialistas e desenvolveu sintomas que vão ser diagnosticados pela psicologia, pela psiquiatria, como doença mental. A atenção psicossocial e promoção do Bem Viver indígena, ou na saúde mental como a denominamos na sociedade geral, necessita da integração com as nossas medicinas indígenas. Não haverá avanço, se não for feito este trabalho conectado com os nossos especialistas indígenas com as equipes de saúde. Precisamos construir em cada território com os especialistas locais de suas medicinas indígenas. Atualmente, na Secretaria de Saúde Indígena SESAI, estamos pautando novamente uma política para a atenção psicossocial e promoção do Bem Viver. Chamamos Bem Viver, porque ao colocar o Bem Viver dentro de uma política no sistema de saúde, nós queremos deixar realmente afirmado aquilo que é essencial, que é a conexão desse Bem Viver com a espiritualidade. Uma política de Bem Viver transcende sua associação com a ausência de elementos físicos, ou seja, falta água, falta alimento, falta espaços de lazer estas coisas é que são o Bem Viver? Não. Por mais necessários que sejam estes elementos materiais na composição do Bem Viver, nós sabemos que para Bem Viver é necessário estar integrado com as suas conexões espirituais. Por exemplo,

os espaços sagrados precisam ser preservados, é o que diz o Bem Viver de uma comunidade, de um povo indígena. Neste sentido, o que chamamos de Bem Viver está muito longe das ações da atenção psicossociais dos povos indígenas, porque ainda há uma dificuldade de entender o conceito de Bem Viver que cada povo vai traduzir de uma forma diferente, singular.Do ponto de vista prático, cheguei na SESAI há cerca de um ano, e já estava em andamento um Grupo de Trabalho (GT), que dialogava sobre a atualização da portaria que instituía diretrizes para a criação de uma política de saúde mental para os povos indígenas, chamada de saúde mental na época.

Nós retomamos o GT para a portaria e propomos a criação de GT interministerial. Por quê? Porque nós convivemos com os determinantes e condicionantes sociais que agravam o Bem Viver dos povos indígenas. Então, não dá para você criar uma política assistencialista de cuidados a nível dos determinantes biológicos. Uma política que vai tentar medicalizar cada vez mais sintomas. É preciso que você crie uma política que combata os determinantes sociais. E quais são estes determinantes sociais que encontramos no dia a dia? A invasão aos territórios dos povos indígenas e todo o impacto de repercussões negativas, como a falta de acesso à água. Em estados da união muito ricos, nós encontramos crianças pegando água em poças de lama, águas da chuva. Quando há chuva nestas localidades e formam poças de lama, as crianças indígenas bebem essa água. Isso é um fato recente. Existem ataques à indígenas, parentes são capturados, têm suas cabeças arrancadas e colocadas numa estaca, como se fazia em uma época medieval. Mas isto também se trata de situações atuais que não aparecem na mídia, não é mostrado, não se reconhece e não se fala sobre isso. O que se configura na estatística epidemiológica de suicídios de pessoas indígenas, nós

também podemos interpretar como homicídios, chacinas. É um genocídio e por isto precisamos realmente criar uma política muito séria. Eu disse várias vezes na SESAI e em vários outros lugares onde tenho a oportunidade de falar: eu não estou na SESAI para contar número de mortos por suicídio. Ou nós pensamos conjuntamente com as lideranças e o movimento indígena uma política séria de enfrentamento dos agravos psicossociais, ou não faz sentido para mim. Precisa ser uma responsabilidade de todos nós. É muito sofrido ouvir mães que perderam crianças no suicídio. Jovens de 14, 15, 16 anos de idade. Muitas destas mães não perderam só um filho, perderam também sobrinhos. É profundamente doloroso chegar em escolas indígenas e ouvir das professoras: "A gente precisa de ajuda, não sabemos mais o que fazer, são muitas mortes".

Precisamos assumir com responsabilidade essa pauta que ainda vive no campo da invisibilidade. Mas nós todo dia estamos gritando para dar visibilidade a esta pauta. Ontem, dia 22 de maio, teve uma primeira reunião da retomada de uma agenda da Comissão Parlamentar de Saúde Mental. Esta comissão manifestou o interesse de pautar a atenção psicossocial aos povos indígenas, pensar junto ao Congresso Nacional uma política intersetorial. Precisamos do apoio de todo mundo aqui para que isso realmente se efetive como uma política pública. É isso. Muito obrigado pela oportunidade, pelo espaço e vamos dialogar mais.

A JUREMA DÁ CIÊNCIA COM SEU CUIDADO

PAJÉ DÃO TRUKÁ

Boa tarde. Mas eu não vou no costume de vocês, eu vou no meu. Louvado seja nosso Jesus Cristo! Essa aqui era a língua do meu povo. Antes de eu falar da minha Jurema, eu vou pedir desculpa a vocês. Eu não estudei. Eu estudei beber água de Jurema. Ir para a professora eu nunca fui. O que eu aprendi foi com a força da Jurema, é isso um pouco que eu vou falar. Mas eu vou logo saudar ela primeiro. Louvado seja Jesus Cristo! Viva a Jurema Sagrada e encantada! Viva os encantados de luz! Viva a luz que mais alumia!

Chega, Jurema,
Tu me dá tua ciência.
Chega, Jurema,
Tu me dá tua ciência.
Tua experiência
Não há quem possa pegar.
Tua experiência
Não há quem possa pegar.
Chega, Jurema,
Tu me dá tua ciência.
Chega, Jurema,
Tu me dá tua ciência.
Tua experiência
Não há quem possa pegar.
Tua experiência
Não há quem possa pegar.

Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo! Na Jurema Sagrada, ela diz que o Naê é: "Vamos trabalhar para nós vencer". É o ensinamento que a Jurema Sagrada nos dá. Ela torna a dizer: "Quem tem o prego e o martelo não dá a cabeça para os outros bater". Quando o meu povo estava doente, nós fazíamos a mesa oculta, a ciência no chão da oca para pedir força à Jurema Sagrada, para a Jurema Sagrada mostrar o caminho da luz, do que precisa resolver. A Jurema Sagrada, quando assentava, ela dizia: "Vai arrancar a Jurema daquele pau que é nascido da terra". Nós chegávamos lá no pau, lavava e pisava a raiz da Jurema e voltava para a terra de novo, íamos para o alguidar, também chamávamos de aribé de barro. Do alguidar, se fazia a oração, consagrava a Jurema e se tornava ao vinho. Quando tomávamos o vinho, ela chamava a cura. Quando a cura batia em nossa barriga, era o remédio. O remédio se tornava o alimento de sabedoria. Sabedoria para trazer a ciência. Aí ela dizia:

A Jurema de caboclo
Ela é doce que só mel.
Quem não sabe beber ela
Ela amarga que só fel.
Quem não sabe beber ela,
Ela amarga que só fel.
É assim! Se não souber beber,
Ela amarga que nem fel.

A Jurema dá a ciência. Todo mundo pode dizer: "Eu tenho a ciência". Mas a Jurema traz para o seu escolhido. Aquilo que ela dá, está dado, ninguém toma. Quando nós fazíamos o trabalho oculto, não era para todo mundo, era oculto. Quando tinha um doente que precisava tomar o remédio, podia ser mental, "da

cabeça", perturbação, o povo que era mais velho, não fazia esta distinção. Se dizia: "Tá louco, tá maluco".

Mas o encanto na força da Jurema, quando sentava na ciência oculta e cruzava a pessoa antes do dia descer de luz, a Jurema mostrava. Formava o Cruzeiro e a Jurema mostrava o passarinho voando dentro da Jurema, se via a chegação de luz, que faltava à pessoa, mesmo que ela não visse nada. Quando o encanto chegava, dizia o seguimento de trabalho que ia fazer com aquela pessoa que estava doente. Ele dizia: "Vai na Caatinga, pega a erva tal". O encanto dizia a erva que estava preciso e orientava: "Arranca, faz o banho ou faz o chá ou faz a mesinha".

Nós chamávamos o guia de bom irmão e dizíamos: "Bom irmão, eu não posso dormir". Ele então respondia: "Vai na natureza, vai buscar mulungu, arranca, faz o chá, você vai dormir". E as pessoas ficavam boas, mas só se acreditasse e seguisse as orientações. Por isso que eu digo que a Jurema para nós é muito importante. Não temos nada sem a Jurema. No terreiro, na nossa dança, no toré, tem de ter a Jurema. Se não tiver Jurema, não brinca. Na mesa de oração, tem de ter a Jurema. Se não tiver, não tem o nosso culto. O nosso culto é muito maravilhoso. Nós temos muitas bênçãos da Jurema. Eu fico triste quando vejo o povo querendo arrancar a floresta, acabando com a mãe terra. Gente, a Jurema dá o saber, só basta a pessoa querer. A Jurema tem ciência. A Jurema é importante para quem tem a Jurema na mão. Todos podem ter. Agora seu segredo é redobrado. Os encantos que vêm da Jurema conhecem todos nós, um por um. A minha avó era parteira e fazia a ciência, fazia o trabalho na quarta e no sábado, que é o nosso regime. Uma tia minha que chama Maria Ribeira disse: "Pedro, tu vai na casa de Maria Ciriaca, vai saber se o trabalho é quarta ou é sábado". Então, Pedro saiu na Caatinga, dentro da floresta, atravessando de um rio a outro, do rio pequeno para o

rio grande. Quando ele chegou num pé de juazeiro junto a alguns pés de pereira, tinha também alguns umbuzeiro, ele escutou uma voz que cortou língua — eu também não sei falar língua. A voz disse: "Ara pithcê, ara pitchê, ara patchá." Ele se assustou, se arrepiou todo. Saiu com medo que os pés não ia pisando no chão, foi todo nervoso. Quando chegou na casa de Dona Ciriaca, disse: "Dona Maria Ciriaca, minha madrinha, eu passei ali num pé de pau, uma voz falou". Foi quando ela cortou língua e fez: "Biri, biri, biri, biri". Depois Dona Ciriaca explicou que a voz disse: "Quem é que vai passando aí?", aí o outro encanto disse: "É Pedro Liberto". Para ver que eles têm o saber. Minha avó também contou a ele: "Não, Pedro, isso aí é seu povo. O seu povo que tava procurando para onde é que você ia, quem era aquele. Volte para trás que eu vou fazer a mesa de oração quarta e você não vai ver mais nada".

Eu vou dizer a vocês, eu converso com meus encantos todos os dias porque eu creio. Eu tenho inveja, sim, se eu disser que não tenho, Deus tá vendo, de quem sabe ler. Eu nunca estudei, mas o pouco que eu sei, eu agradeço à Jurema Sagrada. A Jurema Sagrada diz: "Gente, vamos se unir". Ela diz assim: "Vamos se unir para nós vencer". Os índios todos são irmão. Os índios são irmãos. Muitas curas eu vi dentro da minha aldeia pela Jurema Sagrada.

Eu não vou dizer a vocês que nós não precisamos do médico branco, porque precisa. Os encantos mesmos diziam, quando não era para a Jurema tratar, diziam: "Leva pro médico, que isso daí é coisa de médico, não é da Jurema". Mas tudo nós temos. A nossa cura é com a Jurema Sagrada. Era de pessoas novas até os mais velho. Sempre com respeito. Respeita o seu, que eu respeito o meu, como eu respeito a Jurema Sagrada. Para mim a Jurema é tudo. Sem Jurema não sou nada. Vamos preservar a Jurema, vamos preservar a natureza, a Mãe Terra. Nós temos que guardá-la, porque nós temos esse alimento. Sem eles nós não somos nada.

Eu digo todo dia e jamais eu vou deixar de esquecer: Se eu morrer no toré ou na mesa de oração, ninguém venha dizendo nada, eu morro feliz! Quando eu morrer quero o meu caixão na frente e o povo cantando atrás, no meu ritual de toré, assim eu fico satisfeito. Eu digo a todo mundo, a todos os jovem: "Vamos se lembrar de Deus! Vamos se lembrar da Jurema Sagrada que ela mesmo diz", ela diz. Eu acho tão bonito quando o céu está estrelado e mesmo assim, mas Deus Oxalá no céu do filho que adora sua mãe. E mesmo assim, mas Deus Oxalá lá no céu do filho que adora sua mãe. Nós temos o remédio dentro da nossa aldeia. Na nossa aldeia tem rainha e tem reis. Nós temos o doutor, um mestre que chama João Cura. Só basta o quê? Ter fé. Quando estamos sentado na mesa da ciência que eu digo oculta, todos bebem a Jurema. Quando chegam os guias de luz, só bebe aquele que louva o nome de Deus. Se ele não chegar e não dizer: "Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo", para o povo responder: "Para sempre seja louvado", ele não bebe nada. É isso. Nós não damos.

Minha avó não dava. Se ele louvar a Jurema, a gente dá o que beber. Se ele não falar, não dá. Se ele não louvou o nome de Deus, ele pode ser um impostor. Por isso que o nosso trabalho é especializado. Minha avó não gostava de pessoa branca no meio do nosso ritual, porque elas queriam escutar depois fazer uma maldade. De gente ruim nem Deus escapou, pior é nós. Tudo nós temos aviso. O encanto diz: "Nunca dê o que é seu e nunca queira nada de ninguém, mais vale 50 do pouco que eu sei do que o nada". Eu agradeço a Deus o pouco que eu tenho. Se eu sei suspirar, se eu sei falar, eu não sei ler, mas eu aprendi um pouquinho na minha Jurema Sagrada. O que eu digo a vocês todos, acreditem no que vocês têm, todos nós temos a força da natureza. Todos nós temos luz. A Jurema é muito importante. Eu sei que não é só para os Truká. Cada caboclo cultua de um

jeito. Quando na nossa tribo nós cultuávamos, na época de minha avó, criança não ia. E eu sigo estas orientações. Quando chega criança, eu não gosto, porque minha avó sempre dizia: "Se o encanto pegar a criança, dá trabalho para soltar". Também não é bom ter gente que vai para escutar e conversar demais. Nós chamamos isto como "o particular da ciência". Antigamente, no dia do trabalho, o povo saía chamando, conversavam entre si e iam escondido. Nesse tempo eu vi muito minha avó contar que não tinha luz de nada, não tinha lanterna ou celular, eles iam no escuro. E quem clareava a mata eram os encantos. Quando digo isto, muitas pessoas podem dizer: "O pajé está mentindo". Mas não, minha mãe e meu pai não eram de mentira. Eles iam caminhando com todo mundo por uma trilha na Caatinga e as luzes iam acendendo. Se à frente tivesse um buraco, uma cobra, algum perigo, esta luz rodeava. O povo seguia a luz porque tinha exemplo. Tudo que a luz fazia chegava no toré.

Gente, aqui está Neguinho e Yssô que também sabem destas histórias. Os brancos botavam os capangas para ir matar os índios na hora do ritual. Tinha um deles que chamava Pereira, não gosto nem de falar o nome desse homem. Pois ele mandava os capangas irem nos matar. O povo estava no ritual dançando sua ciência e a Jurema dizia: "Dance com fé em Deus". Todo mundo dançava e cantava mesmo, pisava no pé. Quando os capangas armados chegavam bem pertinho do lugar que estávamos dançando, uma voz vinha cantando de longe, e despistava eles para outra direção. Passava a noite, mas nunca chegavam perto dos índios. Por que não chegavam? Porque nós tínhamos proteção divina. A Jurema era sagrada. Todo o meu povo sabe dessa história e eu confio na Jurema. Se a Jurema disser: "Você, vai passar o rio", eu passo que eu não tenho medo de sombra ruim. A Jurema sempre diz uma coisa que eu acho tão bonito. Ela diz: "Ô, valei-me, Nossa

Senhora, ao ponto do rei Salomão. Valei-me, Nossa Senhora, ao ponto do rei Salomão. Eu levando à direita, não tem brabo que não amansa, nem tem duro que não amoleça. Não tem brabo que não amansa, não tem duro que não amoleça. Ofereço esta oração à virgem da Conceição, senhora rainha das matas, o mestre rei Salomão". A rainha das matas é a nossa mestre da mata. É uma menina encantada. Já pensou se nós arrancarmos os pé de Jurema tudinho? Que graça nós vamos ter? O que nós vamos beber? Eu fui num ritual de uma mulher que queria mangar dos índios Truká. Eu fiquei triste e não pude dizer nada. Mas ela disse que os Truká não têm mais encanto. Quando ela disse assim, eu fiquei olhando para a cara dela e aí o mestre Manuel Da Hora disse ligeiro. "Você já saiu de sua casa?", ela respondeu: "Não". Então ele falou: "Pois pronto, eles estão lá sim, onde é o lugar deles". Eu digo: "Ah, coisa boa demais. Antes de eu não falar, o mestre falou por mim!".

Eu achei muito bonito a forma como Manoel da Hora respondeu. Por isso eu digo a vocês, a Jurema é muito importante. É como eu disse, se não souber beber ela, não vai aprender nunca, porque a ciência dela dá tudo. Mas dizer assim a vocês que tem um estudo. Cada pessoa, você tem 10 irmãos, tem um que você vai gostar mais. Quando veio da aldeia Truká, eu gosto só, se eu for falar, eu entro na tarde e entro na manhã. Quando fala na aldeia, é comigo. O encanto veio no pé de pau e disse para nosso antepassado: "Assilon, tu que vai tomar conta dessa aldeia com esse povo". Assilon ficou assustado com o tamanho do compromisso e disse aos encantos: "Vai dar à Pedro, meu irmão mais velho". Mas os encantos disseram: "A Pedro eu não dou, Pedro é gaiato". Pronto. O meu pai dizia: "O que você viu, deixou". Pronto. A Jurema é minha professora e minha mãe. O que eu conversar com qualquer um de vocês, a Jurema sabe, mas eu não digo para mais ninguém. Pode querer pagar o que tanto que for

de dinheiro que não adianta, porque é o segredo, o segredo dela, não pertence a ninguém. O saber da Jurema ela dá para quem quiser pegar e merecer. Não vá dizer: "Ah, porque eu posso, eu sei, eu tomo a Jurema, ela vai me dar o segredo". A Jurema só dá se você merecer. Eu sou o pajé, mas não posso dizer: "Eu vou fazer essa cura", se a Jurema disser: "Você não vai fazer não". Só vai ser feito uma coisa quando a Jurema quer. Eu não entro em uma casa, se ela dizer assim: "Pajé, você não entra lá". Eu me aquieto, porque eu não sou menino. Se eu não sei de nada, o que eu vou fazer? Se eu ver uma coisa que dê para me ajudar, eu sei, não carece nem eu consultar a Jurema — isto ela já me ensinou. Eu chego perto da pessoa que precisa de ajuda, eu sinto a energia dela e se já não deu, para mim, pronto, acabou. É o ensinamento. Ela diz: "Quem bebe a mim vai ter sabedoria". A sabedoria quem dá é Deus. Depois de Deus, a Jurema Sagrada. Por isso eu digo a vocês que tenho fé na Jurema. Eu dou a vida pela Jurema. Eu cultuo a Jurema sempre. Eu acendo minhas luzes para Jurema e eu digo a vocês: não vamos deixar acabar os índios do mundo. Não vamos deixar destruir a floresta. Não vamos deixar acabar com a Jurema, que é vida.

Estes ensinamentos levam a Deus com respeito. De primeiro, a minha avó, que era parteira velha, quando ela adoecia, não carecia cantar linha de toré, nem fazer oração ou o culto de obrigação. Na hora que ela adoecia, botava dois dedos na boca e dava uma soprada tão grande e ela já estava juremada. Ali quando os encantos desciam nela em terra, a cura era certa. Os encantos diziam: "Faça isso, faça aquilo e faça o que eu mandar. Não vai fazer o que eu não mandei?". Se não fosse possível dos encantos curar, eles diziam: "Ó, leva para o homem branco. Aqui não tem nada espiritual, precisa do homem branco. Se não for para homem branco, você morre". Mas também diziam às vezes que, se deixar no homem branco, você podia morrer. Diziam: "Deixa para mim

que eu dou jeito. Vai fazer um ritual lá na Assunção velha". Se a pessoa seguisse as orientações, fizesse o ritual, o tanto que ele mandasse, a pessoa ficava boa. Eles diziam: "Vai para o alto do Boi, botar Jurema lá e assentar, fazer o culto sagrado". A pessoa ia fazer e ficava boa. Gente, tem muitas histórias para falar da aldeia, eu gosto tanto de caboclo que eu passo o dia todo contando. Uma outra história de minha avó foi quando ela estava varrendo o terreiro e pediu ajuda de umas mulheres, dizendo: "Vai no rio trazer aquela cabaça cheia d'água para eu aguar o terreiro e para botar nos potes para o povo beber à noite". Então, as mulheres desciam para o rio, quando chegavam lá enchiam a cabaça, mas quando ribava de volta para o terreiro e puxava a cabaça, nada de água! "Meu Deus, o que é isso?".

Três pessoas não ribavam uma cabaça, nenhum pote. Três. As mulher se assombravam e corria. Minha madrinha que era uma destas mulheres dizia: "As águas não deixam levar a água, nós não conseguimos pegar. Quando a gente enche e tá cheio, vira uma pedra. Quando nós viramos a água cai no chão". Que ciência é esta? Então minha avó disse, vá e converse com a Mãe D'água, diga a ela: "Senhora Mãe d'Água, a água é para o seu povo beber dela à noite na hora do ritual". Após pedir permissão uma das mulheres sozinha conseguia encher e botar a água na cabeça.

Hoje em dia quando falamos estas histórias, muitos dizem que estamos ficando maluco. Na boca dos brancos os feiticeiros e macumbeiros são safados. Eu sou da Jurema do centro. Vamos abrir o olho e não vamos dar nosso saber aos outros. As nossas índias velhas eram tão fiel à Jurema, que se no ritual cantassem outra linha que não agradasse à Jurema, elas pegavam o maracazinho e o cachimbo e diziam: "Essa linha não é da nossa". Até hoje as índias velhas da Jurema são muito importantes para curar doenças, para tudo. O que cura é a fé. Jesus dizia que, se a

pessoa beber copo d'água com fé, vem a cura. Tem coisa que precisa do médico, que o médico também é de Deus. Mas os encantados, será que não são de Deus? Os encantados são puros. É encantado, é da terra. Todo remédio vem da terra, da árvore. É isso que eu digo a vocês. Eu sei que agora como o povo não quer mais ter os seus segmentos, por isso que está hoje em dia todo mundo depressivo. Depressão, ansiedade. Lá mesmo, tem muita gente agora com isso e pedem: "Ô, pajé, passa o remédio." Eu passo, mas meu remédio são sete chás. Se acreditar, fica bom. Cansei de curar um bocado, mas eu digo, quem cura não sou eu, é Deus.

Eu não curo ninguém, nem eu mesmo. Eu vou dizer a vocês, eu peço perdão de novo, porque eu não sei falar bonito. Nós temos um segredo. Eu não sei se todas as aldeias têm, mas eu acho que sim. Quando a gente faz a Jurema, ela nos mostra um cruzeiro, uma cruz. Uma cruz bonita. Toda mesa, toda ciência, todo toré tem um cruzeiro. Quem vê, vê. Quem não vê que fique quieto. É o cruzeiro divino, meus caboclos. Este cruzeiro mandou dizer a vocês que, para o nosso povo, a Jurema é importante e eu vou ficar por aqui, senão eu converso demais. Mas antes disso eu vou tirar uma cantoria porque eu gosto. Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

A luz que mais alumeia é o anjo São Gabriel.
A luz que mais alumeia é o anjo São Gabriel.
Valei-me, meu Jesus. É o anjo São Rafael.
Valei-me, meu Jesus. É o anjo São Rafael.
A luz que mais alumeia é o anjo São Gabriel.
A luz que mais alumeia é o anjo São Gabriel.
Valei-me, meu Jesus. É o anjo São Rafael.
Valei-me, meu Jesus. É o anjo São Rafael.
Viva Deus!

Viva os nosso antepassado. Viva todos encantados de luz. E viva a nossa padroeira Rainha dos Anjos. E viva esse lugar que a gente tá, essa casa que seja abençoada com a força dos encantados de luz. E todos que entrar aqui, todos que morar aqui, todos que saia com a força da Jurema encantada, com a cura e seu poder na mão, Senhor Jesus. Ô meus encantados de luz, desce e permaneça no coração de cada um, que sejamos a pessoa melhor em cada dia. Quem veio com o coração mal, sai com o coração sorrindo de alegria, dizendo: "Eu vou voltar de novo nessa casa de oração". Assim seja, em nome da Jurema Sagrada. E viva o nosso capitão da aldeia. Viva o mestre Assilon. Viva o capitão Bernardino. Viva o Antônio Ciliro. Viva João Eduardo. E viva todos os caboclo da Mãe de Deus. E assim seja. Em nome da Jurema Sagrada, que Deus dê a força a todos e uma luz iluminada pelo divino Espírito Santo. E obrigado, pessoal.

POLÍTICA DE SAÚDE INDÍGENA

YSSÔ TRUKÁ

Agora é difícil, depois de tantas vozes, fazer uma fala, fazer uma ponte. Eu que sou ruim de construção, não vai ser fácil fazer uma ponte. Tudo que construímos aqui foi a força da Jurema Sagrada. Pedi a ela mais uma sabedoria. Tenho algumas questões e eu quero ver se eu consigo fechar elas. Primeiro, uma questão que eu discordo desde a criação da SESAI ou bem antes dela, desde a época do decreto federal 3.156, de 1999, que transfere as ações complementares de assistência à saúde indígena para o Ministério da Saúde, que é essa coisa de subsistema de saúde indígena. Sistema de saúde indígena é uma outra história. Então, a gente precisa partir do princípio de que o subsistema é um grito dos povos indígenas para aquelas ações que os diversos sistemas

de saúde indígena não conseguem ainda dar aquele resultado num tempo mais rápido. O subsistema é complementar aos diversos sistemas de saúde que têm os povos indígenas. Então é importante a gente tomar esse cuidado para não achar que o subsistema, esse SasiSUS (Subsistema de Atenção à Saúde Indígena) está vindo substituir o que é sagrado dos povos, porque nem de longe ele consegue suprir tais coisas.

A outra questão que me incomoda muito é que hoje nós temos, dentro dos territórios indígenas, em torno de 22 mil, quase 23 mil trabalhadores e trabalhadoras de saúde indígenas. E é muito raro você ver ou presenciar essas trabalhadoras e esses trabalhadores praticarem uma intermedicalidade. O que vemos é só alopatia, só aquela coisa venenosa na veia, no sangue dos parentes. Não se leva em consideração as questões culturais. Essas questões que Angélica trouxe do itinerário terapêutico é muito importante, mas isso não é uma realidade. Há uma resistência muito grande de pessoas, inclusive pessoas indígenas que vão para a academia e depreciam seus saberes ancestrais.

Meu avô sempre dizia: "Eu não quero meu povo na academia, que eles vão indígena e voltam branco". E em parte é verdade. Então, precisamos de fato pensar esse erro acadêmico, essa relutância do estado de achar que a assistência complementar de saúde voltada aos povos indígenas pode ser de qualquer forma. E não pode, porque os diversos sistemas de saúde indígena, são praticados dentro dos territórios, dentro dos terreiros sagrados, na beira do rio, debaixo de um pé de pau. E como é que ele é feito? É com defumador, é com chá, é com lambedor, é com a raiz. É feito com a sabedoria dos nossos mais velhos. Não é essa coisa acadêmica que vai lá e diz: "Olha, tem que fazer assim". Não faz. A outra questão é que essa forma de cuidado dos diversos sistemas, não é para cuidar única e exclusivamente do corpo.

Ele vai primeiro cuidar do espírito, da alma, que é para o corpo não adoecer. O SasiSUS deve avaliar as complexidades dos agravos ao corpo, e não enfiar remédio venenoso que adoece estas outras partes. Tem uma outra coisa que muito me mexe: é quando se fala de suicídio de indígenas. Tal indígena se suicidou. Qual de fato é a relação desse pensamento totalmente eurocêntrico com a vida dos povos indígenas? Como é que as pessoas vão começar a pensar na possibilidade do desviver da pessoa indígena, por conta justamente dessa cultura forçada, desse deslocamento forçado que se deu no processo colonial e continua em um curso perverso. Muitos dos nossos parentes saem do território para ir para a academia e nós perdemos eles. Eles não voltam mais. Essa roda de conversa é uma oportunidade que temos para levantar todo esses gargalos, levantar tudo isso e falar de forma muito simples.

A nossa mãe Jurema não é de propriedade nem dos povos indígenas, nem das comunidades de terreiro, nem de A e nem de B. E nem de C. Nem tampouco de quem faz pesquisa. Essa ciência, ela está aqui, esse elemento sagrado é para todos nós, para nos proteger, mas muitos dos nossos, muitas das pessoas dizem: "Isso aqui é meu. Essa pesquisa é minha, isso aqui foi eu que fiz". É só o eu, eu. Precisamos desta roda de conversa, trouxemos para cá pessoas certas para que possamos romper com esses muros e abismos, construir pontes de diálogo, de entendimento e de alinhamento, porque quem está precisando de proteção não é a Jurema Sagrada, somos nós. O que ela está dizendo é que, se não houver cuidado, a gente vai tomar um prejuízo muito grande. E começa pela mãe Jurema. É isso que ela está falando. É absurdo. Há pouco tempo atrás, aqui bem perto, do outro lado do rio, saiu 40 toneladas de Jurema para os Estados Unidos. E tem pessoas que aplaudem isso. Mas é danoso. Há pouco menos de 15 dias

saiu 25 toneladas para a Inglaterra. O Estado brasileiro fecha os olhos para isso. Então nós precisamos estar muito antenados com essas questões.

Daqui temos que sair com um documento de alerta. O Estado brasileiro está acabando com a ciência dos povos indígenas com esta ganância. Veja que, do norte do Maranhão até Porto Velho, no Acre, está sendo tudo desmatado por ganância financeira, por acúmulo de recurso. Recursos que amanhã, quando a nossa mãe natureza reagir, não vai dar para comprar a vida de ninguém, nem pagar para o cara sobreviver, para ser salvo. Vai todo mundo no arrastão. Esse momento é um momento que nós precisamos de fato pensar qual é o caminho que a gente vai dar a essa roda de conversa. Não é simplesmente, daqui um ano, fazer uma outra roda de conversa dessa. Temos que sair daqui com compromissos, com um fruto que acorde o Estado e acorde as pessoas que fazem uso da nossa mãe. Porque, se isso não acontecer, nós vamos morrer.

Uma outra coisa é a forma como o subsistema trata a saúde mental. Há um tempo atrás, teve um rapaz que era psiquiatra contratado pelo subsistema de saúde para cuidar do território Truká. Nesta época, nós estávamos com uns problemas na escola, e o psiquiatra chegou para atender um dos nossos curumins, depois quando finalizou seu atendimento nos disse: "Esse menino aí não tem doença não, ele tem safadeza". Eu disse a este psiquiatra que ele nunca mais pisasse aqui, porque isso, além de ser uma falta de respeito, rompe com o código de ética, fere a forma de organização de um povo e abusa de uma criança. Esse camarada deveria sair daqui direto para a cadeia. Nós vivemos situações muito graves. Eu fico pensando, preciso entender qual é a forma da saúde mental que está falando a psiquiatria. Esse é um outro ponto que precisamos nos aprofundar. Nós temos as questões espirituais, nossas questões da religiosidade indígena,

dos nossos terreiros, que muitos dos nossos são desobedientes e as forças encantadas dão um puxãozinho de orelha. Quando chega lá, o cara diz: "Tá doido". Sabe por que isso acontece? Porque o Brasil não está preparado para atuar dentro dos territórios, com o universo dos povos indígenas, com essa realidade que é a medicina indígena, com a forma de organização sociocultural, política, religiosa que vivem os povos indígenas.

O que está na Constituição é fachada. Nós estamos há quantos anos da Constituição e não foi resolvida a demarcação das terras indígenas? Nós temos agora o marco temporal. É uma série de absurdos, uma série de contradição. Estou trazendo essas questões aqui porque é muito sério o que a gente vive. As doenças que agravam a saúde dos povos indígenas estão relacionadas com o deslocamento forçado, a usurpação territorial, a negação de direito. Estas situações produzem doenças que o CID não consegue entender. O CID é Código Internacional de Doenças. Quebrante não tem CID. Tem? Vento caído, feitiço, tropicão, espinhela caída, peito aberto. Mas aí tem uns médicos infelizes que chegam lá no território e dizem: "Você tá sei lá com quê" e passa um remédio que não tem nada a ver.

Aí os nossos pajés, as nossas meizinheiras, as nossas rezadeiras conseguem de forma muito simples identificar isso. Mas, quando chega na Unidade Básica de Saúde, a UBS, a equipe não respeita aquele itinerário e isso traz uma gravidade maior. Para a gente de fato qualificar essa roda de conversa, se realmente falamos dos povos indígenas, precisamos começar a educar as equipes de saúde. E não é só aqui dentro do território, é na universidade. Tem que começar lá, tem que mudar esse pensamento totalmente eurocêntrico de formação, de que doença é só isso que a Europa sabe o que é, que a Organização Mundial de Saúde sabe, porque não é a Organização Mundial de Saúde, é a Organização

Mundial de Doença, pensando de uma forma bem mais prática. Estou trazendo isto por entender que falar da Jurema Sagrada não é simplesmente juntar meia dúzia de pessoas e falar das experiências de cada um. O objetivo nosso aqui é de fato nos debruçar sobre o assunto, sobre a gravidade desse problema e aqui propor questões, caminhos para cuidar dessa mãe nossa. Quando se fala em política de saúde da pessoa idosa, da criança e do adolescente, da mulher, do homem, do meio ambiente, não sei mais de quê lá, não se vê nossos elementos sagrados nestas políticas específicas. A Jurema Sagrada não deixa de ser um sujeito de direito. Eu digo uma coisa a vocês, nesse pouquinho tempo que eu tenho de caminhada, de militância com vários outros parentes. Temos deixado de lado coisas importantes, que as pessoas não indígenas têm usurpado esse direito que é nosso.

Nossa relação com a Jurema Sagrada, esse direito é nosso, assim como os parentes lá do Norte em relação à ayahuasca. E uma relação sagrada. Não só dos povos indígenas, é sagrada para pessoas comprometidas que podem ser comunidades de terreiro, ou podem ser outras pessoas que vivem as ciências da Jurema e que precisamos nos juntar em defesa, criar de fato uma forma de proteção. Ou seja, fazer um controle social do uso adequado e do cuidado da Jurema. Então esse ponto de partida aqui no povo Truká de Orocó, que não é de hoje. Espero que vocês entendam dessa forma: esse território aqui, ele não é do povo Truká de Orocó neste momento. Esse território é de todos os povos que aqui estão, independente de ser indígena ou não indígena. Quem está aqui, está aqui por compromisso. Quem está aqui está aqui, entende que esse início, esse pontapé inicial, ele é importante para a vida de muitos dos nossos. E nós temos essa responsabilidade, agora carregamos isso nos braços, precisamos cuidar. Eu espero que possamos sair daqui com um encaminhamento robusto.

Não será fácil dentro da SESAI, porque tem uma resistência forte dos conservadores, inclusive os indígenas que lá estão são massacrados, são criminalizados. Todos os dias o nosso secretário Weibe Tapeba é criminalizado, toda sua equipe é criminalizada porque são indígenas.

Os coordenadores distritais são criminalizados porque são indígenas. Hoje a gente sabe das notícias que dentro dos distritos, da gestão distrital, tem casos absurdos de assédio. Isso apareceu agora na gestão dos povos indígenas. Nós sabemos que tem muitas realidades para serem apuradas, mas por que não fizeram isso em outras gestões? Por que agora é só com os indígenas que acontece? Os indígenas são assediadores, os indígenas são estupradores? E nós não fomos estuprados? Eu acho que o processo tanto faz de um lado como de outro, é crime, tem que ser apurado, mas tem que ser apurado sem vandalismo, sem estar criminalizando indevidamente as pessoas.

O Brasil não está preparado para isso, para lidar com a realidade dos povos indígenas. A gente vai longe. Nós tivemos na Ilha de Assunção, nosso território mãe, um pastor que disse que o nosso toré era profano. Nós fechamos a igreja e o pastor correu. Teve um segundo episódio que parte das lideranças precisaram ir derrubar as paredes de uma igreja que estava sendo construída dentro do território, desonrando nossas tradições espirituais. O primeiro aconteceu em 1999, quando a gente entrou na Assembleia de Deus e botou esse pastor para correr. Ele foi embora e não voltou mais, até as coisas dele ficaram para trás. Precisamos tirar daqui encaminhamentos, porque a Jurema Sagrada é o caminho. Ela é o caminho, ela é a luz, não só para nós povos indígenas, porque ela não é propriedade dos povos indígenas, como ela não é propriedade das comunidades de terreiros, ela é da humanidade, ela é de quem faz bom uso, de

quem ela ilumina para fazer o uso, para ter sabedoria. A Jurema Sagrada é isso, só que nós não estamos cuidando dela. Eu não vou entrar na celeuma de dizer que tal pesquisador é maldoso ou tal pesquisador é descuidado ou que ele é mal-intencionado. O que eu quero trazer é que precisamos sentar todo mundo junto. Academia, comunidade indígena, comunidades de terreiro, outras pessoas que têm vínculo com esse tema, nós precisamos sentar e buscar um caminho. Vai ser fácil? Não. É um caminho árduo, é um caminho cheio de pegadinha, mas a gente precisa iniciar de algum lugar, porque, se a gente não iniciar, nós estamos correndo — além dos riscos que a gente já corre — muitos mais riscos, porque a nossa Jurema Sagrada está correndo risco de extinção, porque a Jurema não se planta, ela não é plantada.

Se vocês forem na minha casa lá na Aldeia Mãe, a nossa casa, minha e de Edna, que é a minha chefa, vocês verão que ela é rodeada de Jurema Sagrada. Eu não plantei um único pé. Não plantei um único e nem deixo que ninguém corte os galhos, porque ela está lá por alguma questão, por alguma missão, porque se eu fosse no mato pegar ela para plantar, ela não ia nascer. Nem tem muda da Jurema, ela está lá por alguma razão, como está aqui na presença da gente, vocês até passaram por ela e talvez não as identificaram. A Jurema está em outros terreiros, como está em outros povos. Então, o que nós temos que fazer aqui é cuidar.

Mas a Jurema é única? Não. Quais são as Jurema? Eu não vou dizer, é segredo. Inclusive tem pessoas que faz o uso totalmente indevido, mas eu não vou falar porque o povo Truká diz que a gente não pode falar. Eu tenho aqui esse meu guia. Esse guia quem fez para mim, me deu de presente foi meu tio Mestre Anjo, sobrinho do meu avô, filho do irmão do meu avô. Isso aqui faz 30 anos. Isso aqui é feito de raiz de Jurema. Está do mesmo jeito, há 30 anos. Esse aqui também é feito de raiz de Jurema, é recente,

tem 10 anos. Não racha, não tem defeito. Isso é um trabalho dos nossos. Então veja que a Jurema Sagrada, ela dá para a gente uma série de saberes, uma série de formas de viver e ela precisa do cuidado, não é só para ela se manter viva, não, ela precisa do cuidado para que a gente se mantenha vivo.

É isso que a Jurema faz. Inclusive para evitar essa tomação de remédio que diz que é para doido. Mas às vezes a pessoa está ali pagando, porque não foi para o terreiro sagrado no dia do ritual, não se preparou, não preparou o corpo para tomar o coitezinho de Jurema, misturou de forma exacerbada a Jurema com a cachaça, não foi na cura. Então, tem uma série de questões que faz com que a pessoa fique perturbada. Aí o camarada que não conhece a realidade daquele povo diz: "Aquele tá doido, vamos mandar para o CAPS". Como se o CAPS resolvesse alguma coisa dos povos indígenas. Quero finalizar dizendo que nós precisamos de uma outra história, precisamos unir forças. Precisamos defender a nossa mãe Jurema. E esse momento foi criado pela força da Jurema e ela está nos mostrando qual é o caminho que precisamos seguir. Essa é uma responsabilidade social de todas as pessoas que aqui estão. É um trabalho de formiguinha. Vamos precisar convencer um a um para podermos ter uma vida longa, uma vida futura, próspera, não só para agente, mas para as nossas futuras gerações.



23. O pajé Ulisses Truká e Guilherme Zanin conversam sobre preparação e cuidado da terra durante Ofina de Agroecologia.



24. Jovens Truká na atividade de prensa da massa de mandioca para fabricação da farinha, na Casa de Farinha da Aldeia Ilha da Tapera.



JUREMA
CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

PROTEÇÃO DA JUREMA

JUREMA, UMBANDA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL
JOÃO BOSCO

REFLORESCIMENTO TRUKÁ, JUVENTUDE INDÍGENA E PROTEÇÃO DA JUREMA
NEGUINHO TRUKÁ



JUREMA, UMBANDA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

JOÃO BOSCO

Geralmente, eu planejo muito a minha fala, e quando chega na hora, eu sinto um negócio diferente, começo a falar uma coisa que eu não tinha planejado. Acho que é para isso que a gente se coloca à disposição das forças encantadas. No momento que elas queiram falar, através de nós, que elas possam trazer essa mensagem. Eu tinha me programado para chegar aqui e me hospedar na pousada. Mas quando eu pisei no território, eu disse para mim: "Eu quero lá saber de pousada? Fazer o quê lá? Vou estar longe dos caciques, vou estar longe do povo, não vou ter oportunidade de estar conversando com ninguém. Vou ficar aqui. Aqui é o lugar que eu preciso trocar, que eu preciso sentir". E foi nessa oportunidade que eu me dei de ficar aqui que eu tive a chance de sentar e conversar um pouquinho com o Neguinho, discutir algumas questões relativas a esse discurso que nós vamos fazer hoje. Foi muito importante para entender qual seria o

caminho desta minha fala. Eu comecei a minha jornada espiritual na umbanda. Era uma umbanda muito influenciada pelo processo de embranquecimento que atravessou essa religião por inteiro. A umbanda é uma religião de raiz preta, banto, Congo, Angola, e foi atravessada por um processo de apropriação muito forte. Não há só um processo de apropriação por um embranquecimento, mas também existe hoje toda uma problemática em torno da internet, como ontem me alertava o cacique Neguinho. Se você pesquisar o que é umbanda, geralmente vai aparecer que é uma religião fundada em 1908, por Zélio Fernandino de Moraes, em Niterói. Teve uma primeira reunião na Federação Espírita de Niterói. E ela conta toda a historinha da perspectiva de uma criação da umbanda a partir de um branco.

Mas o que foi alegado que estava sendo criado, já existia nas periferias, já se chamava macumba. Antes disso, foi chamado de cabula, de calundu. E a gente tem como primeiro marco dessa cultura ancestral africana, de incorporação de seres ancestrais para se comunicar com a comunidade, orientar a comunidade, na pessoa de Luísa Pinta ou Luzia Pinta. O que sobrou com relação à memória dela foi um documento que registrava que ela foi deportada para ser executada em Portugal, por feitiçaria que ela realizava, se não me engano, na região de Minas Gerais, onde ela recebia pessoas, incorporava e orientava essas pessoas.

Depois dela, veio a cabula, o calundu e os movimentos que levaram a gente a chegar na umbanda, passando por esse embranquecimento muito forte. Porque alguém ocupou esse espaço e utilizou dessa tradição, se apropriou dessa tradição vulnerável e a adaptou para que coubesse dentro do universo branco, eurocêntrico, ocidental. A umbanda foi totalmente adaptada. "Tira os atabaques de dentro do terreiro". Foi o que foi falado pelo suposto fundador. "Aqui não vai tocar atabaque".

Por quê? Porque aquele som remetia à macumba, porque a macumba é um instrumento. Na verdade, ele (Zélio de Moraes) diz o quê? Que espíritos evoluídos não desceriam no terreiro que estivesse tocando aquele tipo de instrumento. Então, quer dizer que naquele terreiro lá da favela, da periferia, o espírito que desce não é evoluído. E hoje, depois de passar por um processo de conscientização com relação a isso, e eu me coloco nesse lugar, porque até anos atrás eu contava essa história, chorando, achava a coisa mais linda do mundo.

Hoje eu tenho uma revolta com relação a isso e um compromisso de promover um movimento de resistência dentro do segmento da umbanda. Mas o que eu quero alertar é que o que aconteceu com a umbanda pode estar acontecendo com o catimbó — Jurema e com a Jurema Sagrada. Porque eu recebo constantemente pessoas que estão vindo atrás de mim de vários lugares do país, para querer saber o que é Jurema. O que é esse catimbó? Então, eles encontram espaços dentro desse vazio, que tem no meio virtual, para que consigam propagar a ideia que eles criaram. São processos que rompem com as nossas tradições onde começam a acontecer apropriações. Se o nome não é mais Jurema, vai ser outra coisa, não é mais o mestre, o mestre será mais indígena, daqui a pouco vai ser um mestre branco, de olhos azuis, cabelo loiro, que será o rei da Jurema.

Se nós não nos posicionarmos e não ocuparmos o espaço virtual com o movimento de resistência, alguém vai ocupar esse espaço e vai promover uma deturpação e apropriação da Jurema. Chamo a atenção de um termo que nós usamos bastante lá no terreiro, que vem a partir de Nego Bispo, que é o termo de confluência. Precisamos aprender que duas cosmovisões não precisam ser misturadas e colocadas dentro de uma sopa só e você transformar em uma coisa nova.

Elas podem ser duas cosmovisões, cada uma no seu lugar e conviverem muito bem. A sabedoria do povo banto, a partir de um princípio chamado moyo é que tudo tem força vital. A terra tem força vital, a água tem força vital, essa palha tem força vital, a madeira tem força vital, a crença de Neguinho tem força vital, a crença do outro tem força vital. Então, os banto-congo não tinham o intuito de destruir e apagar a crença do outro para validar a crença deles. Não tinham uma ideia de que o Deus do outro precisa ser falso para que o meu seja verdadeiro. O meu é verdadeiro, o dele também pode ser, no contexto dele. Então, o verdadeiro movimento de umbanda é esse. Por isso acontece essa agregação cultural que não pode ser uma apropriação cultural. E aí eu trago isso como uma reflexão para nós. Pois, alguns dos processos que hoje acontecem dentro do movimento universalista promove separação.

Pega aquilo que lhe serve, traz, coloca dentro de uma sopa e agora é uma coisa nova! Mas será que isso não é ofensivo e rompe com as tradições de onde veio esse movimento? Será que nós não estamos mais uma vez fazendo processos de catequização religiosa, cultural, espiritual, seja como for? Eu digo até na umbanda. Hoje em dia, quando o caboclo chega lá no nosso terreiro, na gira de umbanda, eu falo, ele não precisa saudar o Oxóssi, não. Ele saúda Oxóssi se ele quiser. Se ele quiser saudar Badzé, Warakdzã, Poditã, Êdjadwa, ele vai saudar, porque é o Deus dele. Senão, eu estou fazendo mais uma catequização, agora, para ele ser do culto de orixá, dentro do terreiro. E isso é uma coisa que a gente ainda precisa levar para frente, conversar em várias frentes diferentes. Agora, passando para um outro ponto, estes dias ouvi falar de uma proposta com relação a criação de um possível conselho, concordo que poderíamos sair daqui formando um conselho desse seminário.

Quero apoiar essa ideia, talvez propor também subconselhos dentro de cada segmento específico, onde as pessoas responsáveis do meio científico possam se reunir ali com uma liderança específica, para a gente fazer uma reunião mensal, quem sabe, e trazer os avanços e fazer novos questionamentos com relação a essas movimentações, as lideranças indígenas e as lideranças de terreiro. Seu Pena Branca me disse há pouco: "Não é porque a Jurema suporta a seca que a gente tem que deixar ela na seca, não". Não basta daqui há alguns anos a gente pensar e se sentar novamente para conversar. Quanto mais água a gente colocar nela, mais forte ela vai ficar, conversar é aguar.

Isso aqui tem que ter uma continuidade com uma frequência rápida, curta. Digamos assim, precisamos de encontro, discussão e avanço; encontro, discussão e avanço. Desta forma esse conselho ou essa união juremeira poderá promover outras atividades que rompam as barreiras entre nós. Eu realizei, no ano passado, por comando do meu mestre espiritual, seu Pena Branca, uma ação de cidadania. Esta ação social foi na aldeia Atikum de Sento Sé, que estava em uma situação de vulnerabilidade muito grande. Eles não têm posto de saúde e estavam com um problema enorme de distribuição de água. Nós, por ordem dele, nosso cacique espiritual, levamos profissionais de saúde, médico, psicólogo, dentista, enfermeiro, assistente social, pessoas do meio jurídico, entre outros profissionais da comunidade, que se colocaram à disposição, além da gente fazer o movimento de arrecadação, conseguimos arrecadar uma tonelada de alimento para a aldeia. Foram realizadas mais de 43 extrações dentárias, mais de 45 atendimentos médicos, numa comunidade indígena de 121 pessoas. Teve um impacto muito bom, e nós estamos aqui entre médicos, entre cientistas e profissionais da saúde, comunidades indígenas e comunidades de terreiro.

Nós podemos, enquanto conselho, essa união juremeira, articular movimentos como esse que foi a Jurema que uniu. Nós só chegamos até a aldeia Atikum para conversar com Dona Maria Ponga por causa da Jurema, por causa do comando de seu Pena Branca. A Jurema não só convoca a gente a cuidar da espiritualidade, a Jurema nos convoca a cuidar da comunidade, a cuidar dos nossos. E essa intervenção de promover ações sociais e solidárias em conjunto, enquanto uma comunidade que atua, um movimento que atua, vai romper muitas barreiras entre nós, de preconceitos, preconcepções e medos que nós temos. Nós precisamos de convivência, como me dizia ontem Neguinho, precisamos de convivência para romper essas barreiras e entender melhor como caminhar. E essa pode ser uma possibilidade de atuação, por que não? Numa comunidade indígena vulnerável ou numa comunidade de terreiro de extrema vulnerabilidade que precise desse auxílio, ajudar.

Sobre a questão da criminalização da Jurema, nós estávamos conversando ontem que não vai servir na nossa perspectiva patentear a Jurema, porque ela não é uma coisa. Mas Guilherme trouxe uma proposta junto com Luiz do tombamento dela. Talvez seja uma intervenção que pode ajudar. O tombamento da Jurema e do culto ancestral também da Jurema, tanto a planta quanto o processo espiritual e religioso. Para finalizar, eu quero dizer que acredito que nós devemos continuar realizando esse seminário, independentemente de ter um processo de apoio financeiro que venha de uma instituição ou do Estado. Nós precisamos articular o Seminário independente disso, com uma frequência mais rápida, porque é uma necessidade urgente de proteção e de amparo.

REFLORESCIMENTO TRUKÁ, JUVENTUDE INDÍGENA E PROTEÇÃO DA JUREMA

NEGUINHO TRUKÁ

Gostaria de saudar a todos com a força de Deus, a força encantada que por aqui passou e veio nos dizer que nós somos instrumentos. Muitos de nós, às vezes, tenta ultrapassar o limite que a natureza vem e nos mostrar. Quem de fato é quem? E, qual lugar cada um pertence? Não é, meu pajé Ulisses? O senhor é meio danado. Inicio agradecendo a vocês, Adriana, pelo brilhante trabalho do grupo de jovens Truká, tanto de Orocó quanto de Cabrobó. Nós somos um único povo. Podemos estar em aldeias diferentes, em cidades diferentes, em estados diferentes, mas nunca deixaremos de ser o povo Truká. A Ilha da Assunção nunca vai deixar de ser a nossa aldeia-mãe. Quero saudar esses meninos, a juventude Truká de hoje. Contamos um pouco da história. Na época que minha mãe estava à frente da condução, que o Ulisses estava à frente, que meus irmãos mais velhos estavam à frente, nossa juventude era muito dispersa, não porque não tinha interesse em participar daquilo que era importante para o nosso povo, mas muitas vezes existia um grande medo, devido à opressão e discriminação. Nós morávamos no município.

Naquela época para ir na igreja ou na escola estudar, nós tínhamos que ter muita coragem de ir com o colar no pescoço, pulseiras nos braços, usar um quaqui para fumar a nossa liamba e outras ervas sagradas. Eu tive muito esse atrevimento, eu acho que as forças me deram esse atrevimento para mostrar que o meu lugar também não era lá, no meio dos meus professores. Chegamos a ser expulso de várias escolas, tanto eu quanto o Moseni, os outros que andavam junto com a gente também eram expulsos.

Muitas vezes eu levava a notícia da expulsão para casa e, quando eu chegava em casa, ainda levava uns puxão de orelha dos pais para defender o nosso modo de ser. O nosso sonho era que a nossa juventude tivesse o direito de ser jovem, de andar livremente, de ir para a escola, para a faculdade, para a universidade, sendo respeitado no nosso jeito. Quando fomos chamados pelas forças encantadas para assumir o cacicado, tive muito medo. Jovem, na idade de alguns de vocês, tive medo por tudo que já tinha visto e vivido, através de nossas avós, nosso pai e minha mãe, que lutaram muito. E o meu sonho, meninos e meninas, era de ter a liberdade enquanto juventude. Era de poder mostrar a identidade do nosso povo sem ser tão discriminado, tão perseguido. E vocês começaram a criar o primeiro grupo de jovens, realizar discussões no território sobre os direitos coletivos do povo, onde havia extrema pressão para que nós, lideranças, participássemos. Algumas vezes, a gente foi falho com vocês, porque os outros compromissos, enquanto liderança, pela luta de direitos dos nossos povos, coincidiam muitas vezes com as mesmas agendas, e nós tínhamos que ganhar o mundo.

Mas quis a Mãe Natureza que fôssemos nos encontrando aos poucos e construindo aos poucos. Esta construção que temos feito, quem quiser conhecer, está lá na nossa página no Instagram. Vídeos simples que compartilhamos aspectos dos nossos usos, crenças e tradições para mostrar como é o povo Truká. Na internet, se você pesquisar sobre o povo Truká, vai ver muita coisa negativa, perseguição, assassinato, criminalização, que nós tivemos que enfrentar para poder conquistar e reconquistar parte do nosso território tradicional de volta. Reagrupamos o nosso povo, para que pudéssemos dar continuidade à luta de Bernardino, João Eduardo, Acilon, Antônio Ciliro e de todos os outros mestres mais velhos que já foram para o Jardim de Flor.

Nós não temos nada a ver com política. Este é um dos pensamentos que discutimos. Sentamos enquanto cacique com um grupo de jovens e não vamos para o grupo com propostas prontas, esta postura é a mesma que adotamos em reuniões com outros segmentos da aldeia, seja de saúde, educação, direitos coletivos ou políticas indigenistas. Quem nos diz as propostas são as lideranças locais, os conselhos, os segmentos do nosso povo que constituem toda a nossa organização social e sociopolítica. E a nossa educação tem avançado. Nós, aqui no estado de Pernambuco, através das nossas lutas por uma educação específica, diferenciada e bilingue para os nossos povos, nós temos a única organização reconhecida, não só no Brasil, mas em outros países, que é a COPIPE, Comissão de Professores Indígenas do Estado de Pernambuco.

A COPIPE se destaca pela participação efetiva dos nossos mestres e mestras em sala de aula, mas também conta com a participação efetiva da juventude, de todos aqueles que fazem a comunidade escolar, porque a escola, para nós, é o espaço da comunidade, da interação, da troca de saberes. O cacique não vai lá para dentro da sala de aula dizer ao professor o que tem que ser ensinado às crianças. Isso a própria História diz, os próprios costumes do nosso povo diz. A escola, é o espaço que também é sagrado, que cultiva um dos nossos maiores valores, que são as crianças. O povo Truká é diferente de outros povos no mundo que vê o jovem como se o jovem fosse sempre aquilo do amanhã. O jovem, para nós, é o dia a dia. O jovem está conosco aqui, temos plena consciência de que os lugares que nós hoje ocupamos não nos pertencem. Essa juventude de meninos e meninas, que na nossa época de jovem éramos 12, hoje em qualquer movimento que fazemos aparecem 2 mil, 2.500 meninos. Lotam os torés e lotam as ruas de Brasília.

Isso nos deixa a certeza de que a liberdade é um bem fundamental. Graças a Deus, fui permitido, e ando com meu colar na cidade e fumo meu cachimbo. Um dos meus sonhos, quando eu era apenas um integrante deste pequeno grupo de jovens em minha geração, era comprar uma bicicleta forte, não tinha esse negócio de moto nessa região, e o carro era uma coisa totalmente fora da nossa realidade financeira. A bicicleta seria o meio da gente conseguir chegar em Cabrobó um dia, se sentar na praça, acender o cachimbo e poder fumar em paz sem ninguém nos perturbar. Nós praticamente não tínhamos escolas dentro do território, havia apenas duas escolas rurais, hoje temos 14. Foi um investimento que nós fizemos na luta de melhoria das escolas.Antigamente nós estudávamos até a quarta série no território, depois tinha que ir para a cidade, hoje a juventude estuda até o terceiro ano em nosso território. Nossos meninos estão disputando de igual para igual com escolas particulares e outras públicas e aparecendo com bons resultados nos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e nos Exames Nacionais do Ensino Médio (ENEM).

Temos ocupado o espaço com a nossa juventude. A juventude absorveu tanto com este tema da Jurema. O que nós estamos discutindo aqui é um assunto sagrado, para meu povo, assim como outros povos, é muito polêmico falar diretamente sobre a Jurema, porque trata da nossa existência, trata da nossa raiz, trata do nosso segredo de vida.E vemos essas redes sociais mal-usadas, canais no YouTube, perfis do Facebook e Instagram que usam e falam da Jurema de forma indevida, o que nos preocupa bastante. Por exemplo, tem canais no Facebook onde as pessoas ensinam aos outros de que forma se prepara uma Jurema. Eu não sei se por falta de conteúdo, assunto, ou, como diz na língua do meu povo, por amostramento mesmo. Jamais no canal oficial do meu povo,

ninguém vai ver esse tipo de postagem, ninguém vai ver, porque isso não é para ser mostrado, isso não é para ser discutido, isso é para ser respeitado. É muito interno, é uma coisa particular de cada um. Entre nós, foi criado o entendimento e uma resistência muito grande em discutir esses assuntos referentes à Jurema, porque é passado de maneira sigilosa, de geração para geração, no nosso povo. Nós ensinamos, "aquilo que foi ensinado, é algo que não pode ser passado". Então, quando fomos discutir este Seminário da Jurema, lá na casa de Yssô, falar de Jurema, aí fiquei por ali. Quando disseram com quem a gente ia discutir, com os pais de santo, com os terreiros, todos aqueles do candomblé, os nossos irmãos afro. Eu disse: "Rapaz, que bocada é essa?". Eu pensei: "Como é que eu vou agora chamar a minha base para podermos conversar de algo tão sério para o nosso povo? Sendo que eu passei a vida sendo ensinado que a gente não podia discutir nada relacionado a Jurema".

Mas vem um chamado maior e diz: "Vai lá e chame, você vai levar porrada, e muita". E as porradas mais doídas que eu levei foi dos meus filhos, filhas, sobrinho, sobrinha e minha primas. Meu filho, que é o escolhido pela natureza para seguir o trabalho de cacicado, meu sobrinho, que é o outro escolhido pela natureza para assumir liderança, e minhas duas filhas, sentados em um café da manhã lá em casa olhando uns para os outros, disseram: "Papai, vem cá. O senhor está louco? Por quê? O senhor passou a vida toda ensinando para nós que a gente não podia tocar nesse assunto. E agora o senhor está querendo criar um seminário da Jurema? Para falar do quê? Vocês vão ensinar para o branco agora o grande segredo do povo da gente? Com qual direito?". Eu deixei que cada um me cobrasse até quando eu pude explicar. "Não vai ser isso". Eu coloquei para cada um deles o que a Jurema, de fato, está enfrentando e o que todos nós estamos sob risco.

E aí, esses canais do YouTube que ficam mostrando a Jurema da forma indevida, atrapalharam muito nos diálogos que eu fiz não só com minha família, com meu povo, mas com outros parentes nossos. Há uma resistência natural. Vocês vão ver que nós, indígenas e os quilombolas, os negros, nunca guerreamos entre nós, nunca. Mas se pegar a história, a gente também nunca conseguiu sentar junto para discutir algo tão importante para todos nós. Não conseguimos. Hoje o YouTube e o Instagram fazem o que na nossa época era o fuxico. E o fuxico foi espalhado entre nós de forma bastante desrespeitosa, sempre nos colocou uns contra os outros, mesmo sem nós termos nada contra o outro. E quis a Mãe Natureza e a Mãe Jurema, que esse momento chegasse, de nos sentarmos na mesma mesa, termos o mesmo objetivo em comum. Deixando bem evidente para todos os nossos parentes, que ninguém veio aqui para discutir segredo, ninguém veio aqui para ensinar como vai fazer Jurema, ou o que tem que se fazer para consumi-la.

Cada um de nós que já tivemos o contato com ela, que recebemos o chamado dela, ela nos deu, de cada forma, de diferentes jeitos, aquilo que ela acha que é nosso. A minha Jurema, a Jurema do meu povo, não é igual à Jurema do povo Xukuru-Kariri, não é igual à do povo Tumbalalá. Estamos do outro lado do rio, só o que nos separa é um rio. Por que vai ser igual com os irmãos de terreiro, com todos os outros que se dizem juremeiros?

Talvez isso tenha perturbado a cabeça dos pesquisadores e dado um tremendo nó, porque se chegaram em qualquer mata de Jurema não vai ter só uma única espécie, não tem uma mata de Jurema contínua. Uma única espécie de Jurema tem todas as Juremas no seu entorno, e veja quanto a mãe Jurema também pensou nisso. Nós é que nunca prestamos atenção. Ela já estava se protegendo e quis ela que a gente agora estivéssemos juntos,

todos, com as universidades, com os parceiros que ajudaram a gente a realizar esse primeiro seminário, para dizer: "Meus filhos, vocês têm que estar juntos, porque a pancada maior está para vir". E nós ainda estamos aqui matutando e esperando para saber qual vai ser. Porque a biopirataria já está em curso. A exploração de sua composição está em curso. O que não tem certeza ainda é de qual.

Este cenário provoca muito medo quando vemos nas redes sociais pessoas que ficam vendendo. E nós, de repente, temos uma invasão aos nossos territórios, aos nossos terreiros, às casas de cada um de vocês, aos espaços onde vocês fazem seus cultos, suas crenças e tradições, foram invadidos. Porque foi assim com os maias. Até que os maias usaram da sabedoria para desaparecer. Ninguém sabe onde os maias estão, e, talvez eles estejam olhando para nós e nunca vão dizer que são maias. A não ser que o que rege eles, um dia, diga: "Está na hora de se revelar, contar a sua história milenar".

Por que eu digo isso? O nosso povo tem quatro nações: Tuxá, Tuxi, Tumbalalá e Truká. Formamos a nação Proká, somos os índios canoeiros do rio, os índios das matas brancas e do véu das águas. Os nossos parentes Tuxi nos ajudavam a nos refugiar, nós Truká e os Tumbalalá. Quando brigamos e lutamos na retomada de nosso território, a gente se refugiava no território do Tuxi. Ia para lá fazer ritual com eles. Passava semanas com eles discutindo, mas eles nunca se levantaram para lutar, nem revelar quem eram. E os pesquisadores ficavam pensando que os Tuxi sumiram e foram extintos. Quando chegou o momento, os Tuxi se revelaram em Manalha. Muitos dos antropólogos se assustaram, mas a gente sabia. Talvez os maias tenham se escondido por essa perseguição, não só as obras maias, que é uma coisa muito avançada para a época, mas pela própria forma de organização e convívio que se tinha em lugares distantes, desertos, e que se

conseguia ter um número considerável de pessoas vivendo bem ali. E o europeu já se juntou para não saquear, roubar, matar, destratar ou escravizar de forma forçada? Qual é a passagem, na história, que o europeu conseguiu liderar uma nação para fazer o bem ao próximo? Observamos exploração e destruição por onde ele passou. Então, os maias estão mais do que certos, assim como os Tuxi. Quando a gente fala que de boas intenções o inferno está cheio, é por conta do cuidado. Porque uma coisa é estar entre nós, aqui, e realizar pactuações. Se eu tiver um descuido com qualquer coisa que eu sou responsável, eu irei pagar o preço. Talvez o meu povo, por me querer bem, por me amar, vai tentar passar mão na minha cabeça, mas os que me guiam e que me regem, não, porque nenhum de nós está acima da lei ou está acima das coisas corretas.

Então, a Jurema tem servido, ao longo do tempo, para separar a gente da realidade dos irmãos quilombola, de terreiro, assim como dos favelados, como daqueles que têm a crença na espiritualidade, porque todo mundo fala do Divino Espírito Santo de Deus, mas o próprio homem se contradiz muito, porque o pastor que diz que Nossa Senhora, que é a mãe do Salvador, não é santa, é o mesmo que diz que o Divino Espírito Santo é o anjo que veio enviado por Deus. Mas aí, se um dos nossos irmãos de terreiro for pego para trabalhar ali no momento inadequado e que essa pessoa esteja em iniciação, seja ele de terreiro, indígena, quilombola, perto de um pastor, ele diz logo o quê? Que os nossos estão com o demônio, que os nossos estão possuídos.

Então, vejam vocês o quanto a gente ainda tem de desafio. Se nós prestarmos atenção aqui, a pauta deste seminário foi levada na tora, porque, como eu disse, quem somos nós para dizer ao nosso Pai Soberano o que queremos ou o que iremos fazer? Nos mandaram vir até aqui para um propósito, e, depois que chegamos aqui, percebemos mais ainda que esse propósito

está vivo e que tem que se criar um pacto entre nós em defesa da Jurema Sagrada. Nós precisamos que a academia fale a nossa língua, para que não se perca o diálogo. Senão nós não vamos entender balela nenhuma, vamos ficar olhando um para o outro, matutando alguma palavra que a gente entenda aqui e acolá, enquanto nós matutamos uma, duas, três, tem passado vinte, que a gente não tem entendido. E aí a gente precisa disso, assim como nós aqui precisamos nos conhecer melhor.

O maior propósito que a Jurema nos trouxe até aqui é para que a gente se conheça melhor, é para que a gente escreva uma nova história. Esse é o maior propósito desses dias que estou aqui, que tenho percebido. Porque mesmo com todos esses desafios, essas exposições desnecessárias que têm nos canais por aí afora, da venda, nós temos indígena que vende dose de Jurema, assim como temos quilombola, temos outros. Não é para esse tipo de coisa. Um desse aí a gente não pode proteger ou criminalizar, porque também a gente tem que se colocar muito no lugar do outro. Eu acho que a gente deve aconselhar que esse não é o caminho, que está errado, e tem que buscar uma nova alternativa, se colocando sempre no lugar do outro, o porquê está fazendo. Por que está fazendo isso? Porque esses ensinamentos do YouTube é o que mais deixa a gente preocupado, que diz: "Vão lá, pega a casca, bate".

Todos nós aqui temos um pouco de curiosidade e fuxico. Se o curioso faz o pó como ensinado no YouTube, ele vai lá e pega uma Jurema inadequada e faz isso, ele vai se envenenar. Não tem outro caminho. E eu conto essa história. Em 2007, a gente estava na retomada de parte do nosso território, quando desceu um espanhol aqui nesse rio, numa balsa feita de garrafas PET. Eu estou lá na minha casa, e o cabra ligou para mim e disse: "Cacique, tem uma pessoa enganchado aqui na cachoeira com uma canoa verde de garrafa de refrigerante.

O que é que o que aconteceu? Veio a orientação e nós socorremos ele. Ele se enganchou numa ingazeira, que travou o barco dele na corredeira, ele aperreado e com medo, porque não sabia nadar direito. Aí os meninos lá da Caatinguinha, vendo ele lá, mas desconfiado, o cara com a bandeira da Espanha, com coisa, disse: "Vamos lá? Não, se o cacique mandar nós vamos, senão ele vai se lascar". Quando eu cheguei, o cara estava lá. E aí eu disse: "Ele vai se lascar, vamos tirar esse cabra de lá?". Nós tiramos ele, aí ele me contou a história que vinha da Espanha, na luta contra a transposição do rio São Francisco e começou a conversar e disse: "A gente na Espanha ouviu falar muito da Jurema. Vocês aqui bebem Jurema?". Eu disse: "Não, não bebo Jurema". E o que aconteceu? Ele tinha visto a árvore de Jurema, mas não sabia qual era ela. Não se contentando, ele fez uma amizade, estava cansado, machucado, com arranhão. Eu cheguei para a liderança local e disse: "Deixe ele aí dar um descanso para ele seguir a viagem dele, que ele ia até a foz do rio lá embaixo". E aí esse cabra ficou.

O cara, à noite, quando o pessoal que ficava próximo no posto de salto dormiu, ele foi em uma mata de Jurema, cortou a galha da Jurema. De madrugada recebi uma ligação me avisando que ele estava batendo Jurema lá dentro do posto. Eu disse: "Deixa ele bater, deixa ele à vontade". E aí ele bateu a Jurema, colocou numa garrafa aberta e tomou. Quando foi no outro dia, o cara estava caído. Quando eu cheguei lá, ele tinha tomado mais da metade da garrafa, e aí eu olhei em volta, olhei a Jurema que ele tinha preparado, vi a árvore de qual ele tinha colhido. Deixamos ele sofrer só mais um pouquinho, então ele saiu e com certeza não vem mais aqui. Aliviamos, e quando ele disse que estava melhor, falei: "Pronto, siga a viagem e não venha mais aqui. A curiosidade matou o gato. Você era bem-vindo ao nosso território e a partir de agora passa a não ser, siga a sua viagem e vá-se embora. Você mexeu

no que não devia". Mas veja, como é que essa informação chegou até lá na Espanha? Como é que o cabra sabia que tinha que bater? É isso que estamos dizendo, fez errado, e se ele tomasse o resto da Jurema, morria. O que ele fez era caixão e vela. Não tinha conversa. Então, vejam vocês o perigo que as redes sociais estão trazendo a todos nós, porque acontece — que Deus a livre — alguma coisa com alguém, culpa quem? A gente. Pela primeira vez nós estamos aqui sentados, discutindo sobre a Jurema, estamos pensando em criar um instrumento que nos una e que ao mesmo tempo nos proporcione caminhos para fazer uma defesa, porque senão vão dizer que a culpa é daqueles macumbeiros, bruxos e feiticeiros, porque generalizam todos nós. Nós somos generalizados.

Além de sermos generalizado por grande parte dos que não gostam de nós e não acreditam nas coisas que acreditamos, ainda temos um grande defeito entre nós, que é um não suportar o outro, não tolerar o outro. Ficamos apontando o dedo para o outro, como se quem é o outro fosse sempre o errado, e você fosse o certo, ou alguém fosse maior e outro menor. Não, aqui nós estamos todos em pé de igualdade, e nós temos que dar continuidade a essa discussão, dar continuidade a esse projeto de vida, de Bem Viver, de forma sábia, serena, com muita calma, muita paciência e muito amor entre nós. Isso é fundamental para que a gente guarde esse amor uns pelos outros.Vai ter problema? Vai. Nós sabemos que haverá problemas. Quem de nós não tem problemas dentro da nossa própria casa? Com as nossas esposas, nossos filhos, nossas filhas? Quem da gente não tem? Os filhos da gente são obrigados a pensar exatamente igual a gente? Eu prometo para vocês que não, não são. Então, por que a gente aqui vai ser obrigado a pensar igual ao outro? Não vamos. Cada um de nós vai dar a sua contribuição de sua forma, sempre ajudando, auxiliando, se colocando acima de tudo no lugar do outro e compreendendo

que o direito da gente começa onde o outro termina. O nosso não é soberano. Onde o nosso terminar, vai começar o outro que está do nosso lado, na nossa frente ou atrás da gente.

A Jurema fez com que a gente abrisse nossa mente para isso. Vejam os senhores que coisa mais linda que estamos fazendo aqui. Em 525 anos de história do país, nós nunca conseguimos fazer o que estamos fazendo hoje. Nunca. Não conseguimos.Então, esses dias que estivemos aqui, com pautas ampliadas até tarde, com os discursos mais acirrados e alongados, nos trouxe este presente para todos nós. Nós temos que dar continuidade.Porque ao fazer isto, os que estão se autorrepresentando enquanto juremeiros e fazendo essas bobagens, esses escorregões das redes sociais, eles não irão ocupar nosso lugar. E nós vamos ter que lidar com todas as nossas diferenças nesse momento, vamos ter que passar uma borracha quando necessário e andar de mãos dadas. Todos os movimentos e todos os segmentos sociais que aqui estão.

Quando dissemos que iríamos fazer o Encontro da Jurema aqui dentro do nosso povo, esperávamos uma participação maior de todos vocês, principalmente nas críticas. Mas, ontem, conversando com o João, eu disse: "É bastante complicado, porque a gente percebe que alguns tinham vontade de falar assim pelo olho, e a gente vendo que quer falar, mas não falava. Nós indígenas estamos em maioria aqui, estamos dentro da aldeia, e houve uma preocupação em não ofender o cacique ou qualquer outro, com medo também de nós indígenas reagir". Nada disso, gente. Nós aqui estamos, nosso povo que aqui está é para auxiliar todos nós aqui, sem intervir em momento algum na nossa discussão. Nosso povo, nossas comunidades, são acostumadas aos debates acalorados com as lideranças e as autoridades dentro do próprio território. E quando vocês entraram aqui na quarta-feira, para nós, vocês são da nossa comunidade, têm o mesmo direito da

gente aqui dentro. O evento não é do povo Truká, é de todos nós. Então desejo que nos próximos encontros não tenha essa timidez, precisamos começar a confiar nos outros. Porque quando eu for daqui para outro encontro, que seja no terreiro, seja na faculdade, seja na comunidade de favela, podem ter certeza que eu vou falar, podem ter certeza disso. Vou falar, meu papel é esse.

Gostaria de terminar minha fala agradecendo profundamente a cada um de vocês, por todos que estão aqui presentes, e os que estão ausentes, que contribuíram e acreditaram nesse projeto. Agradeço ao nosso povo Truká de Cabrobó e Orocó. Para vocês terem ideia, para dar vida a esse projeto, nós trouxemos da aldeia-mãe (na Ilha de Assunção em Cabrobó), 160 guerreiros e guerreiras. Começamos a montar toda essa estrutura aqui há 10 dias atrás, do zero. Na quinta-feira passada, não tinha um único pau enfiado. Na quinta chegou a madeira. Na sexta, a gente combinou de vir para cá, porque os irmãos de Orocó são uma comunidade menor que a nossa. Então, eles não iriam ter pernas de dar conta disso, de fazer esse barracão. Aí teve uma pessoa que disse: "E para quê esse barracão desse tamanho? Nossa, como eles são exagerados". "Por que a gente irá fazer isso?".

Eu respondi: "Porque nós teremos o encontrão dos professores indígenas de Pernambuco aqui no território Truká Orocó". Só professores, nós iremos trazer em torno de 1.500, que vem de todos os povos, fóruns de apoio, universidade, faculdade, parceiros, lideranças de outras regiões. Então, a gente vai ter que ter esse barracão para recebê-los. Para hospedar, nós estamos hospedando nas casas da comunidade, vamos usar uma barraca, alguns gostam de dormir debaixo de um pau, mas o espaço de discussão e da gente sentar vai ser aqui. Então, é dessa forma que o povo Truká se organiza, é dessa forma que o povo Truká trata qualquer assunto. A gente tem a fama de bravo, porque quando

a gente vem ficar bravo, é porque já gastou todo o caminho do diálogo, da discussão e da compreensão. Muitas vezes, passamos 10, 15, 20 anos discutindo o mesmo tema e ninguém dá ouvido. No dia que falta paciência e dá um tapa na mesa, se diz que o indígena é abusado e não gosta do diálogo, mas não percebe o que está por trás da atitude do índio ou de qualquer outro cidadão brasileiro que viva nesse país nosso. Nosso país é maravilhoso, tem tudo para vivermos em paz uns com os outros, mas, infelizmente, temos uma pequena gama da elite que domina tudo, e porque nós, mais pobres, permitimos. Nós, mais pobres, também discriminamos o nosso. O que acontece com nossas mulheres é vergonhoso. Quase não existe representação de mulheres no congresso nacional. Qualquer outro segmento minoritário que sofre em nossa sociedade tem pouca representatividade: povos das favelas, agricultores familiares, povos indígenas e quilombolas.

Nossa representação atual no congresso fala de como nós ainda descriminamos. Quantos representantes do segmento evangélico estão lá? Quantos do agronegócio? A bancada da bala? Quem permite esse povo ir para lá no congresso nacional? Não somos nós? Então, nós temos que ter essa compreensão de todo este mundo que a gente vive, temos que transformar, transformá-lo de verdade.

Este é um projeto de longo prazo. Meu avô, em 1946, andava por aqui, lutava com o seu Acilon. Lutaram 44 anos de vida pelo nosso território. Conseguiram reconhecer nosso povo como indígena e chegou o momento da história que eles, já velhos, diziam: "Nós não alcançamos mais, não". Mas a semente e o projeto foi feito. Os filhos da gente e os netos da gente vêm aí. E estamos nós aqui. Precisamos fazer isso com o nosso país, com o nosso meio ambiente e nossas espiritualidades.Não podemos continuar aceitando essa intervenção que reforça a ideia de

ser colônia dos países "grandes". Porque aqui a gente vai fazer uma antropologia baseada no americano ou no espanhol. Na Inglaterra, para você ver um africano lá, dá trabalho. Para você ver um venezuelano, dá trabalho. Um argentino e um brasileiro, a gente nem fala. Temos, gente, que mudar tudo isto. A Jurema nos oportuniza isto. A gente não imaginou, na nossa vida, estar sentado com tantos doutores juntos.

Olha uma ruma de doutores escutando a matutice da gente. Antigamente na aldeia da gente, nós íamos para a escola e, quando a gente aprontava, era palmatória. A professora branca dava nas nossas mãos, deixava a gente com as mãos ardendo e de joelhos em cima dos caroços de milho, com a cara virada para a parede. E a gente era obrigado a chamar os que chegavam de doutor. Se dissesse que não era doutor, nós levávamos puxões de orelha e no cabelo, porque os doutores tinham o direito também de bater na gente porque era doutor.

Me lembro um menino que tinha muita raiva disto. Quando os doutores vinham, que pediam para ele abrir a cancela ele se negava. Ele já sabia que ia levar uns castigos dos mais velhos, mas ainda assim dizia o senhor doutor: "Não sabe nem abrir a cancela, que doutor é este?". Estar hoje aqui nos relacionando de forma diferente com doutores é uma honra. Eu não sei quantas instituições exatamente estão aqui com a gente, sei que é um monte, é uma honra muito grande poder estar fazendo uma discussão deste porte com os senhores. Claro que vamos ter, como eu disse, que mudar a linguagem, para que possamos entender melhor vocês. Porque talvez vocês estejam falando a mesma palavra que a gente, mas por uma coisinha ali, que a gente já é desconfiado, diz: "Opa, essa palavra aqui eu já vi ali e sei onde ela foi dar". Não precisamos simplificar entre nós esse contato. Agradeço, do fundo do coração, por todos aqueles que

se empenharam e financiaram este evento. Agradeço aqueles da nossa comunidade que vieram aqui e deram o seu melhor. Nós temos meninos que saíram da Aldeia Grande e não quiseram voltar. De quarta-feira para cá, voltam hoje (sábado).

Eu vou para Brasília, às vezes, e não vou só. Já fomos em um grupo de 150 indígenas do povo Truká. As lideranças da localidade participam, mas a grande massa é a nossa juventude. E aí os pais ficam preocupados. Os pais entregaram a mim, nós cuidamos dos filhos e entregarmos o menino do jeito que a gente trouxe da aldeia. Essa é a nossa vivência, e quando eu falo muito da nossa juventude, é porque o que eles têm feito nesses últimos anos te conseguido nos deixar muito emocionados. Se dedicam ao máximo, sem cobrar absolutamente nada de nós, e estão sempre dizendo: "Precisou da gente, nós estamos aqui". E aí, a gente não pode deixar que atos como esse de vocês, juventude do nosso povo Truká, passem a ser despercebidos, vocês são exemplos.

Em nome dessa tropa, agradeço a cada um de vocês, peço perdão, se eu feri alguém, essa não foi a intenção. Não acredito que estejamos entre inimigos. O nosso objetivo e propósito de Bem Viver é comum, é algo que nos une e que oportuniza estar falando para todos vocês, não só da nossa história, mas nós temos a pura obrigação agora, também, de ouvir a de vocês, para que a gente, por onde passar no universo indígena, estar desconstruindo coisas que foram colocadas ao longo do tempo.

Temos que estar, assim como vocês, porque nenhum de nós é dono da Jurema. Não temos esse direito de dizer que somos donos, nós que pertencemos a ela, tanto que aqui nós estamos entre indígenas, negros, quilombolas, gente de olho verde, olho azul, galego, sarará. Eu vi que aqui tem até gente de cabelo vermelho, ruivo. Isto nos permite ver o quanto a mãe Jurema tem seus filhos diferentes e quer que a gente ande junto. E conto

com todos vocês para que a gente continue unidos nessa luta em defesa da Jurema. Sigamos esta construção que vai precisar de todos nós.



25. Crianças das escolas indígenas do território Truká Tapera durante participação na Oficina de Agrofloresta.

JUREMA
CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

DESCOLONIZAGEM

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS
ALEXANDRE FRANCA BARRETO

RECAATINGAR A MENTE
YANDERSON MARCOS DA SILVA RAMOS

ESCUTAR COM O CORAÇÃO E A RESPEITAR A PLURALIDADE DOSCAMINHOS DO SABER
ANTHONIELY KARINA DA SILVA

ESPIRITUALIDADE SE MANIFESTA NO CHÃO, NAS ÁRVORES, NAS ÁGUAS E NAS PESSOAS
KALINE SANTOS BRITO

SACRALIDADE, ESCUTA, ATENÇÃO E RESPEITO
EUNICE MARIANA SILVA

A UNIVERSIDADE PRECISA SE ENCANTAR
GESSICA LAVINNIA DE OLIVEIRA ESTEVES SANTOS

SABERES ANCESTRAIS E CIENTÍFICOS PERMITEM VER MUNDO DE MANEIRA SENSÍVEL E EQUILIBRADA
NATHÁLIA ANDREZZA CARVALHO DE SOUZA

MANIFESTO DO I SEMINÁRIO DE MEDICINAS ANCESTRAIS:
JUREMA – CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

ALEXANDRE FRANCA BARRETO

A Caatinga é um território povoado de nossa ancestralidade indígena. Suas lideranças vivem em uma profundidade ecológica com este bioma e são guardiões dos mistérios de nossa terra. No mundo atual, alguns cientistas têm avançado a barreira compreensiva que reconhece a preciosidade dos saberes indígenas. No meu lugar de atuação, na Psicologia da Saúde, de maneira mais ampla no âmbito da Saúde Mental e Coletiva, tenho visto cada vez mais a urgência de implementar uma via de descolonizagem formativa. Inspirado em Nego Bispo, germinando palavras, adotamos esta estratégia de nomear o que fazemos de descolonizagem. A palavra aprendizagem está muitas vezes associada às competências e habilidades técnicas de uma profissão ou fazer científico que não conseguem produzir significado para a experiência produzida pelos estudantes de graduação e pós-graduação, que se permitem visitar territórios indígenas e se relacionar com parentes de

diferentes etnias. O Seminário de Medicinas Ancestrais: Jurema – Ciências, cuidados e proteção foi um marco em nossa relação universitária com os povos indígenas Truká, muitas outras etnias indígenas do Nordeste, bem como povos de terreiro que preservam saberes afro-indígenas. Realizamos pela primeira vez um seminário conjuntamente, no qual o território indígena serviu de base para todas as nossas reflexões e compartilhamento de conhecimento.

Foi incrível presenciar a capacidade de trabalho coletivo do povo Truká, bem como toda a estrutura criada para os trabalhos. Para bons observadores, muitas tecnologias sensíveis foram compartilhadas, muitos modos de trabalho e de relação com vida foram exemplificados em ato. A descolonizagem é a possibilidade de um processo de aprendizagem que não se reduz a práticas instrumentais e utilitárias, situadas em apenas um campo do saber. Nos propomos a, através de nossas imersões em territórios indígenas, desconstruir orientações que ainda são ensinadas em nossas universidades, quando nos apegamos a preconceitos colonizadores e modelos de científicos monoculturais.

Os relatos a seguir são de estudantes da Universidade Federal do Vale do São Francisco de graduação, mestrado e doutorado que colaboram na organização do seminário. Seus relatos falam por si sobre diferentes possibilidades de descolonizagens. Mas, para destacar algumas preciosidades descolonizadoras, foi possível com este trabalho: recaantingar a mente, dissolver o ego, relembrar de onde se vem e o que se é, escutar com o coração, respeitar a pluralidade dos caminhos do saber, reconhecer a importância de estabelecer relações sagradas com o território que habitam, estabelecer pontes de diálogo entre saberes ancestrais e conhecimentos científicos produzidos em laboratório e encantar a universidade. Vamos escutar um pouco de cada uma destas

experiências, no entendimento de que a descolonizagem é um processo formativo que visa desconstruir a herança colonial de epistemicídio da história social das universidades e possibilitar a construção de profissionais e ciências, visando criar um espaço e tempo, no qual estes jovens possam tecer caminhos viáveis de um presente e futuro em um mundo que precisa alargar seus horizontes de ação, na relação com a diversidade, não apenas humana, mas de vida na Terra.

RECAATINGAR A MENTE

YANDERSON MARCOS DA SILVA RAMOS

"Sofreremos alguma decomposição lírica, até o mato sair na voz"
Manoel de Barros, O livro das ignorãças

"Na Jurema tem muito mistério", eu anotei esse pensamento em meu caderno de campo, enquanto conversava por um bom tempo com um indígena Kiriri. Eu tinha um caderno de campo e isso simbolizava o meu lugar fronteiriço. "A Jurema não apresenta para todo mundo", e enquanto o indígena Kiriri dizia, sem dizer, eu me via chacoalhando um maracá de seu povo na mão direita, sentado num chão coberto por uma palhoça, num eterno retorno a um vazio envolvente e desejante. O nada que era tudo, típico das narrativas mitológicas fundamentais. "Um chamado que para mim foi um mistério". O mistério e o segredo, ao mesmo tempo que, por um instante, uma revelação, uma evidência, figuravam uma linha tênue entre minha curiosidade ingênua e a tentativa de compreensão das ciências, agenciadas por uma molécula enraizada numa planta, aparentemente distintas. "Pedir licença à encantaria". No território do povo Truká, no seio do semiárido mais biodiverso do mundo, eu, Jurema e pessoas, nos tornamos

um híbrido, onde a bifurcação ocidental perversa, entre natureza e cultura, parecia não ter vez. Participar do I Seminário de Medicinas Ancestrais – Jurema: Ciências, cuidados e proteção era como aterrar minha consciência num plano simétrico maior. Dissolução do ego.

"A Jurema é fundamentalmente mestiça", pensei. Uma espécie de zona intermediária. Para se colocar diante da Jurema, parecia ser necessário performar esse limiar. Numa encruzilhada, onde qualquer caminho é caminho, onde o sertão semiárido da Caatinga, contornado de Mata Atlântica, Cerrado e Floresta Amazônica, a intermitência é a forma definida. "Antes uma sombra de dúvidas, em lugar de um sol escaldante".

Havia um conflito de ontologias que reverberava em minhas estruturas de pensamento, será possível uma integração de ciências? Ou tudo no renascimento da psicodelia seria somente sobre uma captura biomédica? Talvez a molécula de dimetiltriptamina comunique isso, uma consciência que se expande, a ponto de incluir a possibilidade da dúvida, desgovernar a vida, num mundo chapado de controle e de realidade. Esse breve relato é sobre isso, uma questão e experiência em aberto, uma possibilidade de sobreviver nas ruínas do capitalismo, é também sobre andar numa corda bamba com uma sombrinha na mão. Dentre tantas outras coisas, a Jurema se apresentou como uma possibilidade de um futuro multiespécie, onde a humanidade, essa abstração rasurada, redimensiona a sua desimportância.

ESCUTAR COM O CORAÇÃO E A RESPEITAR A PLURALIDADE DOSCAMINHOS DO SABER

ANTHONIELY KARINA DA SILVA

Estar no território indígena Truká foi como abrir uma porta para dentro de mim mesma. Dormir em barracas à beira do rio, sentir o vento, provar a comida local e conversar com tantas pessoas de diferentes etnias foi uma das experiências mais bonitas da minha vida. Ali compreendi — ainda mais — que o aprendizado não está apenas nos livros ou nas salas da universidade. É no encontro com gente, em suas falas diversas, em seus modos de viver e cuidar, que a psicologia se revela em sua forma mais viva. Ao mesmo tempo, esse caminho me fez reencontrar partes de mim que pareciam esquecidas. Quando criança, eu sabia os nomes das plantas, conhecia a Jurema, caminhava com naturalidade entre saberes que hoje me parecem distantes. Cresci, me afastei, desaprendi. Mas ao voltar ao território percebo que esses conhecimentos ainda estão aqui, guardados em algum lugar, prontos para serem lembrados. É como se a terra, o rio e as vozes que ecoavam ao meu redor despertassem uma memória antiga dentro de mim.

O Seminário também me deixou perguntas que não têm respostas fáceis. É possível que as ciências caminhem juntas sem que uma tente silenciar a outra? Como reconhecer a força de cada conhecimento sem criar hierarquias, sem dizer que um vale mais do que o outro? Saí com a certeza de que não existe melhor ou pior, mas sim diferentes formas de ver, sentir e cuidar do mundo. Essa experiência foi formativa porque me ensinou algo que ultrapassa o que se escreve em relatórios: me lembrou de onde venho, me convidou a escutar com o coração e a

respeitar a pluralidade dos caminhos do saber. Estar no território Truká foi aprender de novo que a formação não acontece só na universidade, mas também no reencontro com a ancestralidade, na escuta atenta e no silêncio diante daquilo que a vida nos ensina.

ESPIRITUALIDADE SE MANIFESTA NO CHÃO, NAS ÁRVORES, NAS ÁGUAS E NAS PESSOAS

KALINE SANTOS BRITO

A experiência de estar em território indígena é de praxe um reencontro com a ancestralidade de cada um de nós, o que há de mais particular e íntimo. Foram quatro dias de vivências múltiplas e cheias de sentido, aprendizado e trocas. Os rituais do café, almoço e jantar feitos pelas mãos das mulheres Truká, com todos os abraços, registros e trocas durante a espera da fila. A estadia nas barracas, que logo se tornaram uma vizinhança no quintal da casa de Yssô e Edna Truká, nos permitia acordar sentindo cheiro e gosto das águas do velho Chico. Passeio de canoa, pinturas corporais de jenipapo. Aventuras, mistérios, graça.

Sentados em uma grande roda, dentro da oca, ao lado grandes nomes da ciência brasileira com destaque aos viventes daquele território, no segundo dia da culminância desse evento preparada por tantas mãos, foi possível testemunhar pela primeira vez a ciência acadêmica ouvir as denúncias e demandas de uma comunidade que sente no corpo os efeitos da extração da Jurema Sagrada. A responsabilidade de presenciar esse momento, em que os quereres e saberes da comunidade indígena tinham lugar prioritário, representou um caminho possível de diálogos pela preservação dessa sabedoria ancestral. Além das percepções de importância inquestionável para minha formação profissional,

senti uma emoção profunda que vinha do fundo do ser, uma energia que brotava da força daquele solo sagrado e que até hoje, enquanto escrevo este relato, não consigo decifrar. Caí em lágrimas, acompanhadas de uma vontade imensa de ter o abraço de Edna e Pretinha, mulheres e guerreiras do povo Truká. Uma força mãe e feminina, encantada e sagrada. Participar da construção desse momento foi uma honra e um aprendizado imenso. Estar na Aldeia Truká significou sentir a potência de um território vivo, onde a espiritualidade se manifesta no chão, nas árvores, nas águas e nas pessoas. Senti-me vista por todos e protegida pelos encantados que habitam e guiam esse território. Ainda sigo processando tantos sentimentos e percepções, agradecida por ter sido chamada a colocar meu corpo à disposição dessa luta.

SACRALIDADE, ESCUTA, ATENÇÃO E RESPEITO

EUNICE MARIANA SILVA

Difícil pôr em palavras a força de tudo que foi vivido nos dias do Seminário. Eu sempre fui uma criança medrosa, cresci uma adulta medrosa, principalmente com um medo da natureza e de tudo que ela apresenta. Por isso, apesar da vontade de estar, fiquei com muito medo. O melhor de tudo é que este medo acabou sendo um detalhe. Acordar na beira do rio, o barulho dos passarinhos, o ventinho no início da manhã, a alimentação deliciosa e nutritiva, a programação do seminário, os convidados e tudo que compartilharam nas mesas foi muito mais potente do que o medo que sentia. Sai dessa experiência fortificada, com uma compreensão de que os saberes vão além dos acadêmicos e dos muros, muitas vezes, cinzas das universidades. Compreendi que muitas violências e apagamentos acontecem em nome

de uma ciência de boas promessas. Foi um saber construído por vivências além da literatura científica. Acolhi e fui acolhida, segui conversando e conhecendo. Foi marcante para mim a mesa de Uwira, Sidarta e Ricardo. Deixo nos registros potentes entendimentos que "terra indígena é vida", que para a ciência indígena há uma sacralidade, mas para ciência acadêmica nada é sagrado. Vi a necessidade, que apareceu em debate, de brancos e não brancos que vivem como brancos se colocarem em escuta. E como isso foi crucial: perceber a ciência acadêmica, que veste a armadura da evidência do que será melhor ao coletivo, se resguardando e percebendo a vivência da comunidade, do povo indígenas, colocando-se numa posição de ouvinte e aprendiz, apesar de geralmente estarem na posição de detentores do saber.

Tive a feliz oportunidade de dividir isso com uma equipe tão bacana de colegas. Foi bom conhecer tanta gente bizarramente inteligente que também chega nesse lugar por uma via de respeito e aprendizagem. Estar no território foi estar em escuta, atenção e respeito. Respeito a Jurema e toda sua proteção.

A UNIVERSIDADE PRECISA SE ENCANTAR

GESSICA LAVINNIA DE OLIVEIRA ESTEVES SANTOS

> *Peço licença para chegar.*
> *Peço permissão e proteção aos encantados de luz.*
> *Peço sabedoria e coragem às minhas mais velhas.*

Quando me vi caminhando por este seminário, senti no peito um turbilhão de coisas… Tudo é vida: o sussurro das folhas, o calor do abraço, o movimento do rio, a voz dos mais velhos, tudo. Sinto que cada pedaço disso hoje mora muito mais comigo. No

processo de me manter dentro da universidade, aprendi que há verdades que não cabem em salas de aula. Aprendi que alguns cantos só se revelam quando a gente para de perguntar e começa a escutar com o corpo. Durante esse tempo de universidade, de salas e textos, fui percebendo o quanto o discurso positivista, herança colonial, tenta domar o invisível, engessar o sagrado, silenciar os saberes daqueles que caminham junto aos encantados e que se nutrem e se curam pelos cuidados das florestas, das caatingas. Este seminário me mostrou que há diálogos possíveis, não concessões, mas trocas vivas. Saberes tradicionais e mundo acadêmico não precisam simplesmente coexistir à distância: podem se entrelaçar, se sacudir, se encantar mutuamente.

Grito: A UNIVERSIDADE PRECISA SE ENCANTAR.

Porque a ciência branca, com sua pressa de provar e sua cegueira para o mistério, deixa de ver que para muitos tudo é sagrado. O homem branco (e todos nós socializados nessa matriz, eu inclusive) precisa aprender a silenciar, a ouvir. Precisa desapegar-se da ânsia de falar, de teorizar, de domar. Precisamos reconfigurar nossa forma de estar no mundo, abraçar a interculturalidade não como conceito, mas como prática de peito, de pele, de escuta. Me sinto genuinamente muito abençoada por poder vivenciar tanta vida dentro do meu percurso acadêmico: gentes, risos, choro, mato, rios, sons de maracás, tintura de jenipapo, pisadas ritmadas no toré. Esta jornada me mudou, me moveu, me mostrou fios invisíveis que me entrelaçam com raízes mais velhas do que eu. Precisamos voltar ao início! Gratidão à grande mãe Jurema, por me permitir tudo isso.

SABERES ANCESTRAIS E CIENTÍFICOS PERMITEM VER MUNDO DE MANEIRA SENSÍVEL E EQUILIBRADA

NATHÁLIA ANDREZZA CARVALHO DE SOUZA

Participar do I Seminário de Medicinas Ancestrais – Jurema: Ciências, cuidados e proteção, realizado no território indígena Truká, foi uma experiência única e transformadora. Até então, meu contato com a Jurema, de nome científico Mimosa tenuiflora, era exclusivamente científico, restrito aos experimentos e leituras para minha pesquisa científica. Durante essa vivência no seminário, porém, pude conhecer a Jurema sob uma nova perspectiva, não apenas como objeto de estudo, mas como símbolo de ancestralidade, espiritualidade e resistência para os povos originários. O encontro reuniu diferentes povos. Foi especialmente marcante o contato com o povo Truká e os demais povos que estavam participando do evento. A convivência, as conversas e as trocas de saberes me fizeram compreender a Jurema não apenas como uma planta de interesse químico e farmacológico, mas como parte viva da cultura, da identidade e da espiritualidade desses povos.

Cada ritual, cada canto e cada narrativa revelavam um modo de se relacionar com a natureza, que ultrapassa o olhar técnico e se conecta ao sagrado, ao respeito e à reciprocidade com o meio ambiente. Viver essa experiência foi como atravessar uma fronteira invisível entre o laboratório e o território indígena. A Jurema, que eu costumava ver apenas por meio de artigos científicos e resultados experimentais, mostrou-se ali em sua dimensão mais humana e simbólica. Pude sentir o quanto o conhecimento tradicional carrega uma profundidade que complementa, e muitas vezes antecede, o saber científico. A imersão durante o seminário me permitiu observar de perto a força das tradições, o respeito com que cada povo lida com a Jurema e o papel que ela desempenha como elo de união entre diferentes culturas. Mesmo entre povos com costumes distintos, percebi que a Jurema é um ponto comum, um elemento que conecta histórias, crenças e territórios. Esse reconhecimento reforçou em mim a importância de valorizar e proteger esses saberes, que trazem não apenas conhecimento, mas também uma forma de ver o mundo mais sensível e equilibrada. Essa vivência ampliou minha visão como pesquisadora e como pessoa. Antes, eu via a Jurema apenas pela ótica química, agora, consigo enxergá-la também como símbolo de resistência, sabedoria e espiritualidade. Foi um aprendizado que ultrapassa o campo acadêmico, uma verdadeira experiência de conexão, escuta e respeito. Sou grata por ter vivenciado essa imersão, que me ensinou a compreender a Jurema de maneira mais completa e me inspirou a buscar uma ciência que dialogue mais com a tradição, com o território e com as pessoas que mantêm viva essa relação ancestral. Mais do que um aprendizado, essa vivência revelou a importância de construir pontes entre os laboratórios das universidades e a ancestralidade, entre o conhecimento técnico e o saber tradicional, reconhecendo que ambos se fortalecem quando caminham juntos. É nesse encontro entre ciência e tradição que nascem novas formas de compreender, respeitar e proteger a Jurema e tudo o que ela representa.

MANIFESTO DO I SEMINÁRIO DE MEDICINAS ANCESTRAIS:

JUREMA – CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

Durante os dias 21 a 24 de maio de 2025, no território sagrado do povo Truká, aldeia Tapera, às margens do rio Opará, no município de Orocó (PE), estivemos reunidos em uma grande roda de conversa para dialogarmos sobre as medicinas ancestrais, tendo como mestra e guia desses diálogos a Jurema. Nessa grande roda estiveram presentes cerca de 400 participantes representados por lideranças indígenas e pajés de povos indígenas de diferentes estados (Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), profissionais da educação escolar indígena, membros da APOIME, membros da comunidade universitária de diferentes instituições públicas (UNIVASF, IF-Sertão PE, UPE, UFPE, UFCG, UFPA, UFPA-Altamira, UFOP, USP-Ribeirão Preto, UFRPE, UNICAMP, UFRN, UFCA, UFMA), gestores e profissionais de saúde indígena (SESAI e DSEIs BA, AL-SE, PE, PB-RN, CE), representantes da AgSUS, membros de comunidades juremeiras de terreiros de PE, AL, RN e CE e operadores do direito.

O evento teve diferentes ramas para chegar em seu trançado final. Na rama das ciências, tivemos rodas de diálogo nas quais compartilhamos as diferentes ciências da Jurema. Preservando seus mistérios, juremeiros de diferentes ancestralidades e cientistas trouxeram suas diversas perspectivas: das encantarias à sua história natural e social; do contexto cultural à experiência existencial; da dimensão molecular à dimensão cósmica. Dos territórios indígenas aos reinos espirituais, pudemos observar a complexidade de suas ciências e a necessidade de alinhamentos para sua proteção.

Na rama do cuidado, refletimos sobre a importância da descolonização da saúde e dos serviços, sobre as ofertas de cuidados orientados por outras racionalidades e a importância da Jurema nesse caminho promissor e de compromisso com a vida não apenas humana, mas de todos os seres que convivem na natureza sagrada. Jurema é Vida! Por este motivo, durante todos os dias do evento aconteceu uma oficina de agrofloresta, promovendo também uma prática ancestral e diálogo com técnicas contemporâneas no cuidado do território Truká.

Na rama da proteção, ficou evidente a necessidade de reafirmar que a Jurema é sagrada e, para todos/as que desejam compartilhar da vida com ela, preservar e semear ainda mais suas espécies e protegê-la de relações utilitárias ou apropriação indevida constitui- se um imperativo ético. Neste sentido, uma oficina de audiovisual envolvendo os jovens Truká se somou para fortalecer linguagens de comunicação, para expandir o acesso à informação e compreensão da importância de proteção de nossa mãe Jurema. Em meio ao trançado possibilitado pelos fios dessas ramas, oficinas de neurociências, pinturas corporais e artesanatos indígenas marcaram nossa mente e corpo sobre desafios para confluir saberes em benefício e defesa da Vida.

Nas cosmologias indígenas, a Jurema é a "árvore da sabedoria", um elo entre o mundo físico e o mundo espiritual. Muito mais do que um simples vegetal do bioma da Caatinga, a Jurema é considerada uma entidade viva, dotada de espírito, e ocupa papel central nos rituais sagrados, tradições orais e práticas de cura. Vale destacar a precedência dos povos indígenas na relação com a Jurema Sagrada. Os artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988 e a Convenção 169 da OIT asseguram o direito originário dos povos indígenas sobre seus usos, costumes e tradições. Dessa forma, as práticas religiosas indígenas envolvendo o uso da

Jurema estão legalmente amparadas. Mas a Jurema também está presente nas cosmologias dos povos de terreiro e das populações afrodescendentes. Por essa razão, essa roda de conversa partiu do princípio de que a Jurema não possui donos, ela é a Mãe Acolhedora, Cuidadora, Conselheira e Protetora de todas e todos que a ela recorrem em busca de cuidados e proteção.

Durante séculos, os povos indígenas e afrodescendentes do Nordeste enfrentaram repressão e perseguição por praticarem suas religiões. Ainda assim, a Jurema permaneceu viva, transmitida oralmente de geração em geração, resistindo à colonização, à cristianização forçada e à marginalização das tradições originárias. Por esse motivo, nós também a reconhecemos enquanto Sujeito de Direitos, assim como toda a Natureza Sagrada. Além de seu valor espiritual, a Jurema possui propriedades medicinais, sendo usada tradicionalmente para tratar feridas, infecções e dores. Sua casca é rica em taninos, e estudos científicos modernos têm investigado suas propriedades antimicrobianas e regenerativas, além de possibilidades de cuidados com a saúde mental. No entanto, seu uso fora de contextos tradicionais — como em laboratórios de pesquisas, lugares inadequados e para fins turísticos — desperta preocupações éticas, especialmente quanto às práticas e aos conhecimentos ancestrais. Em face de sua sacralidade, o Segredo constitui-se um aspecto central na relação dos povos indígenas com a Jurema Sagrada, o que requer uma atitude de respeito às práticas ancestrais dos diferentes povos juremeiros.

Por esse motivo, a participação de estudantes, professores, pesquisadores e técnicos de diferentes universidades públicas e vários órgãos governamentais nessa roda de conversa exige uma profunda reflexão sobre as dimensões éticas da pesquisa e da construção do conhecimento acadêmico, considerando a

necessidade de descolonizar — contracolonizar — modelos metodológicos e epistêmicos para a estruturação de novas bases de pesquisa simétricas que possam confluir com a dimensão sagrada da Jurema. Partindo dessa compreensão, nessa roda de conversa assumimos uma atitude de contemplação, em uma perspectiva sentipensante, onde o Sentir e o Pensar nos ajudaram a escutar a voz da Jurema, assim como sempre fizeram nossos ancestrais e continuam a fazer hoje os nossos pajés, as mães e pais de santo, os cuidadores e cuidadoras de terreiros etc.

Por outro lado, nos preocupa a garantia do exercício do direito na preparação, no uso e no transporte da Jurema por parte de povos indígenas e grupos religiosos que fazem seu uso de forma sagrada — legítima. Isto reforça a importância da construção de mecanismos de segurança jurídica para a proteção da Jurema e dos povos que se relacionam de forma sagrada com ela. O evento propôs a construção de um grupo de trabalho para desenvolver propostas de abertura de processo de tombamento da Jurema Sagrada como patrimônio imaterial, através da realização de consulta pública aos diferentes povos juremeiros. Todavia, reconhecemos a importância não apenas da proteção da Jurema, como também da preservação do bioma da Caatinga, seus rios e toda a sua sociobiodiversidade. O evento lançou a semente para uma aliança dos povos juremeiros e firmou o compromisso de nos reencontrarmos novamente às margens do Opará, no território Truká, no ano 2026. Concluímos nossa roda de conversa assumindo a responsabilidade coletiva na proteção da Jurema, pois protegê-la é proteger nossa própria vida!

Território indígena Truká,
Aldeia Tapera, Orocó, Pernambuco
24 de maio de 2025.



26. Vista aérea do território indígena Truká Tapera, com destaque para o arquipélogo de ilhas flúvias do Rio Velho Opará (também conhecido como Rio São Francisco).



27. Vista da oficina de Agrofloresta, com destaque para os participantes e mudas que foram utilizadas durante a atividade.



28. Foto com participantes da Oficina de Agrofloresta ao final de atividade prática realizada durante do Seminário em maio 2025.



29. - Imagem do maracá, elemento sagrado dos povos indígenas e instrumento indispensável nos trabalhos espirituais.



30. – Imagem do terreiro sagrado da Aldeia Apolônio Salles, no Território Truká Tapera.



31. Imagem de vela sendo queimada durante ritual sagrado de Toré ao final do Seminário.



32. Cacique, Mestre de Terreiro e outras lideranças durante ritual Sagrado de Toré.



33. Jovem Truká acendendo o kuak, elemento sagrado usado nos rituais. O kuak também pode ser nomeado de guia, campiô ou cachimbo.



34. Jovem Truká manifestando um toante sagrado durante ritual de Toré.



35. Imagem do terreiro sagrado durante ritual de Toré, com destaque para o Santo Cruzeiro, símbolo fundamental da religiosidade Truká.



Copyright© 2026 by Editora Reviver
Todos os direitos reservados

FUNDAÇÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA UFPE (FADE-UFPE)

JUREMA

CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

COORDENAÇÃO DE PROJETO:
Alexandre Franca Barreto, Edna Truká, Edivânia Granja, Yssô Truká.

COORD. EDITORIAL / PROJETO GRÁFICO:
Estúdio Criativo Reviver / Giovanni Tabolacci

TRANSCRIÇÃO / ADAPTAÇÃO / EDIÇÃO DE TEXTO E REVISÃO:
Marina Parra, Silvia Anderson

MENTORIA:
Orlando Cardoso de Oliveira (MTB Nº 8971)

FOTOGRAFIA: ARICA Cinematográfica / Iberê Périsé, Adriano dos Santos Barros, Mirian Vieira dos Santos, Kayky Cirilo Vieira Martins, Géssica Maisa da Conceição Barros, Sandy Francielly Soares Ferreira, Kauanny Rodrigues Alves dos Santos, Larissa Patrícia dos Santos **CAPA:** Adriano dos Santos Barros.

AUTORES: Neguinho Truká, Pretinha Truká, Marquinhos Xukuru, Patricia Pankararé, Elisa Pankararu, Zenilda Xukuru, Anália Tuxá, Pajé Manoel Cacheado, Pai Alex Gomes, Rodrigo de Azeredo Grünewald, Guilherme Medeiros, Pajé Ulisses Truká, Mestre João Batista Figueredo de Oliveira, Marcelo Leite, Dráulio Araújo, Uwira Xakriabá, Ricardo Moebus, Sidarta Ribeiro, Saulo Feitosa, Cicinho Xukuru-Kariri, Angélica Maia, Luís Fernando Tófoli, Ednaldo Xukuru, Pajé Dão Truká, Yssô Truká, João Bosco, Alexandre Franca Barreto, Yanderson Marcos da Silva Ramos, Anthoniely Karina da Silva, Kaline Santos Brito, Eunice Mariana Silva, Gessica Lavinnia de Oliveira Esteves Santos, Nathália Andrezza Carvalho de Souza.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

JUREMA: CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO / [COORDENAÇÃO DE PROJETO] ALEXANDRE FRANCA BARRETO...[ET AL.]. -- SÃO PAULO :EDITORA REVIVER, 2026.
[LIVRO ELETRÔNICO] PDF [FORMATO DIGITAL]

OUTROS COOORDENADORES: EDNA TRUKÁ, EDIVÂNIA GRANJA, YSSÔ TRUKÁ
ISBN 978-65-88983-25-6 / 26-357543.0./ CDD-615.535

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. PLANTAS MEDICINAIS : MEDICINA NATURAL 615.535
SUELEN SILVA ARAÚJO OLIVEIRA - BIBLIOTECÁRIA - CRB-8/11482

FUNDAÇÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA UFPE / RUA ACADÊMICO HÉLIO RAMOS, 336. VÁRZEA / RECIFE-PE / 50740.533 / FADE.ORG.BR

ESTA É UMA PUBLICAÇÃO DESENVOLVIDA COM BASE EM PROCESSOS CRIATIVOS HUMANOS E USO CONSCIENTE DE TECNOLOGIAS. VALORIZAMOS O OLHAR, A AUTORIA E A SENSIBILIDADE DE PESSOAS. DIGA NÃO AO USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM OBRAS VISUAIS E EDITORIAIS.

UNIVASF – ACIRPE-IFSERTÃO PE – MEC SECAD

JUREMA

CIÊNCIAS, CUIDADOS E PROTEÇÃO

Alexandre Franca Barreto
Edna Truká / Edivânia Granja
Yssô Truká (Orgs.)

A jurema é "ser viva", que de tão viva nossa ciência acadêmica a transformou em algumas espécies com milhares de vidas. Mas sua forma de planta é uma espécie de portal para muitas culturas humanas, que leva a um caminho profundo e elevado. Entre mistérios e segredos mais ou menos compartilhados as ciências se fazem. Desta forma, compartilhamos aqui segredos e mistérios que são revelados a cientistas que transitam em múltiplas cosmovisões em busca do respeito e da ética da vida. Foi por isso que povos indígenas do Nordeste brasileiro se reuniram no território do povo Truká junto com comunidades acadêmicas e de terreiro que cultuam a Jurema. Este livro apresenta partes deste diálogo sobre a Jurema, que deveria ter acontecido há 525 anos, como nos disse o cacique Neguinho Truká.

ISBN 978-65-88983-25-6
9 786588 983256